

Tidinha

uma história de família

Tidinha
uma história de família

Produção Executiva

Ismael Abreu

Texto e Direção Geral de Conteúdo

Márcio de Abreu

Projeto Gráfico e Editoração

Marcelo Abreu

Revisão de Textos

Silvia Noronha

Ilustrações

Lincoln Marinho

Inspirado na obra de Dora Abreu “Seguindo em Frente”

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

A146t Abreu, Márcio de.
Tidinha: uma história de família / Márcio de Abreu ; ilustração
Lincoln Marinho . – Salvador: M. de Abreu, 2013.
132 p. ; il.

ISBN

1. Memórias. 2. Literatura brasileira. 3. Biografia de mulheres.
4. Histórias de família. I. Marinho, Lincoln. II. Título.

CDD 920
CDU 82-94

Apresentação

A história contada neste livro teve início em meados da década de 1940, na antiga Vila do Cumbe – hoje município de Euclides da Cunha – a partir da união entre Glicério Lívio de Abreu e Hilda Campos Silva, carinhosamente chamada por todos de Tíndia.

Rapaz de origem humilde, filho de lavradores, Glicério foi, desde cedo, um visionário. Apesar das circunstâncias nunca terem lhe permitido passar do ginásio, sempre acreditou na educação como forma de vencer o ciclo vicioso que condena muitas famílias do interior nordestino à pobreza e à ignorância. Como pai, não mediu esforços para proporcionar aos filhos as oportunidades que nunca teve. Percorreu o sertão baiano com a família, em busca de melhores condições de vida, trilhando o caminho que um dia o levaria à capital do estado, Salvador, onde esperava realizar sua maior aspiração: ver todos os filhos formados. Infelizmente, morreu precocemente, aos 49 anos, deixando para a esposa (na época, grávida do nono filho) a missão de prosseguir sozinha em busca da concretização do seu grande sonho.

Dentro dos limites impostos pelos padrões culturais da época, Tíndia lutou lado a lado com Glicério, superando dificuldades e seguindo em frente com força e determinação, mesmo após a morte trágica do marido. Sendo assim, Tíndia, Uma História de Família retrata a nossa própria história a partir da trajetória dos nossos pais, trazendo como referencial temporal os mais de oitenta anos vividos por nossa mãe, Tíndia, “pedra angular” da família e sem a qual o sonho de Glicério nunca teria se concretizado.

De forma leve e dinâmica, o livro parte das origens dos nossos antepassados e do encontro do casal, que deu origem a uma numerosa família de nove filhos. Nele, estão retratados os fatores e as motivações que contribuíram para que nossos pais tenham agido com tanta determinação durante suas vidas, vencendo as adversidades associadas à pobreza extrema e aos aspectos socioeducacionais desfavoráveis que, até hoje, estigmatizam o sertão baiano.

Para além da história de Glicério e Tíndia, o livro traz passagens da nossa infância e adolescência, do nosso convívio em diversos momentos, nas cidades onde moramos, até chegarmos à capital do estado. Ilustra, também, as dificuldades enfrentadas pela família, principalmente após a morte inesperada de Glicério. São histórias simples, e até engraçadas, do nosso cotidiano, que retratam os métodos e os valores transmitidos pelos mais velhos, a determinação do nosso pai em nos ensinar a importância dos estudos, e a garra e o otimismo de nossa mãe para manter a coesão familiar nos momentos de maiores tribulações.

Registrar a história da nossa família na forma de um livro foi a maneira pela qual decidimos expressar o nosso amor, reconhecimento e carinho pelos principais responsáveis por nossa formação como pessoas.

A nossa história é a história de muitas famílias do interior nordestino. São histórias de pessoas fortes, característica típica do Sertanejo. Que a fortaleza de Glicério e Tíndia, e das tantas outras pessoas referidas neste livro, possam inspirar as nossas atuais e futuras gerações, sensibilizando-as sobre a importância da educação como forma de mudar os rumos das pessoas, de um país e do mundo.

***José, João, Jozélia, Tobias, Ismael, Dora,
Francisco e Socorro Campos de Abreu, e Glicério Lívio de Abreu Jr.***

Agradecimentos

Amizade, solidariedade e gratidão são características intrínsecas da cultura sertaneja. Ninguém melhor que o homem do sertão para saber da importância de uma ajuda, de um apoio, ou de um simples gesto de conforto, nos momentos de dificuldade. Na vida de Tíndinha e Glicério, as dificuldades foram muitas. Em nome dos nossos pais, agradecemos a todos os parentes, amigos, amigas, compadres e comadres que, mesmo não tendo sido citados neste livro, os apoiaram e concederam o privilégio de suas amizades, fazendo parte das suas trajetórias de vida.

Tíndinha e Glicério levaram uma vida simples, cercados por pessoas queridas, as quais, temos certeza, estiveram sempre presentes em seus corações, pensamentos e orações. Obrigado a todos!

Agradecemos, também, ao historiador, genealogista e escritor José Dionísio Nóbrega e ao jornalista Celso Mathias Amorim, pelas valiosas informações fornecidas sobre as origens das famílias Campos e Abreu em Euclides da Cunha.

SUMÁRIO

As origens	9
Vida e morte Carnalba	10
Glicério Lívio de Abreu	15
O encontro	18
O namoro	21
O casamento	24
Vida em família	26
Os três primeiros filhos	30
As aventuras de um tropeiro	36
Um novo começo	40
Três morros	44
Vida de cigano	49
Sacrifícios	59
A chegada a Salvador	77
O novo lar	80
Novas conquistas	85
Um marco doloroso	92
Seguindo em frente	95
E a vida continua	98
Novos tempos	102
Cada qual no seu canto, sofre o seu tanto	110
O voo da Periquita	115
Oitenta anos de vida	118
O umbuzeiro	122



As Origens

O trajeto de Jeremoabo para Tucano era longo e cansativo. A estrada de terra seca, percorrida sobre o lombo de um animal, era capaz de drenar o ânimo mesmo daqueles que foram nascidos e criados debaixo do sol quente do sertão. José Pires imaginou que a queimadura do meio-dia devia estar a lhe confundir o juízo. Custou a acreditar que as patas do seu cavalo estavam cobertas de lama molhada. Voltou por cima do rastro em busca de algo que confirmasse que aquilo não era uma alucinação causada pelo calor. Encontrou um borbulhar brotando da terra, próximo a um pé de gameleira. Era um olho d'água.

José Pires da Fonseca era filho de um dos homens mais influentes de Jeremoabo, o Capitão-mor Francisco Pires da Fonseca. Era início do século XIX, por volta de 1810, quando resolveu deixar a terra natal e se aventurar pelo sertão. Queria viver por conta própria, longe da influência do pai e da família. Para José Pires, topar com aquela água saindo do chão foi um presságio. Apropriou-se das terras em torno do olho d'água e ali decidiu recomeçar a vida. Naquele tempo, ainda era possível encontrar nas redondezas alguns remanescentes dos índios Caimbés, primeiros habitantes da região. Com o passar dos anos, o lugar foi se transformando num povoado, mais tarde batizado pelo nome de "Carnaíba", palavra de origem Tupi que significa "planta espinhosa". José Pires ficou conhecido pelo título de Major Pires, o fundador da Carnaíba, como até hoje é lembrado. Foi nesse pequeno povoado, no seio do sertão baiano, que nasceu Hilda Campos Silva, trineta de José Pires, conhecida por todos como Tíndinha.



Vida e Morte Carnaíba

Ismael Augusto da Silva era um homem de meia idade, ombros largos, bigode grosso e expressão amável. Era uma espécie de coronel, dono de boa parte das terras da Carnaíba, herança deixada pelo bisavô, José Pires. Embora não morasse no povoado, tinha por lá uma casa, próxima ao brejo do olho d'água, e um engenho de madeira onde se produzia rapadura. Também era um homem instruído. O pai era professor, o que lhe garantiu acesso a uma educação de qualidade, dentro dos padrões locais. Expressava-se de maneira eloquente, tanto pela fala quanto pela escrita. A instrução recebida do pai lhe permitiu exercer cargos importantes na cidade de Monte Santo e na Vila do Cumbe, chegando a ser tabelião e escrivão de cartório. Tudo isso contribuía para criar um sentimento de reverência do povo da Carnaíba em relação a Ismael, de modo que, a cada visita que fazia, todos paravam para admirar a sua entrada no povoado, montado em seu grande alazão, sobre uma linda cela com arreios de prata.

Foi num desses dias de visita, nos idos da década de 1920, que Ismael parou seu cavalo em frente à pequena casa que ficava na estrada da Serra Vermelha. Desceu do animal e caminhou alguns passos, detendo-se em frente à porta entreaberta. Tirando o chapéu, anunciou sua chegada:

- Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Uma voz feminina respondeu do fundo da casa:

- Para sempre Deus seja louvado!

A pequena silhueta foi se aproximando da porta, até que a luz do sol revelou o semblante de uma mulher jovem, de traços finos e olhar firme. Se é verdade que as mulheres da Carnaíba eram de baixa estatura por natureza, Maria Magdalena Campos conseguia chegar aos limites dos padrões de pequenez da região. Era conhecida na Carnaíba pela impressão que sua voz causara às pessoas do povoado, quando, na ocasião da derrubada do pé de gameleira que ficava próximo ao olho d'água, derramou um canto choroso, em forma de lamento, que emocionou a todos os presentes. Talvez pela combinação da bela voz com a pequena estatura, tenha recebido o apelido de "Periquita", ou "Periquitinha", como era chamada pelos mais chegados. A pouca altura da Periquita era ainda mais acentuada quando resolvia soltar os longos e lisos cabelos negros. Coisa rara de acontecer, já que eles estavam sempre amarrados em uma espécie de coque. Apesar do tamanho e do gosto pelo cantar, tinha o gênio forte e tempestuoso. Não era chegada a gracejos. Parando em frente à entrada da casa, perguntou desconfiada:

- A que devo a ocasião de mais uma visita, Sr. Ismael?

Já fazia algumas semanas que Ismael andava de rodeios com Periquita. Fazia visitas cada vez menos casuais, procurando aproximar-se da jovem como quem não quer nada. Naquele dia, esboçou um sorriso simpático e, com o encanto característico daqueles que estão acostumados a ter as coisas do seu jeito, respondeu com um tom galante:

- Bom dia, D. Magdalena! Saí hoje cedo de Monte Santo para vir aqui pedir a senhora em casamento.

Foi difícil para Periquita disfarçar o espanto. Já desconfiava do interesse de Ismael pela sua pessoa, era verdade. Mas uma proposta daquelas, assim de supetão, era, no mínimo, inusitada. Além disso, Ismael mal havia terminado de enterrar a segunda esposa. Já era pai de quatro filhos. Com a primeira mulher, teve um menino chamado Belarmino. Da segunda esposa, nasceram mais três crianças: Lourival, o "Lourinho"; Cecília, chamada "Ceci"; e Adelina, cujo nome foi colocado em homenagem à própria mãe de Ismael.

Periquita posou de indecisa no início. Pediu tempo para pensar. Apesar da admiração que todos na Carnaíba sentiam por Ismael, não queria que as pessoas do povoado pensassem que ela era "mulher fácil". Passou algumas semanas se fazendo de difícil, até que, finalmente, resolveu ceder aos galanteios do pretendente.

A cerimônia do casamento foi realizada ao ar livre, em um terreiro que ficava próximo ao olho d'água, no mesmo lugar onde, mais de cem anos antes, o Major Pires havia fundado a Carnaíba. A pedido do noivo, Periquita cantou Lua Branca para os convidados, uma famosa modinha da época, encantando a todos com sua bela voz. A festa se prolongou por altas horas, animada pelos seresteiros e pelo bater dos copos de cachaça, em brindes ao novo casal. O som dos violões ecoava pela noite sertaneja. Aos poucos o sol foi despontando no horizonte. Ismael e Periquita eram, agora, marido e mulher.

Periquita deu a Ismael duas meninas. Tidinha veio ao mundo em 7 de março de 1928, por volta de um ano após o nascimento da sua irmã mais velha, Glorinha. Ainda eram crianças quando o pai faleceu. A morte precoce de Ismael foi um grande peso para Periquita. Enviuvou ainda nova, com duas filhas pequenas para criar. Na busca de superar a tristeza pela morte do marido, resolveu assumir a criação do filho mais novo da sua irmã. Raimundo Bezerra foi adotado desde o primeiro dia de nascido e criado como se fosse seu próprio filho. Tornou-se o xodó da Periquita.

A educação das crianças foi marcada pelo rigor da época. Desobediência e rebeldia eram resolvidas na pancada. Com a Periquita, não era diferente. A ausência de uma figura adulta masculina era compensada pela rigidez com que criava os filhos. Periquita era conhecida pela severidade dos seus castigos, fama que a acompanhou até os tempos em que trabalhou como alfabetizadora na Vila do Cumbe. Cada letra errada era recebida com um bolo de palmatória ou uma lapeada de régua:

- Que letra é essa, minino?

- É bê, iaiá!

- É bê nada! Isso aqui é um pê, de palmatória, seu cabeçudo!

E tome-lhe pancada! Os mais indisciplinados tinham tratamento especial. Eram colocados de frente para a parede, ajoelhados no milho, até não aguentarem mais segurar o choro. A coisa era assim, para aprender que com a Periquita não se brincava.

Glorinha, Raimundo e Tidinha cresceram trabalhando na roça, junto com a mãe, plantando feijão, mandioca, aipim e todo o pouco que nascesse naquela terra seca. Apesar do olho d'água, a Carnaíba sempre fora um lugar pobre e isolado, como eram a maioria dos povoados da região. De fato, fazia jus ao nome. Quanto às posses e a riqueza do Major Pires, foram se dissipando com o passar das gerações, em função do grande número de herdeiros e dos longos períodos de seca que, até hoje, assolam o sertão baiano.

Apesar da pobreza, Periquita não permitia que os filhos reclamassem da vida. Ao menos tinham herdado de Ismael alguma terra, além do brejo do olho d'água e do engenho de madeira, onde podiam plantar cana e fazer rapadura. Além do trabalho no campo, as meninas também tinham que ajudar com as tarefas da casa, serviço do qual Raimundo era dispensado; regalia de ser filho homem.

Os três foram alfabetizados pela própria Periquita. Na Carnaíba, não havia escola. A oportunidade de aprender a ler e a escrever era privilégio de poucos. Além de estudar, eram obrigados a ler a Bíblia, decorar orações e frequentar a igreja. O passar dos anos e a dor que sofrera com a morte de Ismael transformaram Periquita em uma mulher extremamente religiosa, qualidade que seria herdada pela filha Tidinha.

Tidinha e Glorinha tinham quase a mesma idade. Cresceram na Carnaíba, trabalhando, rezando e brincando juntas. Na época da adolescência, já eram amigas inseparáveis. Confiavam uma à outra os seus segredos, de modo que, certa feita, Glorinha chamou Tidinha para conversar:

- Tenho uma coisa pra lhe contar, minha irmã! É coisa séria! Ninguém pode ficar sabendo.

- Deixe de mistério e diga logo, moça, que eu já tô ficando curiosa!

Glorinha respirou fundo e continuou:

- Tô apaixonada pelo Zuza e a gente já tá até namorando.

Tidinha arregalou os olhos. Não acreditou no que acabara de ouvir. Namorar escondido era uma falta gravíssima! E, como se não bastasse, ainda havia um outro agravante: Zuza era negro. Naquela época, quando o ranço da escravidão e do preconceito ainda estavam longe de se desvanecer, era inadmissível que uma menina branca, da estirpe de Glorinha, namorasse um descendente de escravos. Afinal, apesar da pobreza em que viviam, Glorinha era filha de Ismael Augusto da Silva, bisneto do Major Pires, o fundador da Carnaíba.

Não demorou muito e a fofoca já circulava pelo povoado: "a filha da Periquita está de namoro com o Zuza!" A notícia foi recebida com indignação pela Periquita. O que diria Ismael se ainda estivesse vivo? Periquita repreendeu a filha ao modo da época. Dizem que foi uma surra de meter medo. Glorinha, com o corpo e o coração quebrados, sucumbiu à depressão. Os dias se passaram e, inconformada com a impossibilidade de viver o seu amor, resolveu tirar a própria vida. Deixou uma carta para a mãe, a qual Periquita guardou por muitos anos.

O corpo de Glorinha foi enterrado a alguns metros da casa onde moravam. No local, Periquita mandou construir uma capela com um altar, em memória da filha. Talvez quisesse transformar Glorinha numa espécie de santa e, quem sabe dessa forma, conseguir o seu perdão. No entanto, ainda levaria muito tempo até que conseguisse perdoar a si mesma. A dor da culpa era insuportável. Seu coração se encheu de amargura. Queria partir para longe, deixar de vez a Carnalba, onde tudo a fazia lembrar da filha morta. Chamou Tidinha e Raimundo para lhes comunicar sua nova decisão. Em poucas semanas, organizaram tudo, juntaram os seus pertences e colocaram o pé na estrada, rumo à Vila do Cumbe.



Glicério Lívio de Abreu

João não conseguia ficar parado. Caminhava de um lado a outro da sala, a bota arrastando no chão de terra batida. De dentro do quarto, os gritos de Donana, sua esposa. Nessas horas, a agonia era tanta que chegava a prender a respiração. Não se acostumaria nunca. Em meio aos pensamentos, ouviu os passos da parteira que, com os olhos cansados e os lábios iluminados por gotas de suor, abriu a porta do quarto e esboçou-lhe um sorriso, balançando a cabeça afirmativamente. O rosto de Donana se voltou para João. A voz saiu como um sussurro:

- João, venha conhecer o Glicério. Olhe os olhos dele. Esse é o mais lindo de todos...

Não era a primeira vez, nem a última, que iria ouvir aquela frase. Glicério Lívio de Abreu era o quinto filho do casal, João Lívio de Carvalho e Ana Carvalho de Abreu, também conhecida como Donana. Rapaz alto, muito branco e de olhos azuis, tinha as faces bem rosadas, o que lhe rendeu o apelido de “manga-rosa”, ficando assim conhecido, tanto na Vila do Cumbe, como na Fazenda do Limoeiro, onde morava com a mãe e os irmãos.

Os primeiros Abreus chegaram no Limoeiro por volta da primeira metade do século XIX. Apesar do sobrenome português, o povo conta que eram descendentes de holandeses; os mesmos que invadiram e ocuparam a capitania de Pernambuco

durante o século XVII. Reza a lenda que, com a retomada da cidade pelos pernambucanos, muitos holandeses resolveram fugir em direção ao sertão nordestino, adotando sobrenomes portugueses para não serem perseguidos. Com o passar do tempo, acabaram chegando na Bahia, fincando por aqui suas raízes, como foi o caso dos Abreus. Dizem que, mesmo depois de passados tantos anos, não gostavam de se misturar, de modo que era comum casarem-se entre si. Foi dessa forma que muitos conseguiram preservar os olhos azuis e a pele branca, características do povo da Holanda. Se a história é lenda ou verdade, ninguém sabe ao certo. O fato é que os Abreus sempre foram chegados aos casamentos entre primos e, até hoje, muitos dos mais velhos possuem os olhos azuis e a pele clara.

Donana era neta de João Antônio de Abreu, um dos primeiros a se estabelecer na Fazenda do Limoeiro. Ainda não tinha 40 anos completos quando ficou viúva. Ao contrário da maioria das mulheres da família, decidiu que não se casaria novamente. Assumiu o matriarcado, conduzindo com firmeza a criação dos oito filhos. Desde cedo, as crianças já aprendiam a mexer com a terra e a cuidar dos poucos animais criados na fazenda, que ficava próxima ao povoado de Umburanas, local de terra seca onde nem tudo que se plantava era certo de crescer. A família vivia do que produzia. Apesar das dificuldades, Donana fez questão de que os filhos fossem alfabetizados. Partiam cedo para Umburanas, onde havia uma professora pública, já que não existia escola nos arredores. iam e voltavam a pé, ainda em tempo de ajudar a mãe no roçado.

Dos filhos de Donana, Glicério era o mais reservado. Desde criança que nunca fora de muita conversa, comportamento quase sempre interpretado como timidez. Inteligente e curioso, Glicério não se identificava com o trabalho na fazenda. Logo cedo, tomou gosto pela leitura, passando a fazer dela uma rotina. Devorava os livros velhos e as revistas usadas que recebia de presente, conseguidos por um tropeiro chamado Damião, um velho amigo de Donana que vinha semanalmente a Umburanas vender seus produtos. Admirado com o apego que Glicério tinha pela leitura, Damião procurava incentivar o interesse do garoto. Em pouco tempo, o menino já sabia escrever corretamente e fazer contas.

A crescente dedicação de Glicério aos estudos lhe proporcionou o primeiro emprego longe da roça. Já era um rapaz quando Manoel do Conselho Campos, o Seu Detinho, o convidou para trabalhar na sua pequena casa comercial, uma espécie de mercearia localizada na Vila do Cumbe. Inicialmente, trabalharia apenas aos sábados, dia da tradicional feira e durante o qual o movimento da mercearia aumentava além do normal, sendo necessário contratar mais funcionários.

Era assim que Glicério, antes dos dias de sábado amanhecerem por completo, costumava subir no lombo do seu burro e seguir em direção ao Cumbe, rumo à venda do Seu Detinho, como era conhecida a mercearia. Ia acompanhado dos dois

irmãos mais velhos, que levavam para vender na feira os produtos que cultivavam na Fazenda do Limoeiro. O trajeto era longo, mas Glicério seguia contente, com um sorriso disfarçado no canto da boca. Ao menos nos sábados, não mais precisava acompanhar os irmãos mais novos e a mãe no roçado. Além disso, na mercearia tinha a oportunidade de colocar em prática suas habilidades de cálculo e escrita. Atendia os clientes com seriedade, passava troco, controlava as vendas a fiado e a quitação dos débitos daqueles que deviam na casa. Vez por outra, metia-se a calcular o fluxo de caixa do dia, o que deixava Seu Detinho bastante impressionado.

A feira do velho Cumbe era uma verdadeira festa e aquela agitação toda intrigava Glicério. Os sons dos feirantes anunciando seus produtos misturavam-se aos berros dos carneiros e bodes, com o roncar dos porcos e o cacarejar das galinhas, criando uma verdadeira sinfonia sertaneja. O cheiro da carne-de-sol fritando antecipava a fome do almoço, convidando os transeuntes a uma pausa nas compras. A diversidade de produtos criava um colorido que fazia brilhar os olhos curiosos do rapaz. Na feira do Cumbe, vendia-se de tudo: legumes, frutas, verduras, derivados do leite, redes, panelas, acessórios de couro, ferramentas, animais e tudo mais do que se pudesse produzir ou criar na região. Aquele ambiente estimulante, cheio de vida e movimento, era a verdadeira expressão da grandeza e da potencialidade da economia do povo do sertão, e Glicério sentia-se feliz em poder testemunhar aquilo tudo. Foi na Vila do Cumbe, hoje município de Euclides da Cunha, em meio à confusão da feira, que Glicério conheceu a mulher de sua vida.



O Encontro

Era dia de feira na Vila do Cumbe, dia da semana favorito de Glicério. No caminho para a venda de Seu Detinho, foi detido por um chapéu de couro que lhe chamou a atenção pelas abas contornadas por um pequeno viés de cor azul, a cor dos seus olhos. A combinação do couro cru com aquele pequeno detalhe em azul lhe encantou. Perguntou o preço, já calculando quanto tinha de dinheiro no bolso. Foi nesse momento que uma jovem morena clara se aproximou da tenda e, percebendo o interesse do rapaz pelo chapéu, disse-lhe sorrindo:

- Esse aí vai ficar bonito mesmo em você! Combina com seus lindos olhos!

Glicério sentiu uma onda de calor percorrer-lhe o pescoço. Conhecia a moça de vista. Se não estava enganado, era a prima do seu patrão. Ficou encabulado. Já havia recebido elogios, principalmente pelos seus olhos, mas nunca vindos de uma mulher tão jovem e daquela forma tão direta. Seu rosto, automaticamente, se enrubescceu, destacando ainda mais o tom avermelhado que lhe rendera o apelido pelo qual era conhecido.

Percebendo o embaraço do rapaz, a moça continuou num tom brincalhão:

- Só tô dando meu parecer... Não carecia de ficar vermelho não, home!

A espontaneidade da moça serviu apenas para aumentar o constrangimento de Glicério que, de manga-rosa, já estava passando a pimentão. Não sabia como lidar com a desenvoltura da jovem morena. Aquela moça parecia ser a antítese da sua personalidade. Sentiu uma mistura de curiosidade e fascínio. Procurando vencer a timidez, colocou o chapéu na cabeça, perguntando à moça:

- Cê acha que ficou bonito mesmo?

Ela, muito à vontade, respondeu de forma enfática, estendendo-lhe a mão:

- Vixe! Demais da conta! E já que o moço ainda não se incomodou de saber a minha graça, eu mesma me apresento: me chamo Tíndinha.

Glicério ficou ainda mais encabulado. Nervoso, com o dinheiro numa mão e o chapéu na outra, entre pedidos de desculpa, deixou o chapéu cair ao chão para poder cumprimentar a moça. Os dois caíram no riso e a conversa prosseguiu com sorrisos e troca de olhares. Só perceberam a passagem do tempo quando um dos filhos do Seu Detinho chegou correndo e gritando:

- Cê tava onde, home, que ainda não apareceu pra trabalhar? Venha, que meu pai tá lá lhe esperando! E avia, que a venda já tá cheia de gente!

Os sinos da Igrejinha da Praça do Cumbe já anunciavam a missa das oito horas. Glicério antecipou-se para se despedir de Tíndinha. Foi quando ela lhe disse que passaria, mais tarde, na venda de Seu Detinho para fazer algumas compras, de modo que poderiam se ver novamente e conversar um pouco mais. Ele sorriu satisfeito, observando quando a jovem saiu andando de mansinho, ajeitando seu boca-pio. Olhou com admiração para a cintura fina da moça e as batatas das suas pernas, bem torneadas e bem feitas. Nunca uma mulher havia lhe chamado tanto a atenção. Era a primeira vez que sentia aquilo.

No final da tarde, Tíndinha apareceu na venda de Seu Detinho, como prometera. O próprio Glicério a atendeu, tentando disfarçar a empolgação e procurando adotar um tom formal, uma vez que estava no seu ambiente de trabalho. Mantendo-se discreto e de cabeça baixa, pesou e enrolou os dois quilos de açúcar solicitados por Tíndinha, dobrando cuidadosamente as pontas do papel de embrulho. Enquanto preparava o pacote, observava com desejo, pelo canto do olho, a cintura fina e as pernas da moça. Não tiveram muito tempo de conversar, já que Raimundo, primo e irmão adotivo de Tíndinha, logo entrou na venda em sua busca, informando à irmã que Periquita estava feito um bicho à sua procura.

Tidinha agradeceu a Glicério pelos dois quilos de açúcar, estendendo-lhe o dinheiro e lançando-lhe um olhar, enquanto guardava o pacote no boca-pio. Na saída da venda, fingiu tropeçar num batente, jogando ao chão o boca-pio com os produtos que havia comprado na feira. Glicério atravessou correndo o balcão para ajudá-la. Abaixados, enquanto arrumavam as compras, olharam-se muito de perto. Ela lhe tocou suavemente a mão, dizendo-lhe baixinho:

- Espero por você daqui a sete dias, no sábado que vem, naquele mesmo lugar e horário que lhe encontrei hoje.

Glicério estremeceu com o toque da mão da moça. Balançou a cabeça em consentimento e voltou para trás do balcão para atender um outro cliente que acabara de entrar na venda.

Foi assim que Glicério e Tidinha se conheceram. Ela nunca tinha visto olhos mais lindos do que os de Glicério. Para ele, aquela moça era um mistério que provocava sua curiosidade. Parecia não existir no mundo uma mulher mais faceira e determinada que Tidinha. Estavam, ambos, apaixonados.



O Namoro

Ao encontrar com a mãe, Tidinha ainda flutuava nos seus pensamentos. Nem sequer ouviu as reclamações de Periquita pela demora, tratando logo de ajudá-la a juntar as sobras dos pacotes de doces que ela estava a vender na feira. O sol já começava a se por e os feirantes se arrumavam para voltar para suas casas e suas roças, recolhendo seus pertences.

Fazia pouco tempo que Tidinha, Periquita e Raimundo haviam se mudado para a Vila do Cumbe. Moravam numa pequena casa, na rua da igreja, herança deixada pelo pai, Ismael, que falecera quando Tidinha tinha apenas um ano de idade. Ainda que estivesse gostando da vida no Cumbe, Tidinha guardava saudades da Carnaíba. Sentia falta da irmã, Glorinha, e dos tempos em que podiam confidenciar, uma à outra, os seus segredos. Queria poder lhe contar sobre o encontro com Glicério e de como os olhos do rapaz tinham a cor do céu no amanhecer do dia. Lembrou do que acontecera à irmã, por conta de um namoro escondido. Sentiu medo de Periquita e pediu a Deus que ela não fosse tão dura, caso um dia viesse a ter alguma coisa mais séria com Glicério.

Naquela noite, durante a madrugada, na escuridão do seu quarto, Tidinha acordou de um sonho, chorando baixinho. Sonhou que Glorinha, sentada na cabeceira da sua cama, acariciava-lhe os cabelos, dizendo-lhe que, por nada neste mundo, deixasse de escutar a voz do próprio coração. Dizia-lhe, também, que

estaria sempre com ela, não importando o que acontecesse e o quão sozinha se sentisse. Tinha procurou engolir o choro, com receio de que pudesse ser ouvida pela mãe e pelo irmão. Só adormeceu novamente quando os primeiros raios de luz entraram pela sua janela, anunciando mais um dia. Assim que fechou os olhos, foi despertada por Periquita, que a chamava para ir à missa de domingo.

Durante a semana, além de costurar e fazer doces por encomenda, Periquita trabalhava como alfabetizadora. O trabalho de professora complementava a renda familiar, obtida principalmente com a venda dos doces e das confecções. Apesar das dificuldades que passara para criar os filhos sozinha, Periquita nunca deixou que lhes faltasse nada. Não media esforços para garantir que os filhos não passassem necessidade.

Enquanto Periquita exercia suas atividades em casa, Tinha e Raimundo trabalhavam na lavoura, plantando e colhendo aipim, mandioca, milho e feijão. A roça ficava na fazenda “Maria Preta”, propriedade de Dedé de Justino e Maria de Loló, também conhecida por Dinha. Dedé de Justino e Dinha sempre foram grandes amigos da família e haviam disponibilizado um pedaço das suas terras para ser cultivado por Periquita e seus filhos.

À noite, após chegar da roça, Tinha costumava ralar os cocos que seriam utilizados por Periquita para preparar suas deliciosas cocadas. Também ficava encarregada de mexer os caldeirões de doce de banana, umbu ou goiaba, que, ao ferverem na panela, costumavam respingar nas suas mãos, causando pequenas queimaduras na pele. Durante aquela semana, Tinha contou os dias para o próximo sábado, quando iria se encontrar novamente com Glicério. Pensava tanto no rapaz enquanto mexia o caldeirão que nem se incomodou com o doce quente respingando em suas mãos.

Na Fazenda do Limoeiro, Glicério ordenhava as vacas e preparava a terra para o próximo plantio de feijão. À noite, pegava um livro para ler, mas a lembrança do encontro com Tinha atrapalhava sua concentração. Deitado na rede, descansava o livro sobre o peito e se deixava levar pelos pensamentos, tentando entender os próprios sentimentos e o fascínio que aquela jovem morena lhe despertara. Ficava ali deitado, olhando para o teto, até que a luz da vela se apagava e ele caía no sono.

Quando chegou o sábado, os dois já não aguentavam mais de ansiedade. Encontraram-se na mesma tenda de artigos de couro onde haviam se conhecido. Ambos chegaram mais cedo do que o combinado. Tinha usava um vestido de renda, vermelho com estampa de flores, que descia até cobrir os joelhos, deixando à mostra as batatas da perna. Por baixo do vestido, a “combinação” obrigatória, para evitar a transparência. Um laço cor-de-rosa acentuava, ainda mais, a sua cintura fina. Glicério, trajado com uma camisa azul-claro e calças brancas, trazia na cabeça

o mesmo chapéu que comprara uma semana antes, o qual já considerava como o seu “chapéu da sorte”, por ter sido o pivô do seu encontro com Tíndha.

Naquele dia, passearam pela feira, conversando e procurando saber um pouco mais um sobre o outro. Tíndha contava sobre a vida na Carnalba e a recente mudança para o Cumbe, aproveitando para fazer as compras da semana. Glicério, sempre muito sério, procurava manter a discrição, afinal, a Vila do Cumbe era muito pequena e quase todos se conheciam. Não queria que o seu nome e o de Tíndha caíssem na boca do povo. Continuaram o passeio até a hora de Glicério ir para a venda de Seu Detinho. Na despedida, combinaram de fazer daquele encontro semanal uma rotina. Glicério chegaria mais cedo na feira e ajudaria Tíndha a fazer as compras, até que desse a hora de se apresentar no trabalho. Assim, teriam a oportunidade de conversar e continuar se conhecendo.

Os encontros semanais prosseguiram, até que resolveram oficializar o namoro. Donana foi contra. Não gostava da ideia de que o filho estivesse envolvido com uma moça de fora da família. Mas, como Glicério já era um homem, não houve muito o que pudesse fazer para impedir o rapaz. Periquita também não recebeu bem a notícia. Considerava Donana e o resto da família Abreu arrogantes e esnobes, com toda aquela história de não se misturarem com gente de fora. Além disso, achava que o namoro iria atrapalhar Tíndha com o trabalho na roça e os afazeres domésticos. No entanto, a lembrança da morte de Glorinha fez com que segurasse as rédeas do seu temperamento explosivo. Faria vista grossa, desde que Tíndha não deixasse de cumprir com as suas responsabilidades. O namoro continuou, ainda que contra o gosto de Periquita e Donana.

Algumas semanas se passaram, e Glicério resolveu pedir a Seu Detinho que o deixasse trabalhar na venda em tempo integral. Queria ficar no Cumbe durante a semana, o que lhe daria oportunidade de ficar mais perto de Tíndha. Além disso, se o patrão concordasse, o emprego na venda seria a oportunidade perfeita de deixar de vez a fazenda para trabalhar com algo que estivesse de acordo com os seus verdadeiros talentos. Apesar de ainda jovem, tinha certeza de que não nascera para trabalhar na lavoura. Seu Detinho se interessou pela ideia, afinal, gostava muito do desempenho de Glicério nos dias de sábado e admirava sua obstinação. Decidiu que, não só contrataria Glicério em tempo integral, como iria convidá-lo a ocupar um dos quartos em sua própria casa, que era anexa à mercearia. A partir de então, Glicério passou a viver na casa de Seu Detinho, estabelecendo uma relação de amizade muito forte com o patrão e sua família. Quanto aos encontros com Tíndha, já não seriam mais semanais. Passaram a se ver diariamente, o que ajudou a “esquentar” o namoro. A coisa estava ficando séria.



O Casamento

Fazia alguns dias que Tidência andava agitada. A inquietude da filha já estava chamando a atenção de Periquita, que começava a desconfiar de que alguma coisa estava errada. Naquela noite, como era de costume, Glicério a encontrou na rua da igreja para darem o passeio costumeiro, que sempre terminava em um dos becos da cidade. Percebeu que alguma coisa não estava bem com Tidência. Perguntou à namorada se algo a estava perturbando. A resposta veio na bucha:

- Você lembra quando me disse que, se um dia a gente casasse, a primeira coisa que cê ia fazer era me dar um filho? Pois então se prepara pra casar, Glicério, porque o filho cê já deu jeito de fazer. Eu estou grávida!

Glicério ficou pasmo. Não sabia se tinha vontade de rir ou de chorar. Amava Tidência. Queria, mais do que tudo, casar-se com ela e lhe dar muitos filhos, mas não esperava que fosse tão cedo. Ainda eram muito jovens e o que ganhava na venda de Seu Detinho não era suficiente para sustentar uma família. Além disso, naquele tempo, uma mulher que engravidasse antes de casar virava motivo de fofoca na cidade. Sentiu um frio na barriga só de imaginar a reação de Periquita quando recebesse a notícia.

Daquela vez, não houve jeito de Periquita se conter. Para ela, aquela situação era humilhante. Uma moça de família casar grávida?! O que o povo do Cumbe

iria dizer? Projetou na filha toda raiva e sofrimento que recebera da vida. Tidinha apanhou como há muito não apanhava. Naquele dia, correu para a beira do açude. Pensou em pôr um fim naquilo tudo. Se jogaria à própria morte, castigando a mãe com a perda de mais uma filha e do neto que estava para nascer. Ficou um tempo parada, contemplando o próprio reflexo nas águas escuras do açude, enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto. Lembrou do sonho que tivera com Glorinha, na mesma noite do dia em que conheceu Glicério. No sonho, a irmã lhe dissera que sempre estaria ao seu lado, não importava o que acontecesse. Fechou os olhos e viu a imagem de Glorinha na forma de um anjo. O seu Anjo da Guarda. Olhou para o céu, pedindo a Deus que tudo desse certo. Respirou fundo, afastando-se da beirada e tomando o rumo de casa. Uma nova vida se formava dentro de si e, por isso, valia a pena viver.

O casamento aconteceu na igreja da praça, na mesma rua onde moravam Tidinha, Periquita e Raimundo. O vestido branco de Tidinha foi um presente de Dinha e Dedé de Justino. Na cerimônia, estavam presentes as famílias de ambos os cônjuges. Donana chegou cedo do Limoeiro, trazendo todos os sete irmãos de Glicério. Também compareceram Seu Detinho, a mulher e os filhos, além de outros amigos de ambas as famílias. A união foi consumada numa tarde de sol quente, como outra qualquer do sertão baiano. Era 1948, ano em que se formou a família Campos de Abreu.



Vida em Família

Após o casamento, Glicério foi morar com Tidinha, na casa da rua da igreja, a convite de Periquita. Apesar da ferocidade com que respondera à notícia da gravidez de Tidinha, Periquita queria o bem da filha. Não iria permitir nunca que o casal e o futuro neto passassem necessidade. Além disso, sabia que Glicério era um rapaz direito e que amava Tidinha.

Tidinha e Glicério passaram a ocupar o quarto onde dormiam Periquita e Raimundo, já que era mais amplo e, assim, poderia acomodar melhor o casal e a criança que estava para nascer. Raimundo, ainda um moleque, não se conformava com a mudança de quarto. Vivia repetindo:

- Quando ele chegou, eu aqui já estava.

Nessas horas, mesmo com todo o chamego e tratamento diferenciado que dava ao menino, Periquita sabia impor o seu senso de justiça. Não houve reclamação de Raimundo que a fizesse mudar de ideia. Glicério e Tidinha ficaram mesmo no quarto. Raimundo teve que se conformar.

A casa da rua da igreja era estreita, porém comprida, de modo a parecer menor do que realmente era. A pequena saleta, logo na entrada, dava acesso aos três quartos, enfileirados ao longo do corredor. Ao fundo, ficavam a cozinha e a copa, que

eram abertas para o quintal. O fogão era a lenha e as panelas ficavam penduradas por pregos ou arrumadas em estantes improvisadas, junto com os pratos e talheres. Uma mesa grande de madeira, encostada em uma das paredes, servia como balcão para preparar a comida. Na copa, além de uma mesinha onde se faziam as refeições, havia também uma rede, lugar predileto do pequeno Raimundo.

O quintal da casa era usado para criar galinhas. Também mantinham uma pequena horta, que ficava protegida por uma tela de arame. As galinhas eram criadas soltas, ciscando e comendo os restos de comida que eram jogados por Periquita. No muro dos fundos, havia um pequeno portão, que dava acesso para um beco estreito. Nos dias de feira, o beco era usado pelo povo como uma espécie de banheiro público. Era assim que, todo domingo, o local amanhecia emporcalhado de fezes e urina. O mau cheiro era tanto que chegava a incomodar Periquita na cozinha. Nessas ocasiões, ela pegava uma vassoura e um balde de água com creolina, tratando de limpar a entrada do pequeno portão. De dentro da casa, era possível ouvir suas praguejas:

- Cambada de porco! Eu te esconjuro, seus demônios! Vão cagar no fogo do inferno!

Periquita tinha mania de limpeza. Não suportava sujeira e mau cheiro. Logo pela manhã, obrigava todos a irem descarregar os seus penicos na “casinha”, que ficava no fundo do quintal. Na verdade, eram dois quartinhos bem pequenos. Em um deles ficava uma fossa, contornada por uma pequena camada de cimento, que funcionava como uma espécie de latrina. O sujeito tinha que ficar de cócoras para fazer suas necessidades. A fossa era tampada com um pedaço de tábua para evitar que o mau cheiro se espalhasse. Papel higiênico era luxo, de modo que se limpavam com jornais velhos ou papel de pão. No outro quarto, ficava um purrão de barro, usado para armazenar a água do banho. Não havia chuveiro e nem água encanada. As mulheres da casa iam buscar água nos tanques comunitários da cidade. O banho era tomado com uma cuia. Como a água era pouca, existia uma cota determinada para cada banho, geralmente um latão, daqueles de querosene. Banho completo, somente aos domingos. Durante a semana, tinham que se contentar com o chamado “meio banho”, ou em passar uma toalha molhada pelo corpo para limpar o suor do dia.

Glicério era o primeiro a se lavar pela manhã. Saía de casa cedo, para ir trabalhar na venda de Seu Detinho. Costumava almoçar em casa, já que a venda ficava a poucos minutos da rua da igreja. Ao chegar para o almoço, era recebido por Raimundo que, em tom irônico, repetia a costumeira saudação:

- Salve, salve, Seu Glicério, cabra macho e muito sério!

Raimundo era um menino brincalhão, espirituoso e criativo. Chegava nos lugares se anunciando, falando alto e fazendo graça com todos que via pelo caminho. Não perdia oportunidade de fazer uma gozação ou de colocar um apelido em alguém. Em geral, as gaitices de Raimundo não agradavam muito a Glicério, que sempre foi um sujeito bastante calado, discreto e até um pouco frio. Não era bom em exprimir os sentimentos, tornando difícil para os outros saberem quando alguma coisa o incomodava.

A mudança de Glicério deixou Raimundo mais agitado do que o normal. Sentia-se ameaçado pela chegada do cunhado. Afinal, havia se acostumado a ser a única presença masculina na casa. Passou a expressar sua insatisfação com demonstrações de desobediência. No entanto, ainda que tivesse suas regalias, nem mesmo Raimundo escapava dos acessos de cólera da Periquita. Certa feita, resolveu se balançar na rede o mais alto que pudesse. A rede ia tão alto que faltava pouco para que a cabeça do menino encostasse em uma das vigas de madeira que sustentava o telhado. Periquita, que naquele momento ralava coco na cozinha, viu com preocupação a brincadeira do filho. Falou a primeira vez:

- Para com essa brincadeira, menino, que você vai acabar se arrebetando!

Raimundo ignorou o aviso da mãe. Veio a segunda advertência:

- Você vai parar ou não vai, Raimundo?

Mais uma vez, o garoto fez que não escutou. A partir daí, já não houve terceiro aviso. O ralador de coco atravessou voando a cozinha e a copa, acertando em cheio a testa de Raimundo. As lágrimas correram junto com o sangue. Ficou a cicatriz como lembrança.

Com o passar do tempo, a harmonia foi se impondo na casa da rua da igreja. Apesar dos atritos iniciais e das eventuais provocações, Raimundo passou a se dar bem com Glicério, que agora era o homem da casa. Chegava exausto do trabalho. Descansava um pouco no sofá da saleta, enquanto aguardava que Tidinha viesse lhe tirar os sapatos de couro cru, substituindo-os por um par de chinelos mais confortáveis. Depois, sentava-se à mesa com Raimundo. O jantar era servido. Os homens comiam primeiro. Só quando terminavam de servir os rapazes é que Periquita e Tidinha se sentavam para comer.

A dieta da casa incluía farofa de carne-de-sol frita, aipim cozido, cuscuz com ovos, rapadura, entre outros pratos típicos da culinária sertaneja. Boa parte dos produtos eram trazidos da Fazenda do Limoeiro nos dias de sábado, pelos irmãos de Glicério. Vinham montados em seus burros, com os caçuás carregados de mantimentos para serem vendidos na feira. Passavam o dia no Cumbe. Almoçavam

com Glicério e sua nova família, na casa da rua da igreja, voltando para a roça só no final do entardecer. Também traziam pequenos cestos carregados de umbus que deveriam ser entregues a Tíndinha. Os umbus eram presentes da sogra, Donana, que sabia da apreciação da nora pela pequena fruta de gosto azedo.

Tanto Donana quanto os irmãos de Glicério desenvolveram um apreço especial por Tíndinha que, quase sempre de bom humor, tratava todos com muita hospitalidade e simpatia. Nesse sentido, Tíndinha era o oposto de Glicério. Gostava de conversar e era conhecida por não ter papas na língua. Falava o que pensava, sem maiores rodeios, de tal forma que, quando algo a incomodava, demonstrava sua zanga com a mesma espontaneidade que usava para expressar sua alegria. Embora fosse uma pessoa extrovertida, Tíndinha não era chegada a grandes manifestações de carinho. A cordialidade que dispensava a todos sempre foi a sua forma de demonstrar afeto. Durante a infância, faltaram-lhe os afagos e acalantos maternos, que foram quase todos dedicados a Raimundo, o xodó da Periquita.

A autenticidade de Tíndinha era uma característica bastante apreciada por Donana que, apesar da aparência frágil, era conhecida por ser uma mulher forte e de caráter firme. Quando o marido morreu, criou os oito filhos sozinha, sem ter que depender de nenhum homem para sustentá-la. Não era obrigada a agradar ou dar satisfação a ninguém. Donana reconhecia em Tíndinha essa mesma força e firmeza de caráter. Sentia-se tranquila por saber que o filho e o futuro neto estavam em boas mãos.

A estima que Donana e os irmãos de Glicério passaram a nutrir por Tíndinha não chegava a mudar o sentimento da Periquita em relação à família do genro. Continuava a enxergar os Abreus como um bando de gente metida a besta e de nariz empinado. Foi a iminência do nascimento do neto que fez com que Periquita fosse, aos poucos, deixando de lado as implicâncias. Passou a ser mais atenciosa no tratamento com Glicério. Até mesmo a antipatia inicial que tinha por Donana e pelos Abreus foi sendo substituída por sentimentos de amizade. No fundo, apesar das picuinhas e da frieza usual, Periquita era uma pessoa boa e uma avó dedicada. Grande parte da renda adquirida com a venda dos doces que fazia, gastava comprando cortes de tecido para fazer roupinhas de bebê que ela mesmo costurava, pensando no neto que estava para chegar.

Assim, passaram os primeiros meses de convivência da nova família Campos de Abreu. Cada um do seu jeito, foram se acostumando uns com os outros e se adequando à nova realidade. O tempo ia passando e iam levando a vida do jeito que podiam. Do jeito que Deus queria.

Nas últimas semanas de gravidez, Tíndinha aproveitava a pouca mobilidade para se sentar na varanda e bordar as roupinhas de bebê feitas por Periquita. Estava cada vez mais pesada. Em breve, seria mãe.



Os Três Primeiros Filhos

Tidinha acordou agitada. O suor frio misturava-se às lágrimas. Não tinha certeza se estava chorando em função das dores ou do terrível pesadelo que acabara de ter. Sonhou que olhava para dentro de um açude e via, em meio à água escura, a imagem de um bebê que tentava desesperadamente subir à superfície para respirar. As contrações no abdome e nas costas estavam cada vez mais fortes e em intervalos mais curtos. A dor era quase insuportável. Sentou-se na cama com cuidado, evitando fazer movimentos bruscos. Ao acender a vela, que ficava na mesinha de cabeceira, percebeu a mancha no lençol. A bolsa tinha se rompido. Havia chegado a hora. A criança queria nascer.

Glicério levantou de sobressalto. Colocou os sapatos de couro cru e saiu apressado. Montado no seu burro, partiu rumo à fazenda Maria Preta em busca da mãe de Dinha, conhecida por todos como Mãe Loló, famosa por seus talentos como parteira. Na casa da rua da igreja, Periquita esquentava a água para encher a pequena bacia que já havia sido colocada no quarto, ao lado da cama, junto com uma quantidade de toalhas limpas. Tidinha continuava a chorar e a gemer de dor. Raimundo assistia a tudo, com um olhar assustado.

Ao chegar, Mãe Loló foi recebida às pressas por Periquita:

- Corre mulher, que a cabeça da criança já está apontando pra sair!

Mãe Loló era uma parteira experimentada. Tinha auxiliado no nascimento de boa parte das crianças na região. Dizia que não era ela quem fazia os partos. Quem colocava a criança no mundo era Deus, ela apenas “aparava”. No entanto, apesar da experiência, aquele não seria um parto simples. Assim que saiu a cabeça do rebento, percebeu que o cordão umbilical estava enroscado no pescoço, dificultando a passagem e a respiração do bebê. Não teve muito tempo para pensar. A falta de ar já estava deixando roxa a pequena cabeça do neném. Respirou fundo, manteve a calma e, com a precisão de um obstetra, cortou um pedaço do cordão umbilical, liberando o pescoço e a respiração da criança. As toalhas encharcadas de sangue e líquido amniótico se acumulavam ao lado da cama. Enquanto isso, Periquita segurava uma das mãos de Tidinha. Com a outra mão, apertava com força a Bíblia contra o peito. Entre choros e gemidos, as duas rezavam. Eram Ave-marias, Pai-nossos, Cremos, Salmos e tudo quanto fosse oração que viesse à cabeça. Mãe Loló terminou de puxar a criança, cortando, em seguida, o resto do cordão umbilical. O choro do pequeno ecoou pela casa. Periquita correu para dar a boa notícia a Glicério que, junto com Raimundo, esperava ansioso na saleta:

- Vem ver seu filho, Glicério, que cê agora é pai de um menino!

José Hilcério Campos de Abreu nasceu em 30 de agosto de 1948, dez anos após a morte do famigerado Lampião e de sua esposa, Maria Bonita. Naquela época, o Cumbe já havia deixado de ser uma vila. Desde 1933 que se emancipara, passando a ser chamada de município de Euclides da Cunha, em homenagem ao famoso escritor. No entanto, ainda levaria muito tempo para que o povo da região se acostumassem com o novo nome, de modo que todos continuavam a se referir à pequena cidade como “o velho Cumbe”.

O nome da criança foi recomendação do padre, que acreditava ter sido São José quem protegera o menino de morrer asfisiado pelo cordão umbilical. Um verdadeiro milagre de Deus, realizado por obra de um dos seus santos mais importantes, o qual guiara a mão de Mãe Loló naquele momento de aflição. Periquita achou a sugestão mais do que apropriada, concordando imediatamente com o padre. Gostava da ideia de que seu neto iria ter nome de santo. Além do mais, não estavam ela e Tidinha rezando justamente a oração de São José no momento em que Mãe Loló conseguiu cortar o cordão umbilical, liberando a respiração da criança e salvando-a da morte prematura? Pelo menos, assim lembrava Periquita.

Diante de tanta autoridade e influência divina, Tidinha e Glicério não tiveram escolha. O menino recebeu o nome de José Hilcério. José era em homenagem ao santo, e Hilcério era a fusão dos nomes dos pais, Hilda e Glicério. No final das contas, o nome do pequeno José ficou tão complicado que o menino acabou ficando conhecido por todos como o “Zé da Tidinha”.

Para Tíndha, as semanas seguintes ao parto foram de resguardo. Naquela época, era comum que as mulheres recém paridas permanecessem por quase um mês em repouso. Nas primeiras semanas, sua dieta foi incrementada com o tradicional mingau de parida, que era preparado por Periquita, logo pela manhã. Era um mingau grosso, quase como um pirão, feito de farinha, alho, cebola, sal e outros ingredientes especiais que as mulheres mais velhas não ousavam revelar. Segundo o povo da região, o mingau era capaz de recuperar rapidamente a energia perdida no parto. Também era usado como uma espécie de suplemento no processo de recuperação de doentes, e como energético para o sujeito que estivesse sofrendo de desânimo, cansaço, ataques de preguiça, afrouxamento, bambeza nas pernas, lerdice, moleza ou fraqueza no corpo.

O mingau surtiu efeito. Em pouco tempo, Tíndha já se sentia recuperada. Mal passara o período estabelecido do resguardo e já estava de volta à ativa. Tanto foi que, antes mesmo do pequeno José completar sete meses, começou a desconfiar de uma nova gravidez.

A velocidade com que veio a segunda gravidez de Tíndha acabou virando motivo de brincadeira por parte do irmão, Raimundo. O rapaz espalhou a conversa de que o próprio Glicério andara tomando o mingau de parida durante a recuperação de Tíndha, de forma que a energia proveniente do mingau não o deixava dar sossego à esposa. Nessas horas, o povo caía no riso e Glicério ficava morto de vergonha, fazendo jus ao velho apelido de manga-rosa.

O pequeno José tinha acabado de completar um ano quando ganhou o primeiro irmão. Tíndha pariu mais um menino. Para o alívio de todos, o parto aconteceu dentro das normalidades, sem os riscos e complicações que caracterizaram o nascimento de José. Quem “aprou” a criança foi a própria Mãe Loló, cuja reputação havia aumentado ainda mais na região, depois que se espalhou a notícia de como manejou, com maestria e segurança, as complicações do primeiro parto de Tíndha.

Ao novo membro da família deram o nome de João, seguindo mais uma tradição do interior nordestino: a de colocar os nomes dos filhos iniciados com a mesma letra do alfabeto. Foi assim que, no dia 29 de novembro de 1949, veio ao mundo João Campos de Abreu, o “Joãozinho da Tíndha”.

Tão logo nasceu e o Joãozinho passou a ser o novo xodó da Periquita, que se apaixonou pelos olhos verde-azeitona da criança. Só largava do bebê quando era hora de mamar, porque não tinha jeito mesmo, já que isso era serviço da mãe. Parecia até que ela própria havia dado a luz ao menino. Não gostava que mais ninguém, além dela e Tíndha, pegasse a criança nos braços, o que deixava Donana um pouco irritada. Não entendia a origem de tanto chamego. Mas como morava longe e só podia estar no Cumbe nos fins de semana, não dava espaço

para as implicações da Periquita. Fazia questão de exercitar o seu direito de avó e de também mimar um pouco o menino. Nessas horas, não tinha jeito, Periquita entregava o Joãozinho nos braços de Donana, ainda que contra a própria vontade.

Já o pequeno José se tornou o sobrinho favorito de Raimundo. Mal começou a dar os primeiros passos e o tio já decidiu iniciá-lo na arte da traquinagem. Levava o menino para o fundo do quintal e tentava ensiná-lo a atirar pedras nas galinhas. Também ensinou o moleque a balançar o pinto na frente das visitas, o que deixava Periquita furiosa. Não demorou muito e José começou a receber as primeiras palmadas da avó. Também não demorou para que Tíndia percebesse que, mais uma vez, sua menstruação estava atrasada. Engravidou pela terceira vez.

A terceira gravidez de Tíndia transcorreu de forma serena. A criança mal se mexia dentro do ventre da mãe, o qual havia adquirido um formato redondo, meio que espalhado, indicando que a nova cria seria uma menina, fato que foi confirmado no momento do nascimento. O parto também foi tranquilo, até mais que o do próprio Joãozinho, o que deixou Mãe Loló um pouco desconfiada. Apesar da criança quase não ter feito esforço para sair, era tão pequena que Mãe Loló não teve dificuldade em puxá-la para fora de Tíndia. O bebê era leve como uma pluma. A pele era de uma alvura estranha, quase que transparente, de modo que se podia ver as pequenas veias que cortavam sua barriguinha, braços, pernas e mãos, como se fossem pequenos afluentes. Permaneceu de olhos fechados até o segundo dia de vida. Parecia até que não era deste mundo, ou que ainda não estava pronta para ter nascido. Tíndia e Glicério deram-lhe o nome de Jozildete.

Quando Jozildete finalmente resolveu abrir os olhinhos, todos tiveram uma surpresa. Eram azuis, da cor do céu. Até Glicério, que nunca foi de se gabar, ao ver os olhos da criança, encheu o peito e falou:

- Essa não tem como negar. Puxou mesmo aos Abreus!

Tíndia cuidava da criança como se ela fosse feita de algum material delicado, como um papel de seda muito fino, que pode se rasgar com um simples toque mais brusco. De fato, o tamanho e a brancura de Jozildete davam-lhe uma aparência extremamente frágil. Algumas pessoas chegavam a ter medo de pegá-la nos braços.

Muita gente veio visitar a casa da rua da igreja naqueles dias, curiosos para ver de perto a estranha menina, que Tíndia exibia com orgulho. O povo ficava impressionado com a delicadeza e a aparência da pequenina Jozildete, que logo virou motivo de comentários no velho Cumbe, os quais não vinham sem uma boa dose de exagero:

- Cê já foi ver a filha da Tidinha? Diz que é tão branca que dá pra ver as partes de dentro! Também diz que é tão pequena e fraquinha que não é bom nem ficar segurando, pra mor de num quebrar a bichinha! Parece até que nasceu antes da hora.

- Cruz credo!

No entanto, a fragilidade de Jozildete não era apenas aparente. Com apenas seis meses de vida, foi acometida por uma forte diarreia, sem que ninguém pudesse descobrir como e porque começara. Tidinha e Periquita tentavam parar o desarranjo da criança por meio de todas as técnicas que conheciam. Alimentavam-na com caldos de arroz e cenoura e, de hora em hora, davam-lhe uma colherinha de uma mistura de sumo de limão e farinha de maisena, muito conhecida por sua capacidade de firmar o intestino. Também lhe deram chá de alfavaca, carqueja, poejo, sabugueiro, corre-canto, caatinga de mulata e outros tantos, famosos na região por suas propriedades curativas. Mas nada parecia pôr fim à soltura da menina, que começou também a ter crises de vômito. O desespero da família foi crescendo. Chamaram as rezadeiras. As mulheres vinham vestidas de branco. Benziam a criança usando ramos de arruda, que começavam a murchar tão logo eram passados pelo corpo de Jozildete. Parecia até coisa de mau-olhado. As rezas, chás e misturas não surtiram efeito. A diarreia e os vômitos foram ficando mais intensos, até que a pequenina Jozildete começou a definhar, vindo a falecer poucos dias depois.

A casa da rua da igreja se encheu de tristeza. Glicério ficou inconsolável com a falecimento da pequenina. Tidinha chorava copiosamente, abraçando o corpinho sem vida da filha. Periquita a culpava de ter ficado exibindo a criança a todo tipo de gente curiosa que chegava na casa. Não tinha dúvida de que a morte da neta havia sido obra de mau-olhado.

O pequeno caixão cor-de-rosa trazia uma janelinha, através da qual podia-se ver o rostinho de Jozildete, que morrera de olhos abertos, sem que ninguém tivesse tido coragem de fechá-los para o enterro. Talvez quisessem prolongar por um pouco mais de tempo a imagem dos olhos azuis da menina. Em volta do corpo, foram colocadas flores brancas, cuja cor confundia-se com o tom de pele da criança. As rezadeiras, agora vestidas de preto, recitavam orações fúnebres e ladainhas, acompanhadas por Periquita, que segurava nas mãos um velho terço feito de contas de madeira. Donana permaneceu ao lado de Glicério, cujos olhos vermelhos de choro miravam o vazio, como se apenas seu corpo estivesse presente naquele momento. Tidinha vinha amparada por Dinha e Dedé de Justino. Quase não conseguia se manter de pé. Os pequenos José e João ficaram sob a vigia de Raimundo, que não se atrevia a fazer qualquer de suas gracinhas.

Após o enterro, todos voltaram para casa. Os dias foram passando e, aos poucos, a vida foi assumindo o seu ritmo normal. Glicério prosseguia trabalhando na venda de Seu Detinho e Periquita continuava a costurar e a produzir seus doces para vender na feira ou por encomenda. Tidinha cuidava dos dois filhos pequenos e Raimundo voltou a fazer suas gaiatices. Ninguém ousava tocar no assunto da morte de Jozildete. No quarto de Tidinha, na gaveta da mesinha de cabeceira, uma foto preta e branca da criança morta ficou guardada por muito tempo. No verso da foto, os seguintes versos:

Toma a benção meu anjinho, que tu já vais embora.

Te entrego nas mãos de Deus, nos braços de Nossa Senhora.

Toma a benção meu anjinho, que agora chegou tua hora.

Sobe pro céu contente, porque quem fica consola.



As Aventuras de um Tropeiro

A breve passagem de Jozildete pela casa da rua da igreja despertou algumas preocupações na mente ativa de Glicério. Ainda que por um curto espaço de tempo, chegou a sentir o peso de se criar três filhos nas condições em que vivia. Morava de favor na casa da sogra e o salário de balconista não era suficiente para sustentar uma família de forma independente. Além disso, sabia que era questão de tempo até que Tíndia engravidasse novamente. Aqueles pensamentos começavam a deixá-lo inquieto, chegando por vezes a lhe tirar o sono. Resolveu que precisava encontrar um jeito de mudar aquela situação.

Num certo dia de sábado, enquanto seguia para mais uma jornada de trabalho, Glicério ficou observando os comerciantes que chegavam na cidade para vender os seus produtos na feira. Traziam suas mercadorias dentro dos caçuás feitos de cipó, bem assentados nos lombos dos animais, cujos passos cadenciados davam a impressão de serem indiferentes ao grande peso que carregavam nas costas. A maior parte do que ofereciam eram alimentos ou produtos rudimentares, cultivados e fabricados de forma artesanal nas roças e vilarejos das redondezas. Outros chegavam em pequenos caminhões, com suas carroçarias de madeira chacoalhando e rangendo sobre as ruas de terra do Cumbe. Esses vinham de lugares mais distantes, como Salvador e Feira de Santana, trazendo panelas, perfumes, espelhos, tecidos, ferramentas e outros artigos industrializados. Glicério começou a lembrar dos tempos em que percorria, ele próprio, no lombo de um burro, o longo caminho até o Cumbe, levando aquilo que produzia na Fazenda

do Limoeiro para vender na feira. Também lembrou da pobreza e da forma de vida rústica que levava no Limoeiro, junto com a mãe e os irmãos. Refletiu sobre a dureza da vida no sertão e as dificuldades que o homem do campo precisava enfrentar para sobreviver naquela terra, quase sempre inóspita. Teimavam contra a seca, a escassez e o subdesenvolvimento, trabalhando de sol a sol, na esperança de que, um dia, a chuva e o progresso batessem às suas portas. Imaginou quantas pessoas nos povoados das redondezas viviam aquela mesma realidade. De fato, o sertanejo era, antes de tudo, um forte, como havia lido certa vez em algum dos livros que lhe chegaram às mãos durante a adolescência.

Naquele dia, pediu a Seu Detinho que o deixasse sair um pouco mais cedo do trabalho. Correu para casa e, debaixo do colchão onde dormia com Tidinha, pegou as economias que costumava guardar para um caso de emergência. Depois saiu apressado, à procura dos irmãos, que já se preparavam para retornar para a roça. Pediu que lhe emprestassem uma das mulas que usavam para transportar os produtos que traziam do Limoeiro, dizendo que explicaria tudo uma outra hora. Os rapazes ficaram meio confusos com a ansiedade de Glicério, mas como já haviam vendido tudo e os animais iriam voltar com os caçuás vazios, não viram problema em deixar uma das mulas com o irmão.

Puxando a mula pelo cabresto, Glicério rodou pela feira conversando e negociando com os comerciantes que se organizavam para voltar às suas roças e fazendas. Com o dinheiro das economias, conseguiu comprar, a preço de desconto, alguns dos produtos que não haviam sido vendidos durante o dia, e uns tantos outros que comprou nos próprios armazéns da cidade. Em pouco tempo, a mula já estava com os caçuás carregados de mantimentos. No caminho de casa, parou na venda do Seu Detinho. Precisava informar o patrão acerca de sua decisão. Finda a conversa, partiu para a casa da rua da igreja, ansioso para comunicar a novidade à família. Não mais seria empregado de Seu Detinho. Na segunda-feira, começaria seu novo trabalho como autônomo. Daquele momento em diante, decidiu que iria ganhar a vida como tropeiro.

Os eventos daquele sábado passaram a se tornar uma rotina para Glicério, que chegava na feira ao final do dia para tratar com os comerciantes e donos de armazéns. Comprava alguns produtos em quantidade, pegava outros em consignação, negociava preços, conseguia descontos e, aos poucos, ia enchendo os caçuás. Na segunda-feira, partia rumo a Algodões e outros povoados vizinhos. Ia montado no seu burro, seguido pela mula que, presa a uma corda, carregava as mercadorias adquiridas no sábado. Na sua maior parte, eram manufaturas e produtos industrializados que Glicério vendia para os donos das pequenas vendas, coisas quase sempre escassas para as pessoas que viviam naqueles vilarejos isolados. Aproveitava, também, para levar e trazer mensagens de alguém do Cumbe para alguém de um determinado povoado, e vice-versa, atuando como uma espécie de mensageiro do sertão. Dessa forma, passou a entender que o trabalho de tropeiro também possuía uma dimensão social, além do papel fundamental que exercia para

a economia local. Em pouco tempo, juntou dinheiro suficiente para comprar sua própria mula e devolver a que pegara emprestada dos irmãos. Gostava da idéia de estar melhorando de vida, ao passo em que percebia o seu novo trabalho como algo importante para o desenvolvimento e para o povo da região. Sentiu orgulho de si mesmo.

Apesar da melhora que o trabalho de tropeiro trouxe para o orçamento da família, Tidinha não gostava da nova atividade do marido. Achava perigoso que Glicério se embrenhasse por aquelas estradas desertas, sem ninguém para acompanhá-lo. De fato, os caminhos para os povoados não eram os lugares mais seguros para se aventurar sozinho. As estradas de terra eram estreitas e de difícil acesso, cortando por dentro de uma caatinga fechada, espinhosa e seca. As distâncias eram longas e não era raro que o dia chegasse ao fim antes de Glicério alcançar o seu destino. Nesses casos, quando o sol já se punha no horizonte, o céu do sertão ganhava um tom alaranjado que ia se esvaindo aos poucos, acentuando o cinza da caatinga e escurecendo o vermelho das estradas de terra seca. A penumbra do fim do dia era capaz de enganar os olhos e confundir o juízo, fazendo com que o sujeito enxergasse o que não viu e ouvisse o que não escutou. Daí surgiam as estórias de mulas-sem-cabeça, boitátás, lobisomens e caiporas, que costumavam assombrar os viajantes desavisados.

Foi num desses finais de tarde, quando ainda faltavam alguns quilômetros para que Glicério chegasse no povoado de Algodões, que uma tocha de fogo azulada explodiu dentro da caatinga, assustando os animais. Glicério tentou em vão controlar sua montaria. A mula partiu em disparada, puxando a corda que a prendia ao burro e fazendo com que o animal rodopiasse num giro de 180°, roçando seu cavaleiro nos galhos espinhosos da caatinga. Em meio ao rodopio, Glicério acertou a cabeça no tronco de uma árvore, perdendo a consciência e desabando do burro. Já chegou ao chão desacordado. Quando se recompôs do tombo, a noite já tinha caído por completo e os animais haviam sumido estrada adentro, deixando apenas um rastro de mercadorias caídas pelo caminho. Glicério ainda tentou seguir o rastro dos animais, na esperança de que, passado o susto, estivessem parados em algum lugar esperando pelo seu dono. Saiu recolhendo os produtos que ia encontrando pelo chão de terra, tentando minimizar o prejuízo, mas logo percebeu que seus esforços eram inúteis. Não tinha braços suficientes para carregar tanta coisa e, àquela altura, os animais já deveriam estar longe. Além disso, grande parte dos produtos estavam danificados e não mais teriam nenhum valor comercial. Sentiu o seu corpo dolorido da queda começar a amolecer. A cabeça latejava. O suor escorria frio, misturando-se com sangue e terra e aumentando o ardor dos arranhões. Olhou para si mesmo e viu suas roupas encardidas e esfarrapadas pelos espinhos da caatinga. Sentiu o desânimo lhe vencer. Largou ao chão os produtos que ainda trazia nos braços e começou a fazer o longo trajeto de volta ao Cumbe.

Os primeiros raios de sol já começavam a despontar no céu quando Glicério, finalmente, alcançou a casa da rua da igreja. Vinha num passo arrastado, o corpo

quebrado e arranhado, as roupas em farrapos e cobertas de terra, como se fosse um sobrevivente da própria guerra de Canudos. Ao parar na entrada da casa, foi recebido por Raimundo, que anunciou sua chegada em tom dramático:

- Avia Tidinha! Que o Glicério foi atropelado por uma boiada!

Tidinha correu num susto, chegando até a porta e ajudando Glicério a entrar em casa. Saudou o marido num misto de preocupação e zanga:

- Misericórdia! Deus do céu! O que foi isso, home?! O que foi que cê aprontou, sujeito?! Eu não te disse, Glicério, que esse negócio de tropeiro não ia dar certo?! Você já pensou se você morre, home?! Como é que eu vou dar de comer a esses meninos sozinha?!

Àquela altura, Glicério já não tinha qualquer ânimo para contestar a esposa. Na verdade, durante o caminho de volta, ele mesmo começara a pensar que talvez aquela história de ser tropeiro não fosse mesmo uma boa idéia. Aquilo era trabalho para um sujeito solteiro, disposto a correr certos riscos sem precisar se preocupar com mulher e filhos para criar. Atravessou a casa calado, em direção ao quartinho no fundo do quintal, onde ficava o purrão com a água do banho. Fechou a porta e, na escuridão do pequeno aposento, despiu-se. Ergueu a cuia acima da cabeça e sentiu, com alívio, a água correr pelo corpo. Com os olhos fechados, deixou que os pensamentos fossem se dissipando aos poucos, até que apenas uma imagem restou em sua cabeça. Aquilo que mais queria naquele momento: uma cama.

Glicério dormiu o dia inteiro. Quando acordou, o sol dava suas últimas pinceladas de laranja no céu do sertão, que já começava a escurecer. Naquela noite, sentou com a família e alguns amigos para relatar o acontecido. Dedé de Justino, que era grande conhecedor daquelas estradas e das coisas da natureza, falou que Glicério devia estar passando próximo a um brejo que ficava perto do caminho para o povoado de Algodões. A tocha de fogo azulada que vira dentro da caatinga era resultado da combustão espontânea dos gases do brejo, decorrente da decomposição de algum animal morto. Glicério lembrou que já tinha lido a respeito do assunto em alguma revista de ciência. Se não estava enganado, tal fenômeno se chamava fogo-fátuo. No entanto, para a Periquita, aquela coisa de brejo, bicho morto e fogo-fátuo era conversa mole. Aquela tocha de fogo era obra do coisa-ruim, que costumava aparecer em forma de boitatá para assustar os viajantes. O pequeno Zé, que já estava com pouco mais de três anos de idade, ouvia tudo com os olhos arregalados, enquanto João dormia nos braços da avó. A discussão prosseguiu noite adentro, acompanhada de copos de café e fatias de bolo de milho. Para Tidinha, não importava se a tal assombração tinha sido fogo-fátuo ou arte do cão. Estava certa e decidida que a carreira de tropeiro de Glicério havia chegado ao fim. Ele teria que arrumar outra coisa para fazer e, se dependesse dela, não iria demorar muito até que o marido estivesse trabalhando de novo.



Um Novo Começo

Tidinha perdeu o pai muito cedo. Mal havia completado um ano de nascida quando Ismael morreu, deixando Periquita viúva aos 21 anos de idade. Pelo fato de, na época, ainda ser um bebê, não lembrava dos acontecimentos em torno da morte prematura do pai, que se foi aos 53 anos. No entanto, costumava ouvir as histórias.

Os parentes mais velhos contavam que, no leito de morte, Ismael pediu para falar com o seu primogênito, Belarmino Campos. Belarmino era fruto do seu primeiro casamento e, por isso, irmão de Tidinha apenas por parte de pai. Já era um rapaz quando Ismael adoeceu. Dizem que Ismael puxou Belarmino pelas mãos, trazendo-o para perto de si e fazendo com que ele promettesse dar rumo aos irmãos mais novos após a sua partida. Ajoelhado à beira da cama, Belarmino apertou as mãos do pai, balançando a cabeça em sinal de consentimento. Assim contavam os que estavam presentes.

A história da promessa de Belarmino martelava na cabeça de Tidinha desde o dia seguinte ao acidente do marido. Sentia-se, ao menos em parte, responsável por Glicério ter desistido da carreira de tropeiro. Afinal, sempre fez questão de deixar claro que não lhe agradava vê-lo se embrenhar sozinho por aquelas estradas desertas. Além disso, sabia da derrota e frustração que Glicério teria que enfrentar caso voltasse a trabalhar como balconista na venda de Seu Detinho. Foi assim que resolveu, pela primeira vez em sua vida, pedir ajuda ao irmão.

Naquela época, Belarmino já era um funcionário público de destaque. Dos filhos de Ismael, foi único a alcançar um nível socioeconômico elevado para a realidade local, de modo que sempre procurou manter uma atitude reservada em relação aos irmãos. Trabalhava como coletor de impostos do Estado e havia se tornado uma pessoa de grande influência, tanto no velho Cumbe quanto nas outras cidades da região. herdara a elegância do pai. Gostava de passear pelas ruas do Cumbe, trajado em um alinhado paletó, gravata, chapéu de feltro e bengala, além de carregar um inseparável tabaqueiro, do qual aspirava profundas pitadas de rapé. Os óculos de grau, com lentes espessas, acentuavam seu ar intelectual. Conhecido por todos por estar sempre a par dos acontecimentos mais recentes, acabava servindo como fonte de consulta de vizinhos e amigos. Era tratado por todos como Sr. Belarmino Campos. Os mais chegados o chamavam de “Belo”.

Quando Tidinha resolveu procurar Belarmino, a notícia do acidente de Glicério já não era mais novidade no Cumbe. Com a formalidade de sempre, Belarmino cumprimentou a irmã, antecipando-se em perguntar pelo cunhado:

- Bom dia ,Tidinha. Como vai o Glicério? Ainda está muito machucado?

Tidinha, que não gostava de rodeios, foi direto ao assunto:

- Pois então, Belarmino. Não foi pra falar de machucado que vim te procurar. Dos machucados de Glicério eu mesma cuido...

Prosseguiu, explicando a situação e o motivo da visita. Belarmino escutou tudo com a atenção usual. Ficou calado por um tempo, refletindo sobre o que acabara de ouvir. Conhecia as qualidades de Glicério, seu interesse pela leitura e a habilidade natural que tinha com a escrita, de modo que não seria difícil encaixá-lo em alguma atividade. Ademais, ajudar o cunhado seria o mesmo que zelar pelo bem-estar e o futuro da irmã, o que dava por resolvida a questão da promessa feita a Ismael, na beira da cama, pouco antes do pai deixar esse mundo. Assegurou a Tidinha que daria um jeito de encaminhar Glicério. Em poucas semanas, a boa nova chegou à casa da rua da igreja. Belarmino conseguiu uma nomeação para o cunhado como escrivão de coletoria de Três Morros, um pequeno povoado do município de Jequié.

Glicério sentiu os pelos do braço se arrepiarem ao receber a notícia. Uma onda de entusiasmo atravessou-lhe o corpo. O simples som da palavra “escrivão” foi suficiente para lhe despertar o ânimo, que andava mais do que apagado naqueles dias. A verdade era que, apesar de ter achado interessante a experiência como tropeiro, e do rápido retorno financeiro que ela lhe proporcionara, no fundo sempre soube que não estava no comércio a sua verdadeira vocação. Gostava de ler, escrever, analisar, discernir. A ideia de trabalhar num escritório, elaborando textos e lidando com documentos, registros, correspondências e inventários, despertava

nele um sentimento de euforia. Aquilo era mais do que uma oportunidade: era uma porta que se abria; um verdadeiro “chamado” do destino. O trabalho de escrivão era a chance de, finalmente, fazer algo que lhe possibilitasse expressar seus verdadeiros talentos.

Periquita não recebeu a notícia com o mesmo entusiasmo de Glicério. Já tinha ouvido falar no povoado de Três Morros e na sua fama de “fim de mundo”. Três Morros ficava no sudoeste da Bahia, a centenas de quilômetros do Cumbe. De fato, para os padrões da época, um lugar a tamanha distância podia mesmo ser classificado como “fim de mundo”. Além disso, Periquita achava que a família já tinha sua vida bem arrumada na casa da rua da igreja e que aquela ideia de se mudar para tão longe era maluquice, ainda mais carregando duas crianças pequenas. Argumentou que os netos eram muito novos para enfrentar uma viagem tão longa e uma mudança tão radical. Se Tidinha e o genro quisessem ir, que fossem, mas não deixaria que levassem os pequenos Zé e João. Glicério se opôs de imediato. Para ele, os filhos deveriam permanecer perto dos pais. Não se importava que Periquita resolvesse ficar. Afinal, estava certo de que o salário de escrivão finalmente lhe daria a possibilidade de sustentar a família sem precisar da ajuda da sogra. No entanto, não iria permitir de maneira alguma que Periquita lhe tomasse os meninos. A contenda estava formada: fica, não fica; leva, não leva; vai, não vai. Foi quando Tidinha, já sem paciência para aturar tanto bate-boca, resolveu pôr um fim à questão:

- Fui eu quem pariu esses meninos e é comigo que eles vão ficar. E tem mais, Glicério. Reze pra que esse seu salário de escrivão seja bom mesmo, pois eu estou esperando outro filho seu. Quanto à senhora, minha mãe, se tá preocupada mesmo com os netos, então deveria vir com a gente, ainda mais agora que vai ganhar mais um.

Os dois ficaram pasmos com a notícia. Glicério sabia que, por melhor que fosse o salário de escrivão, mudar-se para tão longe com duas crianças pequenas e outra para nascer não seria nada fácil. Talvez não estivesse pronto realmente para abrir mão da ajuda da sogra. Periquita, por sua vez, sabia que não poderia deixar a filha sozinha, com um filho na barriga e mais dois para criar, num lugar desconhecido e sem amigos ou parentes por perto para ajudar. Diante da situação, não tiveram mais escolha. Iriam todos para Três Morros. Marcaram, então, a data da viagem.

Era uma madrugada de sábado. O orvalho nas plantas e o chão de terra umedecido indicavam que havia chovido durante a noite. O Studebaker buzinou em frente à casa da rua da igreja, anunciando sua chegada. Glicério surgiu na porta, carregando uma mala em cada mão. Tidinha e Periquita vieram logo atrás, seguidas pelo pequeno Zé, que pulava de animação com a expectativa da viagem. Nos braços da avó, João dormia profundamente. Por último, veio Raimundo, com cara de sono, arrastando uma sacola. Com a ajuda do motorista, colocaram as

malas na carroçaria da caminhonete. Como não havia espaço suficiente na cabine, Raimundo teve que ir junto com as bagagens. Glicério sentou no banco do carona, com o pequeno Zé em seu colo, depois que Tíndia e Periquita já haviam se acomodado no banco traseiro. Sentiu um frio na barriga ao ouvir o motor do carro indicando o momento da partida. Havia chegado a hora. Nunca em sua vida tinha se aventurado tão longe do Cumbe, do Limoeiro e de tudo e todos que conhecia. Em Três Morros, um novo começo o aguardava. Mal sabia que aquela viagem seria apenas a primeira de muitas outras. A saída do Cumbe e a experiência como funcionário público expandiriam sua forma de pensar a vida e o futuro dos muitos filhos que ainda teria. Tirou um livro de dentro do boca-pio e começou a ler. Tíndia lançou um último olhar para a casa da rua da igreja, enxugando com um lenço uma lágrima que corria pelo rosto. Na saída da cidade, abaixou a janela do carro e acenou para o vazio, em sinal de adeus, sentindo a saudade já apertar-lhe o peito.



Três Morros

A família chegou em Três Morros na boca da noite, após passarem o dia inteiro viajando no Studebaker fretado por Glicério. Rodaram por alguns minutos pelo povoado, à procura do endereço onde seria sua futura residência. Na porta da casa, uma mulher jovem, de pele morena, cabelos negros e um sorriso acolhedor os esperava. Desceram todos do carro, tiraram as malas do bagageiro, despediram-se do motorista e foram ter com a jovem, encarregada de mostrar aos recém chegados a sua nova moradia. Tinha simpatizou logo de início com a moça, que se chamava Jamile. Mal sabia, naquele momento, que Jamile era esposa do Sr. Ulisses, o coletor para o qual Glicério iria trabalhar como escrivão. Também gostou da casa, conseguida por Glicério que, via telégrafo, entrou em contato com a sede da coletoria e providenciou os preparativos para a chegada da família em Três Morros. Despediram-se de Jamile e trataram de se acomodar no novo lar. Os pequenos Zé e João já dormiam no sofá da sala, ao lado de Raimundo, que começava a esboçar um cochilo. Periquita continuava a explorar cada cômodo, sempre reclamando da poeira e procurando pequenos defeitos aqui e ali. Naquela noite, Tinha e Glicério não se incomodaram em desfazer as malas. A viagem havia sido longa e o cansaço se impunha de maneira irresistível. Estavam felizes de terem finalmente chegado. Foram direto para a cama.

O domingo foi dedicado para se ajeitarem na nova residência. Glicério saiu logo cedo para fazer algumas compras, já que Tinha estava um pouco enjoada

em função da gravidez. Periquita se encarregou da limpeza, enquanto Raimundo tomava conta dos pequenos Zé e João. Ao final da tarde, a casa estava limpa e abastecida e todos já se encontravam bem acomodados. No dia seguinte, Glicério foi o primeiro a se levantar. Arrumou-se às pressas, engoliu um pedaço de pão com manteiga, com a ajuda de uma xícara de café preto, e correu para se apresentar no novo emprego. Chegou com uma hora de antecedência, de modo que a casa onde funcionava a coletoria ainda se encontrava fechada. Aproveitou para dar uma volta e conhecer um pouco o povoado. Era um lugar pequeno, com ruas de terra e poucas casas. No centro, havia uma pequena praça, uma igrejinha e algumas vendas e armazéns. Com certeza aquele povoado era menor e menos desenvolvido do que o próprio Cumbe, pensou consigo mesmo. Mas aqueles pensamentos não ocuparam por muito tempo a cabeça de Glicério. Cheio de ansiedade, não conseguia imaginar outra coisa além de como seria o seu primeiro dia de trabalho. De volta à casa da coletoria, foi recebido por um homem baixo, não muito mais velho do que ele, de bigode ralo e olhos pequenos que expressavam simpatia. Percebendo o nervosismo de Glicério, o homem se antecipou com um tom amigável:

- Bom dia, colega! Me chamo Ulisses. Você deve ser o Glicério. O Sr. Belarmino mandou ótimas recomendações a seu respeito! Vamos entrando que a casa é nossa! Essa aqui é a mesa onde vai trabalhar. E fique tranquilo, pois esse trabalho não tem mistério algum. Em pouco tempo você vai tirar de letra.

Os olhos de Glicério brilharam, como brilham os olhos de uma criança quando reconhece, pela primeira vez, o rosto da mãe. Era uma mesa larga, com aparência antiga, feita de uma madeira escura com bordas claras e cheias de detalhes, como se tivessem sido talhadas a mão. As pernas, levemente curvadas para fora e para dentro, formavam um discreto “S”, de maneira a dar um ar clássico ao móvel. No lugar da cadeira, nas laterais, haviam duas gavetas de cada lado, deixando um vão aberto no meio, onde ficavam as pernas do escrivão. Acima do pequeno vão, uma gaveta mais larga, bem ao centro da mesa, finalizava a composição da peça. Por seu equilíbrio estético, mais parecia ser uma obra de arte do que um simples objeto de mobília. Em cima da mesa, um talonário, folhas de papel carbono, um bloco de formulários, uma caneta bico-de-pena e um tinteiro. Glicério puxou a cadeira e se acomodou no assento, esquecendo de tudo o mais à sua volta. Destacou uma das folhas do talonário, molhou a bico-de-pena no tinteiro e desenhou a própria assinatura no papel. Ficou um tempo imóvel, com o olhar fixo na própria assinatura, como se estivesse numa espécie de transe. Em sua cabeça, surgiam cenas de diferentes etapas de sua vida, os caminhos que percorrera e as escolhas que o levaram até ali. Pensou nos tempos de menino no Limoeiro e no trabalho na roça junto aos irmãos. Refletiu sobre o interesse que desenvolvera pela leitura, quando ainda era um molecote, e do papel que sua mãe desempenhara em fortalecer e incentivar aquele hábito. Desde que começou a se entender por gente, já sabia querer ser mais que um simples lavrador. Aquele desejo ajudou-o na decisão de se

mudar para o Cumbe e de trabalhar na venda do Seu Detinho. Foi então que lembrou do seu primeiro encontro com Tidinha, sua esposa e companheira. Recordou os tempos do namoro, as implicâncias da Periquita e de Donana, e as pirraças de Raimundo. Pensou nos dois filhos, Zé e João, na pequena Jozildete, que Deus levara antes mesmo de completar um ano de nascida, e no novo bebê que ainda estava para chegar. Era capaz de fazer qualquer coisa para garantir o bem-estar da família, até mesmo se aventurar como tropeiro pelas perigosas estradas de terra que cortavam a caatinga do sertão baiano. Queria um futuro melhor para os filhos. Algo além daquela vida pobre de sertanejo. Concordou consigo mesmo que era um homem de sorte. Tinha uma mulher forte ao seu lado, disposta a enfrentar qualquer dificuldade e apoiá-lo em suas decisões, mesmo quando não estava totalmente de acordo. Impressionou-se com a quantidade de lembranças que lhe vinham à mente. Ainda era moço, mas podia dizer que já tinha vivido um tanto de coisas. Ficou parado por mais um tempo, até que lembrou de que não estava sozinho na sala. Levantou a cabeça e percebeu que Ulisses o observava com curiosidade e admiração. Esboçou um sorriso sem graça, fitando o olhar solidário daquele que lhe ensinaria os primeiros passos da nova carreira de escrivão.

Como Ulisses havia previsto, Glicério pegou rápido os macetes do trabalho. Chegava cedo na coletoria, sempre demonstrando disposição para aprender, a qual era retribuída por Ulisses com uma grande presteza em ensinar-lhe tudo o que sabia. O coleguismo inicial acabou por se transformar em uma sólida amizade. Pode-se dizer que, durante o tempo em Três Morros, Ulisses foi para Glicério uma espécie de irmão mais velho, procurando ajudá-lo e orientá-lo, tanto no trabalho quanto fora dele. Chegou mesmo a usar sua influência na cidade para arrumar um emprego para Raimundo, que foi trabalhar como empacotador de manteiga numa fábrica artesanal. Glicério e Ulisses riam-se do rapaz que, apesar do novo emprego, ainda era obrigado a continuar os estudos sob a rigorosa palmatória da Periquita, a qual passava a maior parte do tempo cuidando da casa e auxiliando na gravidez de Tidinha.

Se, por um lado, Ulisses se tornou um grande amigo de Glicério, por outro, sua esposa Jamile virou companheira inseparável de Tidinha. Visitavam-se frequentemente, dividiam preocupações e trocavam experiências sobre a vida conjugal. Por vezes, a amizade de Jamile fazia Tidinha lembrar dos tempos da Carnaíba e da estreita relação que tinha com a sua falecida irmã, Glorinha. Nessas horas, procurava esconder a tristeza, encontrando consolo na companhia da nova amiga. Ficaram tão próximas que foi a própria Jamile quem correu para providenciar uma parteira no dia do nascimento do quarto filho de Tidinha.

Jozélia nasceu em 4 de julho de 1951, no povoado de Três Morros. Ulisses e Jamile foram convidados para serem padrinho e madrinha da recém-nascida. A pequena Joza, como passou a ser chamada, tinha os cabelos lisos e negros, os

olhos pequenos e puxados, e a pele bem morena. Todos ficaram encantados com a beleza da criança, concordando que a menina parecia mais com a madrinha do que com a própria mãe.

Por um bom tempo, a vida seguiu tranquila para a família Campos de Abreu. Glicério estava satisfeito com o trabalho. Fazia algo que lhe dava prazer e, finalmente, passou a ganhar o suficiente para sustentar a família sem precisar da ajuda da sogra. Tidinha e Periquita viviam ocupadas entre os afazeres domésticos, os cuidados com a pequena Joza e a criação dos meninos, principalmente do mais velho, José, que, quanto mais crescia, mais traquino se tornava, mostrando ser um fiel discípulo do não menos endiabrado Tio Raimundo. O tempo passou rápido desde a chegada da família em Três Morros. Tão rápido que nem parecia que já estavam vivendo há dois anos no povoado quando receberam a triste notícia: com a mudança de prefeito em Jequié, o cargo de escrivão de coletoria do povoado de Três Morros iria ser oferecido para outra pessoa. Glicério ficou inconsolável ao tomar conhecimento da sua exoneração. Foi como se o chão tivesse sido tirado debaixo dos seus pés. Sentiu medo. Teria entrado em pânico se não fosse por Tidinha que, de forma firme, lembrou-lhe que não era a primeira vez que passavam por dificuldades e que, no final, sempre arrumavam um jeito de contornar a situação. Além do mais, o trabalho de escrivão fora conseguido por seu cunhado através dos mesmos meios com que agora um outro o tomava. Não tinha mesmo o que fazer, nem do que reclamar. Eram coisas da política. Agora era levantar a cabeça e seguir adiante. Sem mais alternativas, a família decidiu voltar para o Cumbe.

No último dia de trabalho, ao final do expediente, Glicério pediu a Ulisses para ficar sozinho por um tempo na coletoria antes de voltar para casa. Ulisses concordou, entregando-lhe as chaves e andando em direção à porta. Antes de sair, fitou mais uma vez o amigo que, de cabeça baixa, desenhava rabiscos sem nexo numa das folhas do talonário, como se estivesse absorto nos próprios pensamentos. Glicério levantou a cabeça devagar, olhando de volta nos olhos de Ulisses. Sentiu um arrepio subir-lhe a coluna. Lembrou do seu primeiro dia de trabalho. A mesma cena de dois anos atrás se repetia. Só que, dessa vez, não era um estranho que o olhava, e sim um amigo. A mesa, onde aprendera os primeiros passos do ofício de escrivão, já não mais lhe despertava o mesmo fascínio inicial. Ao invés disso, era como se fosse uma velha companheira, pela qual sentia um carinho especial. Quanto a ele próprio, já não era apenas um lavrador humilde e nem um balconista de armazém. Tampouco era somente um tropeiro a se aventurar pelas estradas de terra. Havia finalmente se tornado um escrivão de coletoria. Trazia dentro de si tudo que aprendera naqueles dois anos e nos outros que antecederam a partida do velho Cumbe. Pensou que, na verdade, podia ser o que quisesse. Bastava querer. Não mais sentiu medo e nem ansiedade em relação ao futuro. Sorriu para o amigo que, com o mesmo tom solidário com que o recebera dois anos antes, lhe falou:

- Eu não te disse, meu irmão, que você iria tirar de letra!

A despedida de Três Morros foi triste. Deixavam para trás dois grandes amigos, os quais guardariam na lembrança pelo resto de suas vidas. Anos mais tarde, em meio a outras tantas recordações, Glicério lembraria saudoso da vida em Três Morros e do amigo Ulisses, ao escutar um samba do poeta Vinícius de Moraes, que dizia que “a vida é a arte do encontro”. Para Tíndia, segundo revelou tempos depois, os dois anos passados em Três Morros teriam sido o melhor período da sua vida de casada.



Vida de Cigano

Donana passou o dia arrumando a casa da rua da igreja, que havia ficado fechada durante os dois anos em que a família Campos de Abreu estivera fora. Estava ansiosa com a chegada do filho e dos netos, principalmente da pequena Joza, que ainda não tivera oportunidade de conhecer.

A noite já se adiantava quando chegaram de Três Morros. Estavam todos exaustos da longa viagem de volta, que havia sido mais demorada e cansativa do que a ida. A família agora estava um pouco maior e deslocar-se tamanha distância com uma criança de colo exigia alguns cuidados que acabavam por retardar a viagem. Percebendo o cansaço de todos, Donana limitou-se a dar-lhes as boas vindas, deixando-os à vontade para se reorganizarem no velho lar. Ficou satisfeita em poder ver a nova netinha, que dormia nos braços da mãe.

No dia seguinte, a casa da rua da igreja ficou cheia. Os filhos de Donana vieram do Limoeiro saudar o irmão e ouvir as histórias da viagem. Também vieram Dinha e Dedé de Justino, ansiosos em rever Tidinha e o resto da família. Acima de tudo, todos estavam curiosos para conhecer a nova filha do casal. Fizeram um círculo em torno de Tidinha, que exibia a menina com orgulho. Foi um misto de admiração e surpresa. A menina era realmente linda! Porém, parecia não ter nenhuma das características dos Abreus. Pelo menos nada que fosse imediatamente perceptível. Ficaram calados por um tempo, olhando a pequena Joza, até que um dos irmãos de

Glicério quebrou o gelo:

- Vixe Maria! Que menina preta! Nem parece que é filha do Glicério!

O semblante de Tidinha se transformou. Os olhos se encheram de fúria, voltando-se em direção ao cunhado. Glicério, percebendo o que estava para acontecer, tentou contornar a situação, mas já era tarde demais. Àquela altura, já não havia mais como segurar o ímpeto da esposa. Tidinha largou o verbo:

- E de quem essa menina poderia ser mesmo filha?! Ou você acha que os meus filhos têm que puxar todos para os Abreus?! Segure sua língua na boca, seu amarelo azedo, antes de começar a falar bestagem. Fique sabendo que muitos da família Campos são bem morenos! E somos todos muito mais bonitos que vocês, bando de branquelos com cara de aipim descascado!

O irmão de Glicério chegou a esboçar uma reação, mas a própria Donana se antecipou, intercedendo a situação para evitar um bate-boca entre o filho e a nora. Com a calma e a sobriedade de sempre, procurou pôr um fim à questão:

- Vamos deixar de besteira, minha gente! Não tão vendo que a menina tem os olhinhos pequenos e puxados, e os cabelos negros e lisos, iguais aos meus? Apesar da maioria de nós serem galegos, os Abreus também têm mistura. Além do mais, debaixo desse sol quente do sertão, é melhor mesmo ser moreno que ser branco.

A declaração de Donana ajudou a acalmar os ânimos. O jovem Raimundo, que assistia a tudo com a empolgação daqueles que já gostam de um fuzuê, aproveitou a deixa para recitar um dos seus versos de improviso:

- Com os olhos da Donana e moreninha como eu, nossa pequena Jozélia só pode ser Campos de Abreu!

Caíram todos na risada e a alegria se reestabeleceu na casa da rua da igreja. O dia seguiu tranquilo, entre risos, conversas e bater de copos. Apesar do marido estar mais uma vez desempregado, e das saudades que tinha da amiga Jamile, Tidinha estava feliz em voltar para o Cumbe e de ver as duas famílias reunidas. Sentindo o cansaço se aproximar, dirigiu-se à saleta e sentou-se um pouco no sofá, afagando com uma das mãos a cabecinha da pequena Joza. A menina tinha mesmo os cabelos lisos e os olhinhos puxados da avó Donana, pensou consigo mesma, pegando no sono logo em seguida.

O tempo passado em Três Morros e o retorno para o Cumbe foram significativos para o futuro da família. Periquita, que nunca tinha gostado da ideia de sair do Cumbe, decidiu que não se mudaria tão cedo da casa da rua da igreja. Raimundo começava a refletir sobre o rumo que iria dar ao seu futuro, afinal, já era quase um

homem feito e não poderia ficar a vida toda na barra da saia da mãe. Glicério estava certo da carreira de escrivão e disposto a fazer qualquer esforço para conquistar a estabilidade financeira e garantir o bem-estar da família. Quanto a Tíndia, criaria os filhos aonde quer que fosse e faria o que fosse preciso para apoiar o marido. Foi assim que resolveu voltar a pedir ajuda a Belarmino, mesmo que a contragosto. Não queria ficar pedindo favores, achava humilhação. Ainda mais por saber que Belo não gostava de muita aproximação com os irmãos. Mas não tinha outro jeito, ou engolia o próprio orgulho, ou o marido continuaria desempregado. Insistiu para que Belo novamente encaminhasse Glicério com alguma oportunidade de trabalho. Mesmo achando que já tinha feito o seu papel e cumprido a promessa que fizera ao pai, Belo cedeu às insistências da irmã. Pelo menos daquela vez, sabia que não precisaria fazer muito esforço. Glicério já era um escrivão com dois anos de experiência e ótimas referências, de modo que, em pouco tempo, conseguiu uma nomeação interina para o cunhado na cidade de Piatã, na Chapada Diamantina.

A mudança para Piatã dividiu a família. Periquita decidiu que não mais iria dar o braço a torcer quanto a participar de mais uma das expedições do genro. Aborreceu-se com Tíndia porque ela dava corda às empreitadas do marido. Por ela, voltariam à vida de antes, com Glicério trabalhando na venda do Seu Detinho, Tíndia cuidando das crianças e ela vendendo os seus doces, costurando e alfabetizando a meninada do Cumbe nas horas vagas. Se quisessem ir passar frio na Chapada Diamantina, que fossem. Ela ficaria ali mesmo, na casa da rua da igreja. Raimundo, sem coragem de deixar a mãe sozinha, resolveu ficar também. Para complicar as coisas, Periquita aproveitou o apego que o pequeno João tinha por ela para insistir que deixassem o menino sob os seus cuidados. Sem ânimo para outra contenda familiar, como a que se passara na ocasião da ida para Três Morros, Tíndia resolveu concordar, mesmo contra a vontade do marido. Em poucos dias, partiram os quatro para Piatã: Glicério, Tíndia, Zé e a pequena Joza.

A profissão de escrivão deu início a um período de constantes mudanças na vida de Glicério. A provisoriedade dos cargos resultava em deslocamentos para lugares distantes, que sempre vinham intercalados por períodos de desemprego. Foi assim que, mal começaram a se acostumar com a vida em Piatã, e já tiveram mais uma vez que arrumar as malas: Glicério fora novamente exonerado. Tíndia ficou aperreada. Tinha a sensação de que, a cada passo que davam para frente, voltavam dois para trás. Mas, apesar da constante incerteza, a imprevisibilidade dos cargos interinos acabou por ensinar Glicério a se virar em meio ao jogo político. Por meio das amizades que fizera em Piatã, conseguiu uma nomeação para cumprir uma nova interinidade. Para alegria da família, a vaga que iria preencher seria na cidade de Euclides da Cunha. O casal se encheu de otimismo com a notícia. Afinal, em meio a tanta imprevisibilidade, coisas boas também podiam acontecer. Retornariam para o Cumbe, e agora Glicério já chegaria com emprego garantido. Além disso, apesar do pouco tempo passado em Piatã, Tíndia já sentia uma imensa

falta do filho João, que havia deixado sob os cuidados da Periquita. Voltaram para a casa da rua da igreja. Dessa vez, chegaram trazendo uma novidade. Tidência quis surpreender Periquita e Raimundo. Tentou disfarçar do jeito que pôde, mas a barriga já estava saliente demais para ser escondida. Estava grávida novamente.

A gravidez de Tidência não causou surpresa a ninguém, afinal, aquela história de fazer filho já estava virando costume na vida do casal. O que começou mesmo a causar espanto foi o tamanho que a barriga ganhou com o passar do tempo. Cresceu tanto e tão rápido que alguns começaram a acreditar que Tidência daria luz a gêmeos. Mãe Loló ficou de prontidão, preparada para a possibilidade de ter que trabalhar em dobro. Mal chegaram ao final do oitavo mês e começaram os trabalhos de parto. O nascimento do quinto filho de Tidência, se não foi o mais difícil, certamente foi o mais curioso. Algo parecia estar impedindo o bebê de colocar a cabeça para fora. Tidência fazia força, gritava de dor e nada da criança sair. Fez tanta força que a cara ficou roxa, até que, finalmente, conseguiu um pouco mais de dilatação. Quando a cabeça começou a despontar, Mãe Loló ficou assombrada com o que viu. A criança tinha uma cabeça enorme! Nunca tinha visto um bebê tão cabeçudo. Não admira que não estivesse conseguindo passar. Para piorar as coisas, as orelhas de abano do rebento, marca registrada dos Abreus, dificultavam ainda mais a saída, de modo que a cabeça continuava entalada pela metade. Tidência soltou um grito de agonia. Foi quando a amiga Rizó, que sempre auxiliava Mãe Loló nos partos, num momento de inspiração divina, enfiou as mãos por debaixo dos braços de Tidência, erguendo-a o mais alto que pôde e largando-a com tudo de volta na cama. Aterrissou sentada. A bunda bateu no colchão e a cabeça da criança espirrou para fora. Depois de tanto alargamento, não é preciso dizer que, para o alívio de Tidência, o resto do corpo passou fácil. O bebê já saiu chorando. Era um menino.

De acordo com os planos do casal, o novo filho deveria se chamar Johilson. No entanto, diante das complicações do parto, Periquita teve que se apegar em orações, pedindo socorro ao anjo da cura, o Arcanjo Rafael, de modo que achava que seria um sacrilégio não chamar o menino pelo nome do anjo. Donana não gostou da idéia. Achava Rafael um nome muito comum. Mas ao invés de contestar a Periquita, resolveu fazer uma proposta que deixasse ambas as avós satisfeitas:

- Magdalena, minha amiga, por que não chamamos esse menino de Tobias? Afinal, o Arcanjo Rafael sempre foi o seu anjo da guarda, guiando-o e protegendo-o durante sua longa viagem ao Egito, inspirando-o a casar-se com Sara e curando a cegueira do seu pai, de forma que essa criança que acaba de nascer, recebendo o nome do protegido, continue a se beneficiar por toda vida do amparo e da proteção do Arcanjo.

Periquita não teve como rebater tanta eloquência. Além do mais, mesmo que procurasse disfarçar e se fazer de difícil, havia mesmo gostado da ideia de Donana. No fundo, ficou de verdade empolgada com o nome proposto pela mãe do genro. Mais do que uma homenagem ao anjo, o nome fazia referência a uma passagem bíblica, mostrando que a família possuía um profundo conhecimento das escrituras sagradas. Não esperava a hora de se gabar do nome do novo neto junto às amigas da igreja. Foi assim que, em 15 de junho de 1954, o pequeno Tobias foi o primeiro a quebrar a regra adotada pelo casal, na qual os filhos teriam os nomes sempre iniciados pela letra “jota”.

Vieram os períodos de resguardo. Tidinha dava de mamar ao novo filho, aproveitando para descansar do esforço quase sobre-humano que precisou fazer para parir o cabeçudo. Haja mingau de parida para se recuperar de um parto daqueles! Enquanto isso, Periquita dedicava o tempo para cuidar dos outros netos, enquanto Glicério cumpria a interinidade na coletoria do Cumbe. Donana retornou para o Limoeiro, mas continuou vindo ao Cumbe nos finais de semana. Mal tinham passado cinco meses desde o nascimento de Tobias e a família recebeu uma notícia que já estava virando rotina: Tidinha estava novamente com a menstruação atrasada. Todos olharam para Glicério, que tentou esboçar uma expressão de surpresa. Mas, com aquela cara vermelha, não tinha nem como se fazer de desentendido. Dessa vez, as gaiatices de Raimundo não pouparam ninguém:

- Eita Glicério que não dá sossego a Tidinha! Baixa esse fogo, home! Coitada da minha irmã! Nem teve tempo de se recuperar do estrago feito pela cabeça do Tobias e ainda tem que aguentar a secura do marido, que não...

Ainda ia completar a frase quando a Periquita arremessou a primeira coisa que encontrou pela frente. Dessa vez, conseguiu se esquivar. Correu aos risos para fora da casa, em meio aos conjuros da Periquita. De jeito algum, deixaria a mãe lhe desenhar outra cicatriz na testa.

No dia 14 de agosto de 1955, nasceu Ismael Campos de Abreu. Como a regra dos nomes iniciados pela letra “jota” já havia sido quebrada, Periquita resolveu propor que colocassem o nome do novo filho em homenagem ao avô materno, o finado Ismael Augusto da Silva. Para o alívio de Tidinha, Ismael era uma criança pequena e magrinha, bem diferente do cabeçudo Tobias. Quase não houve trabalho de parto. Aliás, trabalho foi coisa que não existiu no nascimento do pequeno Ismael. O bebê atravessou o canal feito um sabonete molhado que escorrega pelas mãos. Mãe Loló, que àquela altura já acreditava ter presenciado todo tipo de situação, ao puxar a criança, exclamou:

- Nossa Senhora! Esse menino não nasceu! Foi cuspidor!

Com o nascimento de Ismael, veio a preocupação com o término de mais uma interinidade e com o início de mais um período de desemprego. Tinham agora cinco filhos para criar e não poderiam continuar vivendo naquela incerteza, pulando de um trabalho para outro, mudando-se para lá e para cá. Glicério estava feliz por, finalmente, ter se engajado em algo que lhe dava completude. No entanto, ainda não havia conseguido conquistar a estabilidade que tanto sonhara. Sabia que era competente, mas continuava a depender do jogo político para conseguir os cargos nas coletorias. Foi assim que, prestes a ficar mais uma vez desempregado, recebeu de Belo o conselho que daria uma nova diretriz em sua vida:

- Glicério, você é um rapaz estudioso e aplicado. Além disso, tem competência suficiente para não ficar dependendo de que os outros lhe consigam trabalho. Esse ano vai ter concurso público para escrivão. Estude que você passa! Se passar, ninguém tira mais o seu emprego.

E foi isso mesmo o que Glicério fez. Pegou o programa, meteu a cara nos livros, estudou diligentemente e foi à luta. Algumas semanas depois, o resultado: fora aprovado! Em breve, seria chamado para preencher uma vaga no povoado de Itapura, município de Miguel Calmon, bem na encosta da Chapada Diamantina. Mais uma vez, a família teria que pôr o pé na estrada.

A casa da rua da igreja entrou em festa. Até os pequenos Zé e João comemoravam, mesmo sem entender exatamente do que aquilo tudo se tratava. Periquita deixou de lado a implicância. Parabenizou o genro, desejando-lhe boa sorte. Como era de se esperar, não iria acompanhar a família na nova empreitada. Ficaria ali mesmo, no Cumbe, junto com o filho Raimundo. Donana aproveitou o sábado de feira para vir com os filhos escutar do próprio Glicério a novidade. Estavam todos orgulhosos. No entanto, o orgulho maior foi sentido por Tidinha, que agora já podia experimentar um certo alívio. Finalmente, o marido não iria mais correr o risco de ficar desempregado.

Partiram numa velha marinete. Os pequenos Zé e João se agitavam dentro do micro-ônibus, pulando de um banco a outro, animados com a expectativa da viagem. Joza, ainda uma menininha de apenas quatro anos, tentava imitar os irmãos mais velhos. Foi preciso a ajuda de Glicério para acalmar as crianças, já que Tidinha tinha que se ocupar dos dois menores, Tobias e Ismael. O balanço da marinete na estrada de terra foi, aos poucos, tranquilizando a meninada, até que, dentro de pouco tempo, estavam todos dormindo.

Antes de chegar em Itapura, tiveram que parar em Miguel Calmon. Glicério deveria comparecer à sede da coletoria local para receber as instruções sobre as funções que iria exercer no novo cargo. Além disso, precisavam providenciar as montarias que iriam transportá-los até Itapura, já que, de Miguel Calmon em diante, esse era o único meio viável de chegar ao povoado. Acabaram passando três

dias em um pensionato, onde Tidinha tratou logo de fazer amizade com os donos do estabelecimento, um simpático casal da sua faixa etária. Como era comum acontecer, o carisma de Tidinha conquistou o casal, que acabou providenciando os animais para levarem os Campos de Abreu a Itapura, além de pedirem ao próprio filho que guiasse aquela simpática família até o seu destino. Não cobraram nada pela gentileza. Quatro dias depois de deixarem o Cumbe, a família finalmente chegava à sua nova residência.

Itapura era um povoado pequeno e isolado. Chegava a ser menor e mais escondido do que Três Morros, de modo que, comparado ao Cumbe, era como viver em uma pequena aldeia. Àquela altura, o Cumbe já mostrava sinais de desenvolvimento e cada vez mais as pessoas começavam a se referir à cidade pelo seu novo nome: Euclides da Cunha. No entanto, para Glicério, o tamanho e o isolamento de Itapura não chegavam a incomodar. Pela primeira vez na vida, iria desfrutar do trabalho de escrivão sem a preocupação em perder novamente o emprego. Agora era um profissional concursado.

Para Tidinha, a passagem por Itapura foi marcada pela conquista de mais uma nova e interessante amizade. A primeira pessoa que conheceu no povoado foi Ametista, uma mulher alta, magra, muito branca e desengonçada. À primeira vista, a esquisitice da mulher causava estranheza. Chegava a ser um pouco cômica, com o seu jeito desconjuntado. Mas o que lhe faltava de formosura era compensado com alegria, lealdade, simpatia e sinceridade. Como Tidinha, Ametista não tinha freios na língua: falava o que pensava. Também era muito atenciosa. Para ela, não tinha tempo ruim quando se tratava de ajudar alguém. As duas tinham personalidades tão parecidas que ficaram amigas logo de cara, nutrindo um grande apreço uma pela outra.

O mais interessante da passagem de Ametista na vida dos Campos de Abreu foi a curiosa relação que ela estabeleceu com a sétima filha de Tidinha. A menina nasceu em Itapura, no dia 24 de janeiro de 1957. Foi Ametista quem providenciou a parteira e cuidou dos preparativos: toalhas limpas, bacia com água fervida e todo o resto necessário para um parto caseiro. A criança saiu de forma tranquila, sem qualquer complicação. Não deslizou para fora como o pequeno Ismael, mas também trabalho não deu. Tudo parecia correr dentro das normalidades, até o momento de cortar o cordão umbilical. A parteira errou a mão e o corte saiu mal feito, causando uma intensa hemorragia. Era sangue para todo lado. Ametista procurava acalmar Tidinha, que chorava desesperada, enquanto a parteira tentava conter o sangramento. O sangue continuava a esguichar e o choro da criança já ia ficando cada vez mais fraco. Tidinha lembrou de Periquita e do que a mãe sempre lhe ensinara: quando a coisa não tem jeito, só resta se apegar a Deus. Olhou para Ametista e pediu que fosse correndo buscar a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, que ficava num pequeno altar improvisado no canto da sala. Ametista atravessou a casa correndo,

diante do olhar assustado de Glicério e das crianças, que esperavam do lado de fora do quarto. Pegou a imagem da santa e entrou de volta, batendo a porta atrás de si. Entregou a santa nas mãos de Tíndha que, imediatamente, começou a rezar:

- Valei-me, minha Nossa Senhora Auxiliadora! Pelo amor de Deus e do Nosso Senhor Jesus Cristo, não permita que minha filhinha morra!

Ouvindo as preces de Tíndha, Ametista intercedeu dizendo:

- Faça uma promessa pra Virgem, Tíndha! O pedido vai ficar mais forte!

- Virgem Maria Santíssima, entrego-lhe minha filha para protegê-la, adotando-a como uma afilhada nesta terra. Prometo que, se receber a graça que vos peço, ela se chamará Maria Auxiliadora e não cortará os cabelos até os dezoito anos, em homenagem a sua santa imagem.

Ametista arregalou os olhos ao ouvir a promessa feita pela amiga, mas ao ver Tíndha imersa em orações, achou melhor não dar mais nenhum palpite. Ajoelhou ao lado da cama e as duas seguiram rezando fervorosamente a oração da Ave Maria. Como num milagre, o sangue que fluía do umbigo da criança foi estancando aos poucos, até que a parteira pôde, finalmente, fazer um curativo. Todos ficaram aliviados. Pela sétima vez, Tíndha colocava uma criança no mundo.

Os dias foram passando e, aos poucos, a pequena Dorinha, como passou a ser chamada, ia se recuperando. Era uma menina branquelinha, de cabelo ralo e com as perninhas e os bracinhos finos. Durante aqueles dias, Ametista passava a maior parte do tempo fazendo companhia a Tíndha, ajudando com os afazeres domésticos e olhando os pequenos Zé, João, Joza, Tobias e Ismael, enquanto Glicério trabalhava na coletoria. Tíndha se ocupava de amamentar e cuidar da recém-nascida, na esperança de que ela se recuperasse logo de todo aquele sangue perdido. Por vezes, ficava olhando para a pequena Dorinha e lembrando da sua finada filha, Jozildete. Nessas horas, virava para a amiga Ametista e repetia:

- Quase que Deus me leva essa também! Tíndha da minha bichinha! Ainda tá tão fraquinha! Mas, bonitinha ela é, né Ametista?

Foi numa dessas que Ametista, não aguentando mais segurar a língua, resolveu expressar o que realmente pensava:

- Tíndha, minha amiga, você sabe que eu não sei mentir. Só lhe peço que não fique zangada comigo, pois eu vou lhe dizer uma coisa, com muita sinceridade: de bonitinha sua filha não tem é nada! A verdade é que essa menina é feia de doer! É mesmo que estar vendo uma rã branca na minha frente! E tem mais, esse negócio de cabelo comprido é outra coisa que já venho querendo lhe contar. Seu juramento

da menina criar cabelo até os dezoito anos foi a promessa mais doida que eu já vi alguém fazer pra uma filha! Você faz a promessa e é ela que tem que pagar?! E se ela não gostar ou não ficar bem de cabelo comprido? E se a menina tiver o cabelo duro?! Ela vai ter que criar mesmo assim?! Essa promessa era pra você cumprir, e não a pobre da menina!

Tidinha já preparava uma resposta, quando o pequeno Zé entrou correndo no quarto. Parou no meio das duas e, olhando fixamente para a irmãzinha recém-nascida, exclamou:

- Eita que essa menina é muito esquisita! Parece até que é filha de Ametista!

Tidinha caiu na risada. Naquele momento, Ametista olhou de maneira diferente para a pequena Dorinha e, de repente, começou a sentir um carinho especial pela criança. Não soube explicar o porquê, mas o comentário do pequeno Zé lhe despertou um sentimento materno em relação à menina. Daquele dia em diante, Dorinha passou a ser o xodó de Ametista. Fazia questão de ficar com a menina nos braços, quando a pequena não estava mamando no colo da mãe. Tidinha olhava aquilo com prazer, sempre repetindo:

- Pois é, minha amiga, pra quem achava que minha filha parecia uma rã branca, você até que acabou criando um chamego danado com a menina. Parece até que quer ficar com ela pra você! Só não te dou como afilhada porque essa já está prometida.

Ametista nem ligava para os comentários irônicos de Tidinha. Não dava atenção a mais nada quando estava com a pequena Dorinha nos braços. Ficava ninando a menina, olhando para a pequena e pensando que se um dia viesse a ter filhos, ia querer uma menininha com a cara da Dorinha.

Poucos meses após o nascimento de Dorinha, Glicério precisou ir a Miguel Calmon para receber um telegrama vindo de Euclides da Cunha. Quando leu o documento, os olhos arregalaram. Teve que conter a euforia para não passar vergonha diante dos colegas de trabalho. O telegrama era um comunicado avisando sobre a sua remoção. Já fazia algumas semanas que o próprio Glicério havia enviado um telegrama ao cunhado, sondando a possibilidade de uma transferência para Euclides da Cunha. Queria fazer uma surpresa para Tidinha e os meninos, de modo que ninguém mais sabia a respeito do seu plano de voltar para o Cumbe. Para Belo, que naquela época era o coletor da cidade, não foi difícil garantir a remoção. Glicério não conseguia imaginar um cenário mais perfeito do que aquele. Iria voltar a morar no Cumbe, perto do resto da família, trabalhando como funcionário público concursado, recebendo salário de escrivão e sem se preocupar com a possibilidade de ser exonerado. Agradeceu a Deus, sentindo que todos os seus esforços haviam, finalmente, sido recompensados.

Partiram de Itapura da mesma forma que chegaram. Cada adulto em um cavalo, trazendo algumas das crianças nas garupas. Dois burros acompanhavam o “bando”, carregando nos caçuás os pertences da família. Em um dos caçuás, forrado por toalhas, acomodaram os pequenos Tobias e Ismael, envoltos por lençóis para ficarem bem protegidos. Ametista fez questão de acompanhar a família até Miguel Calmon. Trazia Dorinha presa junto ao corpo, amarrada numa espécie de tipoia, como faziam os índios. Sentia o coraçãozinho da menina bater, enquanto a saudade já começava a lhe apertar o peito. Respirou fundo, procurando segurar o choro.

A família entrou em Miguel Calmon por volta das seis horas da tarde, como se fosse uma espécie de caravana, sob o olhar curioso dos moradores da cidade. Quando chegaram na praça, um moleque que brincava na rua gritou:

- Êita que é cigano!

O comentário do menino fez Glicério refletir. De fato, já fazia um bom tempo que viviam mudando de um lugar para outro, como se realmente fossem ciganos. Finalmente, aquela vida itinerante estava prestes a acabar. Tanto ele quanto Tidinha desejavam a segurança de uma vida estável, perto da família e dos amigos de infância. A remoção para o Cumbe, de certa maneira, representava a conquista desse objetivo. De repente, experimentou uma estranha inquietude. Sentiu um certa ansiedade, que surgia não sabia de onde, sem quê nem porquê. Apesar do rumo que as coisas estavam tomando, alguma coisa pareceu lhe dizer que ainda não seria daquela vez que fincaria suas raízes. Olhou para o céu, que já começara a escurecer, e viu surgir, aqui e ali, as primeiras estrelas da noite. Sentiu-se pequeno e desamparado diante daquela imensidão. Virou-se para trás e viu a família que o acompanhava. Seus olhos cruzaram com os de Tidinha, que lhe retribuiu o olhar com um leve sorriso. Glicério sentiu então uma paz invadir-lhe o coração. Sabia que não estava sozinho.



Sacrifícios

Já havia algum tempo que Periquita andava desconfiada. Podia sentir a ansiedade do filho, que se mostrava mais agitado que o normal. O comportamento de Raimundo começava a lhe causar preocupação. Não conseguia descobrir o que o estava deixando tão inquieto. Para piorar as coisas, fazia várias semanas que não tinha notícias de Tidência. Sentia saudades dos netos, principalmente de João, o seu xodó. Pra que diabos o genro inventou de arrastá-los para tão longe?! Pensava consigo mesma, sentindo-se cada vez mais triste.

Quando Raimundo anunciou que iria em busca do pai, no Maranhão, a tristeza se transformou em melancolia. Viu-se abandonada. Ficaria sozinha na casa da rua da igreja, longe de todos os que lhes eram caros. No entanto, apesar da solidão que sentia, a verdade é que não podia culpá-los. Tidência era uma mãe de família e, como tal, deveria apoiar as decisões do marido e cuidar da criação dos filhos. Além disso, sabia que as empreitadas do genro eram motivadas pelo desejo de garantir o futuro e o bem-estar das crianças. Quanto a Raimundo, na sua condição de filho adotivo, criado sem pai, tinha todo o direito de querer conhecer o sujeito cuja semente ajudou a trazê-lo ao mundo. Havia chegado a idade em que precisava fazer as pazes com um passado do qual não lembrava e sobre o qual pouco conhecia. Mas, ainda que soubesse disso tudo, a melancolia da Periquita não passava. Era como se a vida sempre arrumasse um jeito de afastá-la daqueles que amava. Nos dias seguintes à partida de Raimundo, afundou-se em orações.

Passaram algumas semanas em que Periquita mal colocava a cara na rua. Os dias se arrastavam e ela trancada em casa, rezando, costurando e fazendo seus doces por encomenda. Naquela manhã de domingo, cansada do isolamento que impunha a si mesma, resolveu ir à missa. Estava arrumando o cabelo no coque habitual, quando ouviu o som das palmas na entrada da casa. Abriu a porta e deu de cara com Belo:

- Bom dia, Periquita! Estava a caminho da missa e aproveitei para me informar se a senhora já está sabendo da notícia. Na sexta-feira, recebi a resposta da sede da coletoria em relação ao pedido de remoção de Glicério, de modo que a solicitação foi aprovada. Amanhã mesmo estarei mandando um telegrama para Miguel Calmon avisando a Glicério que arrume as malas, pois no início do próximo mês ele já começa a trabalhar na coletoria do Cumbe.

Periquita quase não conseguiu disfarçar a surpresa. Não estava sabendo de nada. Sentiu uma certa raiva do genro por não deixá-la a par dos planos de voltar para o Cumbe. Mas logo a raiva se dissipou, dando espaço à alegria da iminência de rever Tidinha e os netos. Agradeceu a Belarmino e despediu-se, com a seriedade de sempre, escondendo a empolgação e fingindo que já estava a par de tudo. Passou o resto do mês ansiosa com o retorno da família. A tristeza se foi e já não mais levava os dias trancada dentro de casa.

O retorno ao Cumbe foi o início de um período de tranquilidade e alegria para a família Campos de Abreu. Estavam todos reunidos novamente na casa da rua da igreja, com exceção de Raimundo, que continuava no Maranhão. Mandou notícias dizendo que encontrara o pai e que ele o havia colocado para cursar o ginásio. Periquita recebeu a notícia com um misto de saudade e orgulho. Tinha ficado triste com a partida do filho, é verdade. Mas estava feliz em saber que Raimundo resolvera tomar um rumo e se dedicar aos estudos. Continuou levando a vida como costureira, doceira e alfabetizadora, além de ajudar Tidinha na criação dos seis filhos. Os pequenos Zé e João, que já não eram tão pequenos assim, passaram a frequentar a Escola Paroquial São José, uma escola só para meninos, dirigida pelo temido Padre Jackson, conhecido por conduzir a molecada na “rédea curta”. Jozélia, como ainda era novinha, foi estudar no velho Prédio Escolar, onde ainda não se separavam os meninos das meninas. Tobias, Ismael e Dorinha ainda não tinham idade para frequentar a escola, mas já começavam a aprender a soletrar as primeiras palavras com a avó. Tidinha cuidava da casa e das crianças, alternando tarefas com Periquita. Quanto a Glicério, não poderia estar mais feliz, trabalhando como escrivão na coletoria do Cumbe, sob a chefia do cunhado e ganhando o suficiente para sustentar a família. A vida, finalmente, parecia seguir o rumo desejado, pelo menos por enquanto.

Mais ou menos dois anos depois do retorno ao Cumbe, duas novas surpresas vieram alegrar ainda mais a casa da rua da igreja. Raimundo, agora com o ginásio completo, resolveu fazer uma visita à família. Foi recebido na cidade como herói, já que, para a maior parte do povo do Cumbe, o sujeito se descampar sozinho para outro estado e voltar com um diploma de ginásio era coisa de gente retada, que tinha coragem de ir além dos limites que a vida de sertanejo impunha. Ainda no mesmo ano do retorno de Raimundo, para não perder o costume, Glicério e Tidinha fizeram mais um filho. O novo rebento do casal nasceu em 22 de fevereiro de 1959, pelas mãos, mais uma vez, de Mãe Loló, exatamente dois anos após a chegada da pequena Dora. No dia do parto, Glicério incumbiu José, na época com 11 anos de idade, de manter os irmãos afastados da casa até que estivesse tudo terminado. Ficaram todos sentados do outro lado da rua, com os olhos arregalados, ouvindo assustados os gritos da mãe, que ecoavam de dentro da casa. Passado algum tempo, Glicério veio chamar os filhos para conhecer o novo irmão. Tidinha tinha dado a luz a um menino. O nome escolhido para o recém-nascido foi uma homenagem a São Francisco de Assis, sugestão feita por Cecília, meia-irmã de Tidinha. Tidinha gostou da idéia, já que a oração do santo era uma das suas favoritas. Quanto a Periquita, não houve razão para contenda. Se era nome de santo, por ela estava tudo bem. Ainda mais, um santo qualificado como São Francisco que, em vida, abrisse mão de toda sua riqueza para doá-la aos mais necessitados. Ficou feliz com a escolha. Sendo assim, mal o menino nasceu e já foi logo sendo apelidado de Chico pelos irmãos. Tidinha suspirou aliviada depois do nascimento do menino. Há tempos que não tinha um parto dentro das “normalidades”. O pequeno Chico veio ao mundo sem enforcamento por cordão umbilical, sem hemorragia, sem entalção por cabeça grande e, muito menos, sem ser cuspidado para fora da barriga da mãe.

O nascimento de Chico e a visita de Raimundo, no entanto, não foram as únicas surpresas daquele ano. Ao final de 1959, um detalhe legislativo pegou Glicério de surpresa. A norma referente aos cargos públicos dizia que não era permitido que parentes trabalhassem numa mesma repartição, de modo que ele e o cunhado ficariam impedidos de exercer seus cargos, simultaneamente, na coletoria de Euclides da Cunha. A única solução seria uma nova transferência. Glicério, então, lembrou do dia em que deixaram Itapura, quando, ao entrar no município de Miguel Calmon, um moleque os chamou de ciganos. Pensou que aquilo talvez fosse mesmo a sua sina: viver se mudando de uma cidade para outra, pulando de galho em galho, como um cigano. Pediu a Deus que estivesse errado.

A má notícia foi anunciada pelo próprio Belo, que já se antecipara em providenciar a próxima remoção de Glicério. Apesar da surpresa, Glicério teve que se conformar. Achava justo que ele mesmo, e não o cunhado, fosse transferido. Também, não poderia ser de outra forma, ainda mais depois de todos os favores que Belo já lhe havia feito, mesmo que sempre por insistência de Tidinha. Além disso, havia anos que Belarmino ocupava o cargo de coletor em Euclides da Cunha e fora ele quem

consequira que Glicério fosse transferido para o Cumbe. Não tinha outro jeito. Mais uma vez, teria que deixar a cidade que tanto amava. Naquela noite, sentou para conversar com Tidinha. Anunciou, com tristeza, que em breve estariam se mudando para Ribeira do Amparo.

A mudança para Ribeira do Amparo preocupava Glicério. Já havia tido a oportunidade de conhecer o local durante suas aventuras como tropeiro. Era um povoado pequeno e precário, próximo ao município de Cipó, com muito pouco a oferecer. Sair da coletoria de Euclides da Cunha para trabalhar em Ribeira do Amparo seria como andar para trás. Mas uma coisa, mais do que todas as outras, deixava Glicério ainda mais avexado: em Ribeira do Amparo não havia escolas. Àquela altura da vida, depois de todas as experiências pelas quais passara, estava convencido de que uma boa educação era a porta de entrada para as oportunidades que a vida oferecia. Prometeu a si mesmo que faria qualquer sacrifício para que os filhos tivessem acesso a uma educação de qualidade. Jamais iria permitir que um filho seu terminasse a vida como lavrador, naquela terra seca e hostil do sertão baiano. Matutou por um tempo, até que teve uma ideia. Na casa da rua da igreja, reuniu a família na pequena saleta para comunicar o novo plano:

- Tomei a decisão de que não vamos morar em Ribeira do Amparo coisa nenhuma.

Os olhos da Periquita brilharam de alegria. Imaginou que iriam ficar ali mesmo, no Cumbe, vivendo todos na casa da rua da igreja, como nos velhos tempos. Afinal, já que Raimundo havia partido, não teria coragem de ficar mais uma vez longe de todos. Mas a alegria da Periquita durou pouco. Tidinha interrompeu o marido, querendo logo saber do que se tratava aquela história:

- Me desculpa Glicério, mas que conversa é essa, home? Você tá pretendendo viver de quê aqui no Cumbe? Esqueceu que agora cê tem sete filhos pra sustentar? Vai bater na porta de Seu Detinho pedindo pra trabalhar como balconista de novo, é?!

- Não se avexe não, mulher, que o trabalho em Ribeira do Amparo continua de pé. Só que vamos todos morar em Cipó, onde nossos filhos vão poder continuar frequentando a escola. Filho meu não vai ficar sem estudar nessa vida. Quanto a mim, vou comprar uma bicicleta. Vou rodando o pedal todo dia pra o trabalho, nem que eu tenha que sair de casa antes do sol aparecer no céu.

O coração de Tidinha se encheu de orgulho do marido. Até a Periquita deixou de lado a birra e reconheceu o sacrifício que o genro estava disposto a fazer pelo futuro das crianças. Zé, João e Joza pularam de alegria. Não iam mais precisar deixar de ir à escola. Tobias, Ismael e Dora imitavam os mais velhos, sem realmente entender a razão de tanta euforia, enquanto Chico dormia nos braços da avó. Tidinha levantou da cadeira, olhou para Glicério e falou:

- Home, cê não existe!

Glicério tentou se manter sério, mas o sorriso de canto de boca e a cara vermelha de manga rosa o entregaram. Tossiu para disfarçar o embaraço, replicando:

- Pois então vamos começar a nos ajeitar, pois dentro em breve botamos o pé na estrada.

Mudaram-se para Cipó logo após os festejos natalinos. Os acertos da remoção exigiam que Glicério já começasse o ano atuando na coletoria de Ribeira do Amparo. Aquele foi um Natal triste para os Campos de Abreu. Apesar dos esforços que Glicério fazia para manter o otimismo e minimizar o impacto da mudança sobre as crianças, imaginava que seria difícil criar uma situação tão boa quanto a vivida nos últimos três anos em Euclides da Cunha. Apesar de ter nascido no Limoeiro, e Tidinha na Carnaíba, o casal considerava o Cumbe como sua casa, seu lar, sua terra. Além disso, sabiam que as crianças nutriam o mesmo sentimento pela cidade. Não era à toa que, apesar de rodarem tanto por aquele sertão, e por outros lugares ainda mais distantes, pulando de uma cidade para outra, sempre acabavam retornando para o Cumbe. Para Glicério, o velho Cumbe fora o palco dos acontecimentos mais importantes de sua vida. Ali conhecera Tidinha e ali se casaram. Foi no Cumbe que conseguira o emprego de balconista na venda de Seu Detinho, o primeiro passo para deixar para trás aquela vida de lavrador no Limoeiro. Também foi lá que meteu a cara nos livros e passou no concurso público para escrivão, garantindo o trabalho que tanto almejava. Por fim, o velho Cumbe foi o lugar de nascimento dos seus filhos, aqueles que dariam continuidade à sua história quando chegasse sua hora de ir para perto de Deus. Foi então que se deu conta de um fato curioso: apenas os seus filhos homens haviam nascido no Cumbe. Joza e Dorinha vieram ao mundo em cidades diferentes. Assim como ele e Tidinha, não eram de fato Euclidenses. Pelo menos, não segundo suas certidões de nascimento. Tentou entender se havia alguma lógica por trás daquilo, mas não conseguiu encontrar nenhuma explicação que o deixasse satisfeito. A única coisa de que tinha realmente certeza era que, no fundo dos seus corações, consideravam-se todos filhos do velho Cumbe.

Para a surpresa da família, a vida em Cipó acabou sendo muito melhor do que haviam imaginado. Cipó era uma cidade turística e movimentada. O lugar era conhecido por ser uma estância hidromineral, como se fosse um verdadeiro oásis em pleno sertão nordestino. Suas águas quentes eram consideradas medicinais, de modo que vinha gente de todo canto do país para se banhar em suas fontes. Dizem que até o próprio Lampião e Maria Bonita passaram um tempo por lá, junto com seu bando, usufruindo das propriedades curativas daquelas águas. O fluxo de gente que chegava em Cipó era tão importante para a economia local que chegaram a construir um hotel e um cassino na cidade. A imponência arquitetônica do Grande Hotel Caldas de Cipó era tanta que ele levou oito anos para ser construído. Entre

outras figuras ilustres, o hotel hospedou o próprio presidente Getúlio Vargas que, em 1952, decidiu ir em pessoa realizar sua inauguração e conhecer de perto as fontes de água quente da cidade. Para o povo do lugar, tanto o hotel quanto o cassino eram provas de que o progresso também podia chegar no sertão.

O cotidiano da família não chegou a alterar tanto com a mudança para Cipó: os mais velhos continuavam indo para a escola durante o dia e os mais novos ficavam em casa sob os cuidados de Tinha e Periquita. Como já era de se esperar, não demorou muito e Tinha anunciou uma nova gravidez. Agora seriam oito filhos para sustentar. Haja milho pra dar de comer a tanto pinto, pensou Periquita quando recebeu a notícia. Quanto a Glicério, o que mudou mesmo na sua rotina diária foram os 30 quilômetros que tinha de pedalar para ir e voltar ao trabalho em Ribeira do Amparo. Como na época o orçamento não permitia nada muito sofisticado, teve que comprar uma bicicleta usada, daquelas de quadro rebaixado, modelo feminino, cujo assento precisava ser levantado até o limite para que conseguisse pedalar sem precisar encolher tanto as pernas. A cena chegava a ser cômica: um homem daquele tamanho rodando numa bicicletinha de menina. Mas o embaraço era o de menos. Pior mesmo era ter que pedalar 30 quilômetros todo dia naquele “velocípede”. Apesar das dificuldades, o deslocamento na bicicletinha por aquelas estradas empoeiradas de terra seca, debaixo do sol escaldante, era um sacrifício que fazia com gosto quando lembrava que os filhos estavam tendo a oportunidade de frequentar a escola.

Os fins de semana eram esperados com ansiedade pela meninada. Zé e João, por já serem maiores, podiam usar a bicicleta do pai para passear pela cidade. Baixavam o assento e alternavam os passeios, saindo em disparada, com os mais novos correndo atrás. Nos domingos, para a alegria da criançada, Glicério levava a família para tomar banho na piscina do Grande Hotel, que era aberta para o público durante os períodos de baixa estação. A folia da molecada era tanta que Tinha e Periquita precisavam redobrar a atenção, com medo que um dos filhos acabasse se metendo em algum acidente. Não eram raros os sustos devidos às brincadeiras de empurrar, que acabavam resultando em eventuais escorregões na beira da piscina. Tinha e Periquita retribuía os sustos e as desobediências com os famosos bolos de palmatória. A depender da gravidade da molecagem, o infrator podia até levar uma surra de cipó, daquelas que deixavam as canelas ardendo durante dias. Zé, por ser o mais velho e o mais rebelde, era também o que mais apanhava. Era difícil passar um dia em que Tinha não recebesse alguma reclamação da escola ou de algum vizinho sobre os aprontes do filho mais velho. Certa feita, o menino mal ia colocando o pé na rua quando foi abordado pela mãe, que acordara de mau humor:

- Hoje você vai apanhar antes de sair de casa, pois já sei que no final do dia alguém deve bater aqui na porta pra fazer queixa sua.

Naquele dia, Zé tomou uma surra antecipada. Mesmo assim, aprontou. Só que, daquela vez, foi por vingança mesmo. Quanto mais apanhava, mais a raiva aumentava. E quanto mais raiva tinha, mais aprontava.

As surras que os meninos levavam da mãe e da avó, nem sempre eram justificáveis. Apesar das diferenças, Tidinha herdou da Periquita um pouco do ímpeto violento. Era capaz de castigar os filhos com a mesma intensidade que os defendia quando alguém os agredia ou quando resolviam falar mal de seus meninos. Quanto a Glicério, não se metia nesse aspecto da educação das crianças, de modo que nunca precisou levantar a mão para castigar nenhum dos filhos.

O primeiro ano em Cipó foi marcado por um acontecimento importante. Pouco tempo após o anúncio da gravidez de Tidinha, Raimundo apareceu de surpresa na cidade. Mostrava-se mais alegre e brincalhão do que o habitual, o que deixou Tidinha desconfiada. Tinha certeza de que a chegada inesperada de Raimundo não se devia a uma simples visita. Alguma coisa o irmão estava tramando. De fato, por traz do bom humor exagerado, Raimundo escondia um plano que deixaria Tidinha muito contrariada: viera a Cipó para buscar Periquita. Tinha decidido mudar-se para Recife, onde iria trabalhar com um dos irmãos por parte de pai, e estava determinado a levar a mãe consigo. O coração da Periquita não lhe deixou escolha. Dos filhos que criou, Raimundo sempre foi o seu chamego. Mesmo receosa com a ideia, decidiu fazer a vontade do rapaz. Tidinha sentiu-se traída. Não era a primeira vez que a mãe optava por ficar longe da família. Além disso, Periquita resolveu partir logo naquela hora, quando Tidinha mal acabara de anunciar sua gravidez. A verdade era que, desde nova, carregava uma certa mágoa da mãe e sentia ciúme do irmão, em função da preferência que Periquita sempre demonstrou pelo filho.

Tidinha passou a semana de calundu. Em dias como aqueles, qualquer sinal de desobediência por parte dos filhos virava motivo de pancada. Acabava descarregando a raiva e a frustração nos meninos. Quando chegou o dia da viagem, mãe e filha se despediram num clima um tanto hostil. Raimundo e Periquita partiram sem perspectiva de retorno.

A coisa ficou difícil para Tidinha. Tinha sete filhos para tomar conta e mais um na barriga, o marido trabalhando em outra cidade, saindo pela manhã e retornando apenas no início da noite. Como se não bastasse, mesmo com o salário de escrivão a coisa começou a ficar pesada para Glicério, com tantos filhos para alimentar, ainda mais sem a ajuda da venda dos doces e das confecções da Periquita. Apesar das dificuldades, Tidinha aprendera com a mãe a não reclamar da vida. Ergueu a cabeça e enfrentou com a coragem de sempre as semanas que se seguiram após a despedida. Tentava não pensar na escolha feita pela mãe em partir para Pernambuco junto com Raimundo. Não queria mais sentir raiva e nem tristeza.

Continuou a tocar a vida do jeito que podia, concentrando-se na criação dos filhos e buscando alegria e esperança na nova vida que se formava em seu ventre.

A aventura de Raimundo e Periquita durou pouco. Mal se passaram seis meses e os dois já retornavam de Recife. Os planos de Raimundo não saíram como o esperado. Trouxe a mãe de volta para a Bahia e partiu definitivamente para o Maranhão. Dessa vez, foi sozinho. Acabou se engajando numa empresa americana de pesquisa de petróleo, até se aposentar no estado do Amazonas, onde constituiu família e fincou suas raízes. Quanto a Periquita, não teve outra escolha senão voltar para perto de Tíndia e do resto da família. A partir daquele dia, ficaria do lado da filha até o final da vida.

Periquita voltou de Recife em tempo de alcançar o nascimento do novo filho do casal. Para o assombro de Glicério, Tíndia deu a luz a outra menina, confirmando o fato que havia constatado pouco antes da mudança para Cipó: mais uma filha que nascia em uma cidade diferente, enquanto os meninos nasceram todos no velho Cumbe.

Maria do Socorro Campos de Abreu nasceu três dias antes do Natal, em 22 de dezembro de 1960, no mesmo ano em que o então presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, inaugurou a cidade de Brasília, a nova capital do país. O nome da menina já havia sido previamente escolhido pela mãe, como parte do pagamento de uma promessa realizada a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Até hoje não se sabe do que se tratava a promessa, que nunca foi revelada por Tíndia.

No início, a menina era chamada de Socorrinho. No entanto, quando começou a esboçar as primeiras palavras, ganhou logo o apelido de Coiô. Isso porque, na época, o povo da região se referia à chupeta como o “consolo” da criança. Como a pequena Socorrinho ainda não conseguia pronunciar corretamente as palavras, vivia chorando e pedindo: “me dá meu coiô, me dá meu coiô”. Não teve jeito, o apelido pegou e, mesmo depois de se tornar uma mulher adulta, continuou sendo carinhosamente chamada por todos de Coiô.

A vida seguiu seu rumo e mais um ano se passou com a família vivendo em Cipó. Pouco antes do primeiro aniversário da pequena Coiô, ao final de 1961, outra surpresa agradável: o filho mais velho do casal completou o último ano do primário e foi prestar o Exame de Admissão ao Ginásio. Toda a família ficou na expectativa do resultado do exame. O resultado saiu e Zé foi aprovado com um honroso primeiro lugar. Como não havia ginásio em Cipó, o garoto teve que se mudar para a cidade de Tucano, onde passou a viver em regime de internato, frequentando o ginásio do seminário São José, sob os cuidados do Padre Gumercindo.

Toda a família ficou orgulhosa do menino, mas ninguém mais do que o próprio Glicério. Sentiu o coração ser invadido por um tipo de alegria que ainda não conhecia. Já tinha vivido momentos em que sentira orgulho dos filhos, mas aquilo era diferente. Para ele, o primeiro lugar alcançado por Zé não era apenas um sinal de que o menino se esforçara e se destacara mais que os outros candidatos. Aquilo era uma confirmação de que o filho herdara suas habilidades e de que nutria pelos estudos a mesma estima que ele próprio cultivara durante toda sua vida. Pai e filho compartilhavam dos mesmos valores e dos mesmos talentos.

Junto com a alegria do ingresso de Zé no ginásio, também chegaram novas preocupações. O ginásio do seminário São José era pago e, no caso dos alunos internos, o custo ficava ainda mais alto. Glicério teria que fazer malabarismos para conciliar as despesas domésticas e os custos com a educação do filho. Mas só o fato de um dos meninos frequentar o ginásio era suficiente para deixá-lo com o ânimo renovado. Se já estava disposto a fazer sacrifícios, agora então é que não mediria esforços para garantir a educação das crianças. Sonhava com o dia em que veria todos os filhos formados, com seus diplomas universitários em mãos. Foi assim que, quando chegou a vez de João ingressar no ginásio, Glicério resolveu se mudar com a família para Tucano. Apesar dos esforços, o salário não dava condições de cobrir as despesas de dois filhos matriculados num colégio interno. Com a mudança para Tucano, o custo do ginásio seria apenas o valor da mensalidade escolar, o que não incluía as taxas extras do regime de internato. Além disso, o trajeto de Tucano para Cipó era bem servido por ônibus e caminhões, de forma que poderia ficar de segunda a sexta em Ribeira do Amparo, vindo passar os fins de semana com a família.

O novo plano funcionou por um tempo. Em Tucano, toda a família se empenhou no sacrifício de garantir a educação dos mais velhos sem comprometer o bem-estar dos mais novos. Enquanto Glicério continuava a trabalhar na coletoria, Tíndia e Periquita uniam forças como doceiras e costureiras para incrementar o orçamento. José e João continuavam a frequentar o ginásio. Joza, que já estava ficando uma mocinha, auxiliava na criação dos irmãos menores, orientando-os a ajudar da forma que pudessem. Foi assim que, numa certa ocasião, chegaram em Tucano os caminhões do Programa Aliança para o Progresso, enviados pelo governo dos Estados Unidos. Os caminhões distribuíam latas de leite em pó para as crianças da cidade, que corriam para a praça aos bandos, causando tumulto e alvoroço, na ânsia de conseguirem o alimento gratuito. Sabendo da notícia, Joza juntou os irmãos mais novos e foram todos garantir o leite da semana, com exceção de Tobias, que ficou em casa dormindo. Quando acordou, viu os irmãos chegando, cada um com uma lata de leite nas mãos. Tobias correu para a praça, na esperança de também conseguir uma lata e, assim, contribuir para diminuir as despesas da família. Encontrou uma multidão de crianças ao redor do caminhão. Embrenhou-se

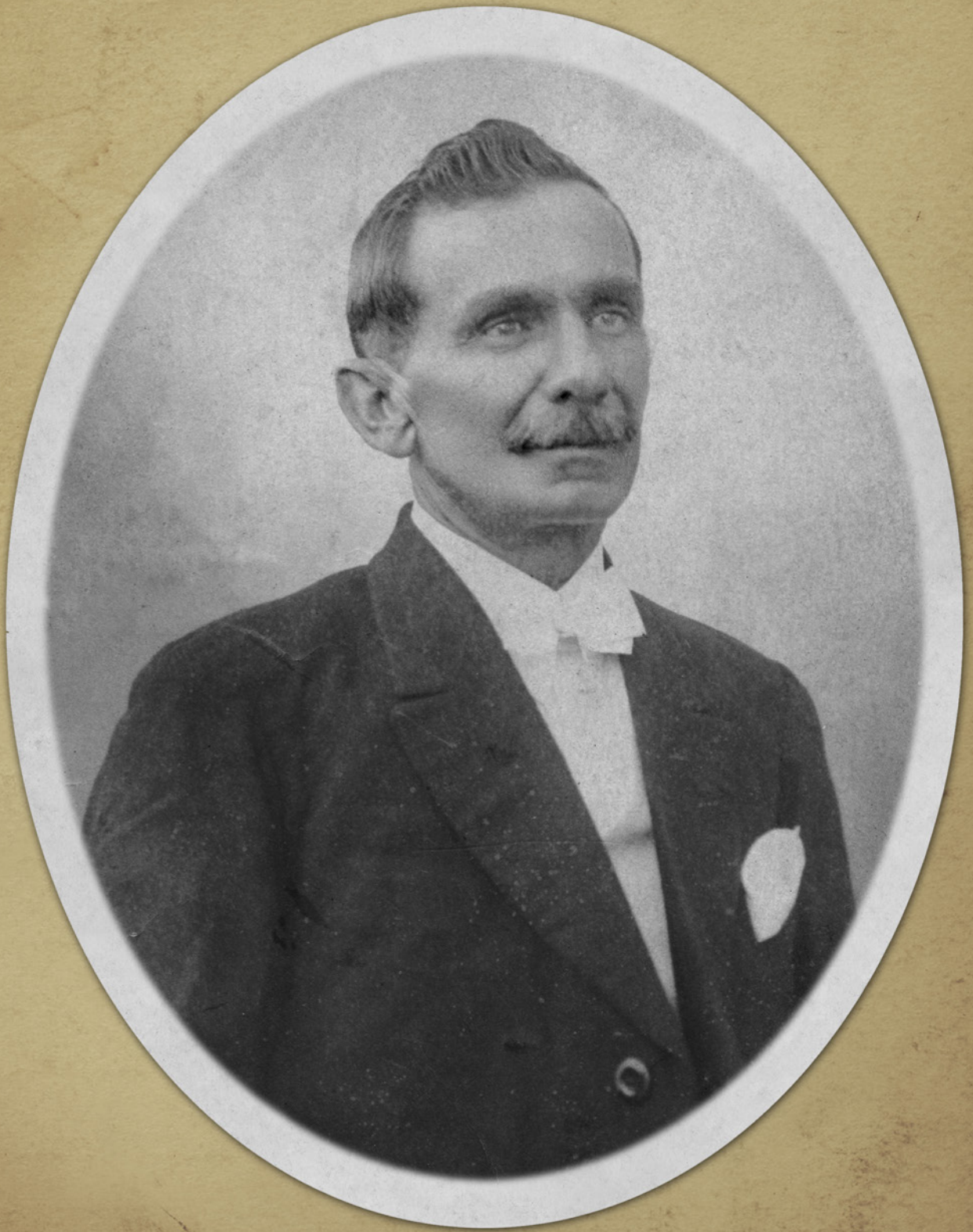
entre a criançada e, em pouco tempo, começou a se sentir claustrofóbico. Preso em meio à confusão do empurra-empurra e sem mais conseguir se mexer, entrou em pânico. Olhou para o céu e pediu a Deus que arrumasse um jeito de tirá-lo dali, lembrando da frase que costumava ouvir da Periquita: “nos momentos de aflição, olha para o alto e pede ao Pai, que a solução virá!”. E veio! Uma lata de leite voou por cima da meninada, acertando Tobias em cheio na cabeça e abrindo espaço no meio da multidão de crianças, horrorizadas com o sangue que escorria da cabeça do menino. Tobias foi parar na enfermaria local, mas, pelo menos, conseguiu sair da confusão. Quando chegou em casa, ainda apanhou da mãe.

Glicério sentia orgulho do empenho da família, mas sua preocupação continuava. Na verdade, desde o início sabia que a mudança para Tucano era apenas uma solução temporária. No ano seguinte, seria a vez de Joza ingressar no ginásio. Mesmo morando em Tucano, não teria condições de cobrir os custos de três filhos frequentando o seminário do Padre Gumercindo. Ainda assim, estava determinado a fazer da educação das crianças a meta principal de sua vida. Precisava encontrar um lugar onde houvesse um ginásio de qualidade e que não fosse pago. Foi dessa forma que, em 1963, a família Campos de Abreu se preparou para fazer uma nova mudança. Dessa vez, a maior e mais importante de todas. Não iriam mais partir para alguma cidadezinha das redondezas. Tampouco iriam morar em algum vilarejo na Chapada Diamantina. Glicério estava disposto a fazer o maior de todos os sacrifícios. Deixaria para trás, de uma vez por todas, o sertão baiano, o velho Cumbe e a casa da rua da igreja. Solicitou uma nova transferência e se preparou para fazer o que, na época, muitos consideravam loucura. Com a mulher, a sogra e os oito filhos, decidiu partir rumo à grande capital baiana.

Para a ansiedade de todos, a transferência de Glicério foi aprovada. Agora não tinha mais como voltar atrás. Em breve, estariam se mudando para Salvador. Trocariam o sertão pelo litoral, a tranquilidade pelo tumulto, o familiar pelo desconhecido, e a segurança da vida no interior pelos perigos e incertezas da cidade grande. Chegava o fim de uma era para a família Campos de Abreu. Uma nova realidade os aguardava, bem diferente de tudo o que conheciam.



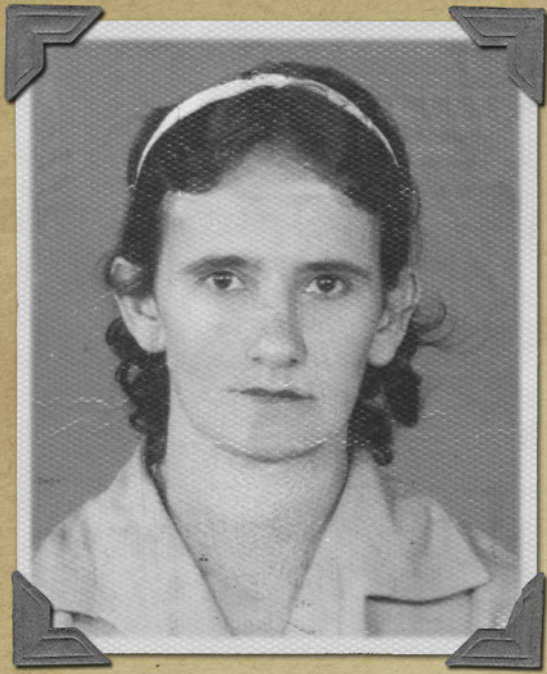
Ana Carvalho de Abreu - Donana



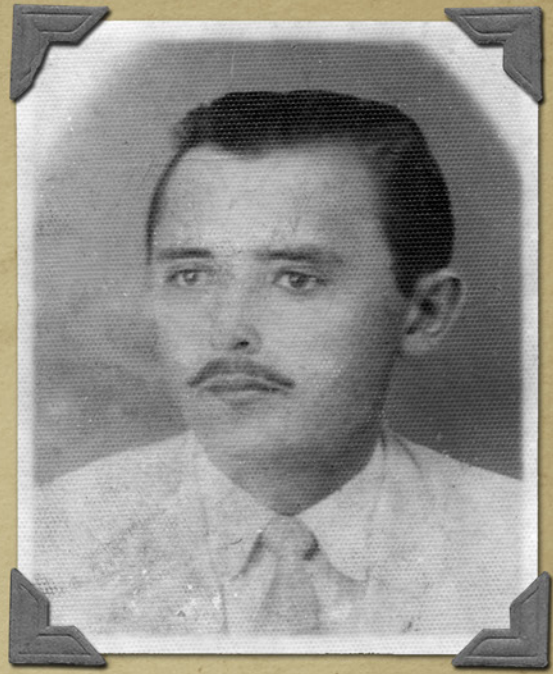
Ismael Augusto da Silva



Maria Magdalena Campos - Periquita



Tidinha



Glicério



Periquitinha, Tidinha e Glicério com José nos braços



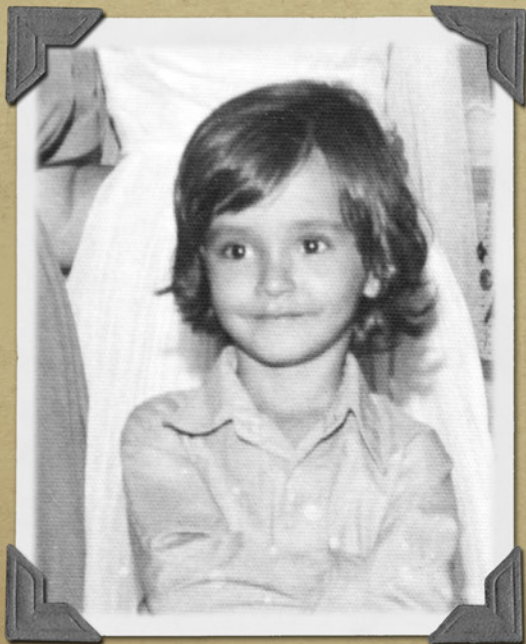
Tidinha com Auxiliadora nos braços, Glicério,
Jozélia, João, José
Tobias e Ismael



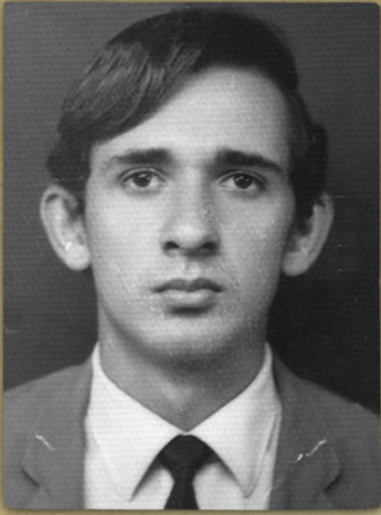
Socorro e Francisco



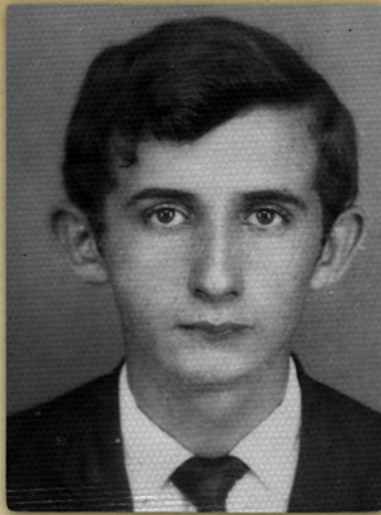
Raimundo Bizerra



Glicério Júnior



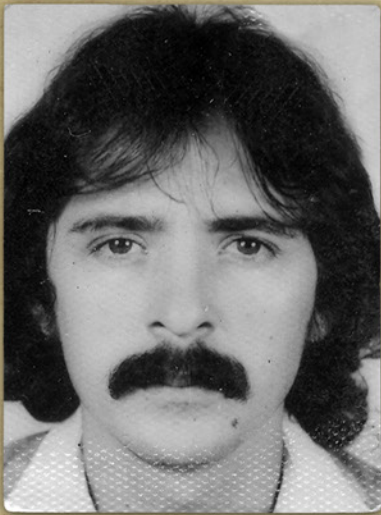
José



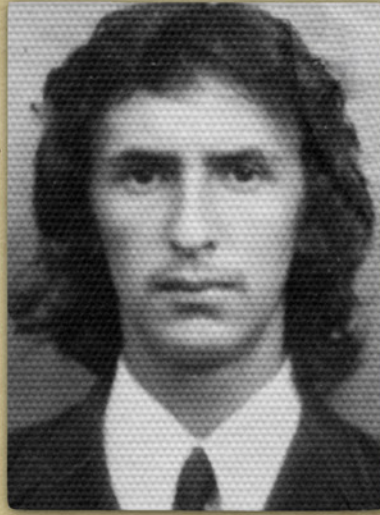
João



Jozélia



Tobias



Ismael



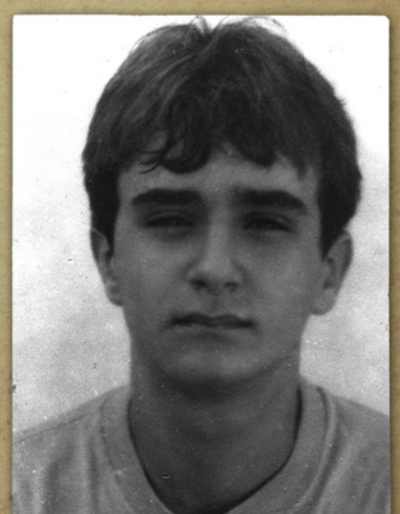
Auxiliadora



Francisco



Socorro



Glicério Júnior



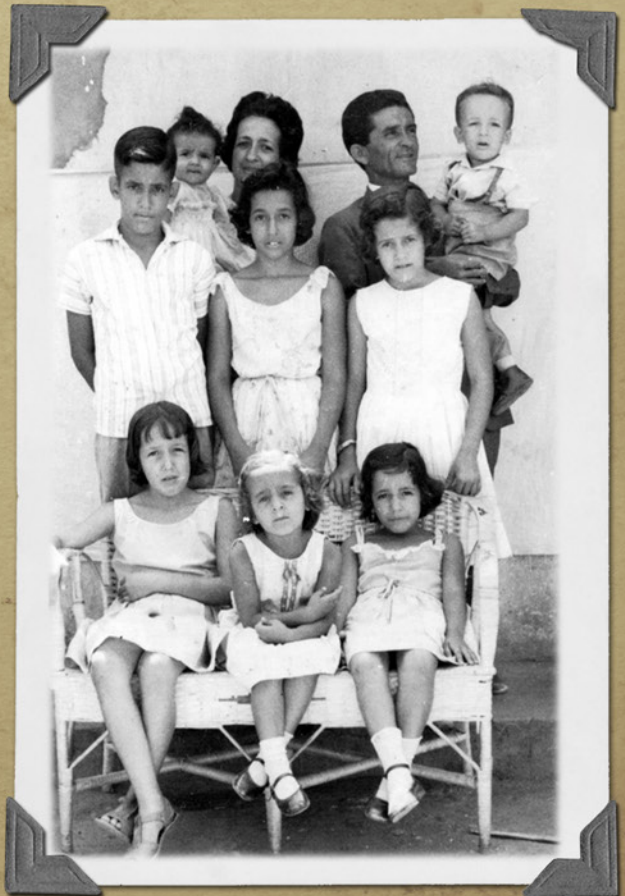
Adelina



Belarmino com sua primeira esposa e filhos



Ceci



Lourinho e Família



A chegada a Salvador

Glicério resolveu ir primeiro. Partiu com a missão de providenciar a futura moradia da família, coisa que não poderia ser feita de qualquer jeito. Afinal, não estavam se mudando para um vilarejo qualquer do interior baiano. A escolha teria que ser cautelosa. Precisava avaliar tudo com cuidado. Resolveu que o mais importante é que a nova residência fosse localizada perto de uma escola pública ou do ginásio que os mais velhos passariam a frequentar. Assim, poderia economizar no transporte das crianças e elas não se afastariam muito de casa, o que deixaria Tíndia e Periquita mais tranquilas. O aluguel também não poderia ser caro. O custo de vida na capital era alto em relação às cidadezinhas do sertão. O salário de escrivão ficaria apertado para sustentar toda a família numa cidade grande como Salvador. Decerto, Tíndia e Periquita teriam que dar um jeito de ajudar no orçamento, aliás, como sempre fizeram. Depois de muita procura, encontrou um pequeno apartamento, localizado no final de linha do Engenho Velho de Brotas, na época, um dos bairros populares mais pobres de Salvador. A rua, sem calçamento, abrigava um terreno baldio que funcionava como uma espécie de lixão. Do apartamento, era possível ver e sentir o fedor das porcarias que eram jogadas diariamente no terreno abandonado. “Do jeito que detesta sujeira, a Periquita não vai ficar muito satisfeita em morar perto de um depósito de lixo”, pensou Glicério com seus botões. Mas, não tinha jeito. Além de o aluguel ser barato, o prédio dividia o muro com uma boa escola pública. Aproveitou o dia em que fechou o contrato de aluguel para já matricular os mais novos no colégio ao lado. Estava decidido. Era ali mesmo que iriam morar.

Poucas semanas depois, a família Campos de Abreu chegava a Salvador. Vieram em um grande ônibus da Real Nordeste, uma viagem de quase 7 horas por uma estrada de terra seca e esburacada. As poltronas eram desconfortáveis e o veículo não tinha banheiro. O ônibus ia fazendo paradas ao longo do caminho, fosse para que os passageiros pudessem fazer suas necessidades ou para pegar novos passageiros que esperavam nas pequenas cidades ao longo da estrada. O balanço do ônibus desviando dos buracos, combinado com o calor, deixava os mais novos enjoados e irritados. Quando um parava de chorar, um outro começava. Até os mais velhos, inicialmente empolgados com a viagem, já começavam a reclamar, mostrando sinais de cansaço. Periquita e Tidinha respiravam fundo, tentando manter a paciência e acalmar as crianças. Glicério trazia Coiô no colo. Vinha calado, procurando esconder a tensão e a ansiedade. Em breve, estariam chegando a Salvador. Olhou pela janela e pensou consigo mesmo se havia feito a escolha certa, mudar-se para a cidade grande com a esposa, a sogra e oito filhos ainda crianças. Em seguida, lembrou dos tempos no Limoeiro, quando ainda tinha a mesma idade de Zé, seu filho mais velho. O que teria sido de sua vida se não tivesse se dedicado aos estudos? Talvez ainda estivesse lá, trabalhando na roça, sem muitas chances de dar um futuro melhor à família. Provavelmente, os filhos acabariam como lavradores, repetindo o ciclo de pobreza de uma geração a outra, como a maioria das famílias do sertão baiano. Por mais que o futuro na capital fosse incerto, sentiu no seu íntimo que estava cumprindo a sua missão. Determinou como meta garantir a educação dos filhos, e era isso que iria fazer. Pela janela do ônibus, surgiam os primeiros sinais de uma paisagem urbana: edifícios, carros e ruas asfaltadas, indicando que estavam chegando ao seu destino. Estavam todos exaustos.

Chegaram na antiga rodoviária das Sete Portas, onde funciona hoje um entreposto de abastecimento de alimentos. Os onze desceram do ônibus. A cena era típica de uma família de retirantes, que chegam à cidade grande em busca de melhores oportunidades. Os pequenos, feito um bando de pintinhos que se escondem por baixo das penas da mãe, se ajuntaram perto de Tidinha e Periquita. Os maiores observavam tudo com curiosidade e fascínio. Os olhos arregalados denunciavam o assombro diante de tanta gente e tanto barulho. Milhares de pessoas andando em todas as direções, como uma imensa boiada solta ao léu num enorme pasto. Nem mesmo na feira do Cumbe tinham visto tanta gente junta num lugar só. O pequeno Ismael, na época com apenas 7 anos de idade, abismado com a quantidade de pessoas, correu para perto de Glicério. Segurando sua mão, exclamou, perguntando curioso:

- Eita quanta gente! Tá tendo festa, é pai?

Glicério sorriu, apertando a mão do menino e pedindo para o resto da família que se aproximasse:

- Vocês tão vendo esse povo todo? Pois isso aqui não é festa nenhuma, não. Tratem de ir se acostumando, que na cidade grande é assim mesmo. É gente pra tudo que é lado. A partir de agora, vamos ficar todos juntos pra que ninguém se perca. Zé e João, vocês me ajudam com as sacolas. O resto de vocês, fiquem perto de sua mãe e sua avó. Ainda tem mais um ônibus pra gente pegar até chegar no apartamento.

Os dois meninos obedeceram. Os outros se aproximaram ainda mais de Tíndia e Periquita, que carregavam Chico e Coiô nos braços. Glicério pegou uma sacola em cada mão e a família seguiu o patriarca em direção ao ponto do ônibus que os conduziria para o bairro do Engenho Velho de Brotas.



O Novo Lar

O bairro do Engenho Velho de Brotas ficava encravado num morro, com uma única via de acesso para quem chegava de carro: por onde se entrava tinha que sair. O prédio era formado por um andar superior e apenas quatro apartamentos, sendo dois no térreo e dois na parte de cima. A escada que dava acesso às unidades superiores era externa, de modo que, para chegar no apartamento dos fundos, passava-se pela porta do apartamento da frente, onde agora vivia a família Campos de Abreu.

O apartamento tinha dois quartos, uma sala e um banheiro. Na cozinha, havia uma mesa com seis cadeiras, uma geladeira usada e um fogãozinho marca jacaré de duas bocas, além de um armário acima da pia, onde guardavam pratos, talheres e alimentos não perecíveis. A área de serviço tinha o espaço exato para acomodar um tanque de lavar roupa, algumas vezes usado para dar banho nos mais novos e assim liberar o único banheiro da casa para os adultos e os filhos mais velhos. O imóvel era pequeno, levando-se em conta a quantidade de gente que passou a habitá-lo. Glicério e Tinha ocupavam um dos quartos, junto com a pequena Coiô, que dormia num berço de madeira improvisado. No outro quarto dormiam Periquita, Jozélia e Dorinha. Os meninos, Zé, João, Tobias, Ismael e Chico, tinham que dormir na sala. Dois dividiam um sofá-cama, enquanto os outros três dormiam em camas de campanha que eram dobradas e guardadas no quarto das meninas durante o dia, onde também ficava a máquina de costura da Periquita. Como se não

bastassem onze pessoas vivendo em tamanho aperto, Glicério resolveu hospedar por alguns meses o filho de um amigo coletor dos tempos de Piatã. O rapaz tinha vindo estudar na capital e pagava uma pensão à família para ajudar no orçamento. Eram doze ao todo.

Vizinha ao pequeno prédio, ficava a tal escola, principal razão da escolha da nova moradia. A justificativa caiu bem como argumento contra as reclamações da Periquita, tão logo ela percebeu que o prédio ficava bem próximo a um depósito de lixo. Ainda assim, nos dias em que o vento batia e o cheiro dos dejetos invadia o apartamento, Periquita não perdia a oportunidade de provocar a filha com algum comentário sarcástico e mal-intencionado:

- Que belo lugar o seu marido tratou de arrumar pra nós morarmos, né Tidinha? Nem o beco nos fundos da casa da rua da igreja em dia de domingo cheirava tão bem. Parece até que...

Nessas horas, Tidinha interrompia a mãe com rispidez, tratando de pôr um fim à conversa:

- Não tá gostando não, mãe? Se a senhora quiser, ainda tá em tempo de voltar pra o Cumbe. A senhora pode ir morar lá na casa da rua da igreja. Vai ficar lá sozinha, que nem da vez que o seu filho Raimundo te largou e foi atrás do pai no Maranhão.

Periquita então se calava. Tidinha sabia que a partida de Raimundo para procurar o pai no Maranhão sempre fora um dos pontos fracos da mãe. Não gostava de remoer as coisas do passado, mas também não ia deixar que Periquita fizesse pouco de Glicério. Admirava o esforço que o marido estava fazendo para dar um futuro melhor aos filhos e não admitia que ninguém, nem mesmo a própria mãe, transformasse seu sacrifício em motivo de chacota. Se tinham que morar próximo ao lixo para que as crianças pudessem estudar perto de casa, que assim fosse. Apoiaria a decisão do marido, custasse o que custasse.

A escola vizinha se chamava Landulpho Alves, onde passaram a estudar os mais novos. De dentro do apartamento, da janela de um dos quartos, dava para ver o que as crianças faziam no pátio da escola, o que servia como mais um argumento contra as impicâncias da Periquita, que, aos poucos, ia se acostumando com a situação. Zé e João foram dar continuidade ao ginásio no Colégio Góes Calmon, que ficava a uns três quilômetros do fim de linha. Os dois meninos iam e voltavam a pé, e assim a família fazia mais uma economia. Jozélia foi a única que ficou sem a companhia dos irmãos. Precisou prestar exame de admissão para o Colégio Pamphilo de Carvalho, que fazia parte da rede de ensino particular. Glicério não havia conseguido vaga para que a filha prestasse exame numa escola pública. Não gostava da ideia de que

a menina seria a única a ter que ir para a escola sozinha. Além disso, sabia que a despesa adicional iria pesar no orçamento. Mas filha sua não ia ficar sem estudar.

Os primeiros anos na cidade grande tiveram suas dificuldades. Glicério passava o dia inteiro trabalhando na coletoria. Chegava em casa no início da noite, exausto de mais uma jornada de labuta. O movimento no trabalho era intenso. Muito diferente das coletorias das cidadezinhas do interior, com as quais estava acostumado. Em casa, Tidinha dividia o tempo cuidando da pequena Coiô e dando conta dos afazeres domésticos. Periquita contribuía como podia. Ajudava Tidinha com a limpeza da casa e com o preparo do almoço e jantar. Nas horas vagas, ia para a máquina de costura. Confeccionava alguma coisa para vender e assim ajudar no orçamento, além de consertar as roupas dos netos para que a família não precisasse gastar mais do que o necessário. As roupas dos mais velhos iam passando para os mais novos, à medida que iam crescendo. Tudo era aproveitado. Até os farrapos que sobravam eram usados para fazer bonecas de pano para as netas. Em termos de praticidade, não havia ninguém com os talentos da Periquita.

A rotina no apartamento seguia tranquila, pelo menos até a hora das crianças chegarem da escola. Aí então é que começava a agonia. Com tanto menino junto, dentro de um apartamento tão apertado, as pirraças e confusões eram constantes. Nesses casos, os bolos de palmatória eram mais eficientes do que qualquer sermão. Alguns já abriam o berreiro antes mesmo de receber a primeira pancada, na esperança de comover a mãe e aliviar a surra, estratégia que nem sempre funcionava. Os mais atrevidos estendiam a mão fechada, numa atitude desafiadora. De uma forma ou de outra, a madeira piava, fosse na palma da mão, nas juntas dos dedos fechados ou pelas pernas, braços e onde mais a palmatória alcançasse. No final das contas, quando Glicério chegava da coletoria, a tranquilidade já estava relativamente imposta no ambiente e a família podia se acomodar para o jantar. A comida era regrada e dividida igualmente antes de ser servida, para evitar briga. Um prato de sopa de feijão ou de verdura e um pedaço de pão para cada um. E aí daquele que se atrevesse a pegar mais do que lhe fora dado. Como o custo de vida era alto para sustentar tanta gente, os dois filhos mais velhos, além de frequentar o ginásio, também tinham que trabalhar. Vendiam leite na porta de casa para o pessoal do bairro. O leite vinha de uma fazenda em Feira de Santana, trazido todo dia pelo genro da irmã de Periquita que abastecia alguns bairros da cidade.

Apesar das dificuldades, nem só de sacrifícios era a vida na cidade grande. Os dias de sábado eram recebidos com animação pela meninada, que ganhava as ruas do bairro. Zé e João, por serem os mais velhos, tinham um pouco mais de liberdade para circular nos arredores, o que já não era permitido a Jozélia, por ser filha mulher. Os dois garotos se juntavam aos moleques da mesma idade para jogar bola e bater perna pelo Engenho Velho, tentando a sorte com as meninas da vizinhança. Os irmãos menores não podiam se afastar muito, sempre sob a constante vigilância da

Periquita. Mas os limites estabelecidos não diminuían os ânimos dos garotos. Na frente do prédio, Tobias e Ismael se dedicavam ao passatempo preferido: empinar arraia. Acabaram por virar parte da turma do RP, mesmo sem saber direito o que estavam fazendo. Por se tratar de um bairro pobre, onde proliferavam bocas de fumo, a Rádio Patrulha da Polícia costumava aparecer para dar “batidas”, na tentativa de lavar algum flagrante, quase sempre sem sucesso. Assim que a viatura despontava na única via de acesso ao bairro, a população tomava conhecimento de imediato. O primeiro menino que avistava o carro começava a gritar, criando uma rede de telefone sem fio, repetindo para os demais que se deslocavam em todas as direções: “RP! RP! RP!”. Tobias e Ismael achavam a coisa divertida, vendo naquela gritaria uma espécie de brincadeira da garotada do bairro. Participavam do movimento, sem ter ideia de que estavam alertando os traficantes acerca da chegada da polícia. Ao ouvir a gritaria da meninada, os bandidos rapidamente tratavam de escapular, descendo pelas escadarias que davam acesso aos becos e vielas morro abaixo, aonde os carros não conseguiam chegar. Lá de baixo, faziam gestos obscenos para os policiais que ficavam olhando de cima sem poder fazer nada.

Os domingos eram reservados por Glicério para levar os filhos à praia. Desciam por uma das ladeiras estreitas que davam acesso ao ponto de ônibus da Vasco da Gama e de lá partiam rumo às praias da Amaralina ou da Pituba. Na maioria das vezes, levava apenas os meninos. Quase sempre Joza e Dorinha eram obrigadas a fazer companhia a Tidinha e Periquita, que ficavam em casa, limpando o apartamento, preparando a comida e cuidando de Coiô. Não é que o trabalho fosse tanto, ao ponto de impedir que as duas mulheres participassem dos momentos de lazer. Mesmo quando não tinham muito para dar conta, eram obrigadas a passar a maior parte do tempo no apartamento. A mudança para a cidade grande contribuiu para reforçar o machismo e a desconfiança de Glicério, comportamento típico do sujeito do sertão. Achava que uma mulher de respeito não podia ficar se expondo pelas ruas de uma cidade como Salvador, cheia de malandros e gente ladina. Ir à praia, então, nem pensar. Para a esposa e a sogra, era permitido ir à missa e fazer compras, em geral nos dias de sábado, na feira das Sete Portas, levando sempre um ou dois dos meninos para carregarem as sacolas. A coisa melhorou um pouco quando Lourinho, irmão de Tidinha por parte de pai, deu baixa na Marinha e retornou do Rio de Janeiro para morar em Salvador. Tidinha passou a acompanhar Glicério e a filharada para passar o domingo em Itapuã, onde Lourinho morava com a família.

Sem muito o que pudesse fazer quanto à falta de liberdade, Tidinha encontrava consolo nas eventuais visitas que chegavam do interior. De quando em quando, a família hospedava algum parente ou amigo que vinha à capital para resolver algum problema ou fazer algum exame médico. Nessas ocasiões, Tidinha aproveitava para ouvir as novidades, pôr os assuntos em dia e matar um pouco da saudade. Transportava-se para o velho Cumbe, tentando imaginar como andava a vida na velha cidade por meio das histórias que escutava. Não demorou muito e o próprio

Raimundo resolveu aparecer para uma visita. Chegou do Maranhão de surpresa, como sempre gostou de fazer, trazendo na mala uma quantidade enorme de presentes para a família. Naquela época, já era um funcionário de destaque na empresa americana de pesquisa de petróleo. A visita de Raimundo foi um momento marcante durante o tempo no Engenho Velho de Brotas. Já um homem feito, sentou para conversar com Glicério sobre a vida e tudo o que se passara desde a época de menino no velho Cumbe. Aproveitou para pedir desculpas pelas birras do passado e expressar a admiração que tinha pela coragem do cunhado em se mudar com toda a família para Salvador. Foram à praia com a meninada, passearam pela cidade e tiraram muitas fotos. Com a permissão de Glicério, Raimundo levou Tidinha e Periquita para conhecer a Igreja do Nosso Senhor do Bonfim. Para as duas mulheres, aquele foi um momento mágico. Mãe e filha ficaram em êxtase ao chegar no alto da sagrada colina, deparando-se com a tão famosa igreja. Ajoelharam-se em frente ao altar, rezaram juntas e choraram emocionadas. Voltaram para casa com as forças e os espíritos renovados. Sentiam que, apesar de difícil, a vida também podia ser boa. Tidinha agradeceu ao irmão e, ao menos durante aquela semana, conseguiu esquecer completamente as mágoas do passado. Raimundo partiu de volta ao Maranhão poucos dias depois, e a vida voltou a normalidade.

Assim seguiram os anos de 1964 e 1965 na cidade grande. Com o passar do tempo, as coisas foram se arrumando aos poucos. No coração de Glicério, crescia a certeza de que não mais sairiam de Salvador. Dois anos se haviam passado desde que chegaram à capital baiana. Àquela altura, Glicério já enxergava as coisas de um modo diferente. Passou a acreditar que o bairro do Engenho Velho de Brotas talvez não fosse o ambiente propício para criar os filhos. Analisou a própria situação financeira e concluiu que talvez fosse tempo de encarar novos riscos. Era chegada a hora de uma nova mudança.



Novas Conquistas

A busca por um novo imóvel já se estendia há algumas semanas. Glicério aproveitava os dias de sábado, quando não estava trabalhando, para visitar casas e apartamentos, na esperança de achar um lugar apropriado para a família. O financiamento do Montepio, destinado a funcionários públicos, era uma grande oportunidade. Mesmo assim, os preços estavam acima do que havia previsto, e os 20% que precisava dar de entrada iam além do que as circunstâncias lhe permitiam arcar. Quando já estava prestes a desistir, encontrou um pequeno apartamento de dois quartos com dependência, no subsolo de um prédio. O imóvel estava longe de ser o lugar ideal, mas o preço era bom. Além disso, o pouco que tinha conseguido juntar durante os últimos dois anos chegava perto do valor do sinal. Resolveu que daria um jeito. Decidiu pedir ajuda ao velho companheiro Jones, dos tempos da coletoria de Piatã, que concordou em emprestar o complemento da entrada. Pela primeira vez em sua vida, Glicério estava prestes a realizar o sonho de adquirir o seu próprio imóvel.

A notícia da compra do apartamento foi motivo de festa para a família. Tinha, emocionada, atribuiu a realização ao Nosso Senhor do Bonfim. Com os olhos cheios d'água, confessou que, na ocasião da visita à sagrada colina, no momento em que entrou na igreja e se ajoelhou em frente ao altar, sentiu um arrepió descer-lhe pela cabeça, atravessar-lhe o corpo, chegando até as solas do pés. Interpretou o acontecido como um sinal de que a graça do Senhor do Bonfim havia sido derramada sobre ela:

- Deus seja louvado! Eu sabia, meu Senhor do Bonfim, que o Senhor havia de nos valer! Graças a Deus, meu pai eterno!

A emoção de Tidinha contagiou a mãe. De braços erguidos, Periquita aproximou-se da imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, que ficava pendurada na parede da sala, e proferiu em voz alta a oração do Santo Espírito:

- Vem Santo Espírito. Enchei o coração de vossos fieis. Acendei nele o fogo de vosso amor. Enviai o vosso espírito. Tudo será criado. Renovarei a face da terra. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém!

Joza e Dorinha automaticamente ergueram os braços, respondendo em uníssono ao “amém” da avó. Os meninos observaram calados por um instante, mas o olhar repreendedor da Periquita foi mais do que suficiente para que seguissem o exemplo das irmãs. O clima de fervor religioso se espalhou pela sala, ainda que a contragosto de alguns. Glicério, observando a coisa toda com um certo ceticismo, se limitou a fazer uma observação:

- Não sou de duvidar das graças de santo nenhum, muito menos de Nosso Senhor do Bonfim. Mas a gente tem que agradecer mesmo é ao Jones, que concordou em me emprestar o dinheiro que faltava pra completar os 20% do sinal. Sem ele, eu não comprava o apartamento.

- E você acha que foi quem que iluminou a mente e o coração daquele sujeito pra que ele lhe fizesse o empréstimo, Glicério? Oh homem de pouca fé!

Sem querer começar uma discussão com a sogra, Glicério achou que o melhor mesmo era ficar calado. Fosse como fosse, por obra do Nosso Senhor do Bonfim ou pela generosidade de um velho amigo, o importante é que agora não mais viveriam de aluguel. Levaria o tempo que levasse, mas iria quitar todas as prestações do novo imóvel. O apartamento era seu.

A nova moradia da família ficava na rua das Pitangueiras, no próprio bairro de Brotas, praticamente no topo da Ladeira dos Galés, indo para o largo dos Paranhos. O apartamento ficava num prédio antigo e mal cuidado, chamado Edifício Flora, bem ao lado da coletoria onde Glicério trabalhava. Apesar da má aparência, o lugar era melhor do que o apartamento do Engenho Velho, tanto em termos de conforto quanto de localização. Glicério e Tidinha aproveitaram a dependência de empregada, que ficava próxima da área de serviço, e ali se acomodaram. O resto da família ficou dividida entre os outros dois quartos, homens em um e mulheres no outro. Mesmo com o espaço extra, não eram raras as ocasiões em que os meninos precisavam ser remanejados para a sala. A época da mudança para Pitangueiras foi também um período em que as visitas dos parentes e amigos vindos do interior haviam se

intensificado. Para a alegria de Tíndha, o apartamento vivia cheio. Nesses casos, os meninos eram obrigados a liberar o quarto para as visitas. Durante esse tempo, já vivia com os Campos de Abreu a prima Maria, sobrinha de Glicério, que havia se mudado para a casa do tio ainda na época do Engenho Velho. Maria veio a Salvador para fazer o curso de pedagogia do Instituto Central de Educação Isaiás Alves (ICEIA), onde Jozélia também passaria a estudar. Glicério ficava feliz em saber que o irmão tomara consciência da importância de prover uma boa educação para os filhos, fazendo os esforços necessários para que a menina pudesse estudar na cidade grande. Ficou satisfeito em poder ajudar a sobrinha. Maria passou a dormir no quarto das mulheres, junto com Periquita e as outras meninas.

Os anos que seguiram à saída do Engenho Velho foram de conquistas e alegrias para os Campos de Abreu. Tão logo mudaram para Pitangueiras e Glicério comprou uma televisão para a família. Mais um motivo de festa para a filharada, até então acostumada a assistir TV da janela de um dos vizinhos no Engenho Velho. Mas, não foram apenas os meninos que festejaram a compra da televisão. Assim que começaram a assistir aos primeiros programas, Tíndha e Periquita ficaram empolgadíssimas com a nova aquisição. Nunca haviam imaginado como aquele aparelho era eficiente em distrair e ajudar a esquecer dos problemas. A televisão se transformou num elemento agregador para a família. Sentavam todos em frente à pequena caixa preta e ali ficavam por algumas horas, como se estivessem hipnotizados pelas imagens que surgiam na tela. Passaram também a receber em casa as novas amigas que conquistaram desde a chegada a Salvador, como o casal Jeremias e Pureza e o compadre Aloísio Batista, que apareciam sempre aos sábados à noite, para conversar e dar boas risadas com a família, assistindo à novela Beto Rockfeller.

Com o passar do tempo, Tíndha conseguiu conquistar um pouco mais de flexibilidade da parte do marido, podendo circular mais livremente pela cidade. Nas ocasiões em que a família hospedava os parentes e amigos que chegavam à capital para fazer algum tratamento médico, fazia questão de dar toda assistência possível. Acompanhava-os para os hospitais e clínicas, guiando-os pela cidade e cuidando para que tudo sempre corresse bem. Com maior liberdade para sair de casa, passou a visitar com mais frequência o irmão Lourinho, que havia se mudado de Itapuã para morar na Federação, ficando mais perto da família. Eventualmente, Lourinho recebia a visita de Ceci, e assim os três irmãos podiam se reunir para papear e relembrar o passado. Conversavam sobre a ocasião da morte do pai e de como Belarmino ficara encarregado de dar rumo aos irmãos mais novos, o que resultou no desmembramento da família. Ficavam felizes em poder estar juntos novamente, depois de tantos anos afastados. Foi numa dessas ocasiões que Lourinho resolveu preparar uma surpresa para Tíndha. Pediu que, no dia seguinte, a irmã viesse cedo à sua casa, pois precisaria que ela o acompanhasse até a rodoviária para

encontrar uma pessoa. Tidinha quis saber do que se tratava aquele mistério todo, mas Lourinho insistiu que aguardasse pela surpresa, garantindo que não se arrependeria.

Na rodoviária, ficaram a observar os passageiros que desciam de um grande ônibus que acabara de chegar de São Paulo. Em meio à fila de pessoas que saíam do veículo, uma mulher baixa, de pele muito alva, vestida em um hábito negro, os cabelos cobertos por um véu e um crucifixo ao redor do pescoço, se aproximou de Lourinho, saudando-o com um abraço:

- Que bom revê-lo, meu irmão! Deus te abençoe!

Tidinha ficou pasma. Não podia ser verdade. Não acreditou que aquela freira fosse quem ela imaginava ser. Já fazia 36 anos que a sua irmã Adelina, na época ainda uma mocinha, fora enviada por Berlamino para um convento em São Paulo. Lourinho olhou para Adelina e, com um sorriso nos lábios, perguntou:

- E então irmã, não vai dar um abraço na Tidinha?

Foi a vez de Adelina ficar surpresa. Depois de tantos anos separadas, não conseguira reconhecer a meia-irmã. As duas se abraçaram entre lágrimas. Lourinho tratou de pegar as sacolas da recém chegada e tomou a frente em direção ao ponto de ônibus, mas Adelina insistiu que a deixassem pagar um táxi. Depois de uma viagem tão longa, a última coisa que queria era entrar em outro ônibus. Ademais, uma ocasião tão especial permitia que se desse ao luxo de gastar um pouco mais.

A passagem de Adelina por Salvador foi um momento importante na vida de Tidinha, consolidando a sua reaproximação dos irmãos por parte de pai. A partir daquele reencontro, as visitas de Adelina passariam a ser cada vez mais frequentes e as duas irmãs não mais perderiam o contato pelo resto de suas vidas.

Depois de tantas dificuldades e privações, desde a chegada a Salvador, as coisas finalmente começavam a fazer sentido para Tidinha. Até o próprio Raimundo passou a fazer visitas mais constantes, já que, naquela época, estava passando uma temporada em Sergipe, a serviço da Petrobrás. Com o fim do trabalho, comprou um Aero Willys e veio de Sergipe dirigindo para Salvador junto com sua esposa, Gracinha. Foi mais um período de alegria para a família. Raimundo levava todos para passear pela cidade no novo carro. Para a menina, a chegada do tio era sempre uma grande festa. A cada visita de Raimundo, Glicério passava a sentir mais orgulho do cunhado. Periquita sentia-se nas nuvens com as aparições do filho querido. Tidinha, vendo tanta alegria proporcionada por Raimundo, continuava a se esforçar para deixar de lado a amargura que sentia em relação ao irmão.

As coisas iam cada vez mais se ajustando à proporção que a vida seguia seu curso. O trabalho na coletoria garantia alguns privilégios para Glicério, e a família passou a ter assistência médica e dentária assegurada pelo IAPSEB e Associação dos Funcionários Públicos. A meninada continuava a estudar e trabalhar. Zé ingressou no Curso Técnico de Administração de Empresas e conseguiu um trabalho como auxiliar de escritório no Banco Irmãos Guimarães. João dava prosseguimento aos estudos no Científico, enquanto trabalhava como contínuo na concessionária de caminhões União Nordestina. Jozélia, já frequentando o ICEIA, sonhava em ser professora. Tobias e Ismael ingressaram no ginásio e passaram a estudar no Colégio Central, enquanto Francisco e Dorinha estudavam na Escola Maria Quitéria, que ficava bem ao lado da nova moradia. Quanto à pequena Coiô, foi matriculada numa escolinha da rede particular, chamada Sagrado Coração de Jesus. Não é preciso dizer que o nome da escola agradou bastante, tanto à Periquita quanto a Tidinha que agora era tão religiosa quanto a mãe.

Com a situação um pouco melhor e os meninos cada vez mais crescidos, Glicério passou a ter condições de mandar os filhos para o Cumbe durante as férias. Eram despachados de Salvador num dos ônibus da Real Nordeste e recebidos em Euclides da Cunha pelo tio-avô, Manoel Campos, irmão da Periquita, o qual passara a viver na casa da rua da igreja desde a partida dos Campos de Abreu para a cidade grande.

As férias no Cumbe era uma festa para a meninada, principalmente para Tobias, Ismael, Dorinha e Chico. Passavam parte do tempo no Limoeiro, com a avó Donana e os tios. Para Donana, era uma imensa alegria poder rever os netos. Os meninos se deliciavam com os mimos da avó: bolos de milho, doces de umbu, cocadas e todo tipo de guloseimas características da região. Mas era na Maria Preta que a molecada gostava mesmo de ficar. Juntavam-se aos filhos de Dedé de Justino e Dinha, e partiam em busca de aventuras. Viviam pelos matos, brincando em meio à caatinga, subindo nos umbuzeiros, caçando calangos, tomando banho de açude e indo e voltando da Maria Preta ao Cumbe no lombo de um burro. Para os filhos de Glicério, foi um grande privilégio poder usufruir nas suas épocas de moleques daquilo que os dois mundos tinham para oferecer: as manhas e malandragens da cidade grande e a tranquilidade e o contato com a natureza do sertão baiano.

Quando as condições eram favoráveis, Tidinha tinha a oportunidade de acompanhar os filhos durante as férias no Cumbe. Levava consigo a pequena Coiô, que ainda era muito criança para ir sozinha com os irmãos. Para Tidinha, não havia coisa melhor no mundo do que poder visitar a terra onde cresceu e os amigos que havia deixado para trás desde a mudança para Salvador. Era recebida por todos na cidade com grande carinho. Ainda que fosse filha da Carnaíba, era no Cumbe que Tidinha se sentia realmente em casa. Ao final da viagem, voltava para Salvador com a alegria e o ânimo renovados.

Os filhos mais velhos, José, João e Jozélia, não participavam das viagens para o Cumbe com a mesma frequência dos mais novos. Além de estarem trabalhando, já se aproximavam do final da adolescência. Principalmente para os dois rapazes, a agitação da cidade grande passou a ser mais atraente do que a vida calma do interior. Foi também nessa época que Jozélia começou despertar a atenção dos rapazes do bairro, particularmente a de um sujeito baixinho e troncado que morava na Boa Vista, e que tinha fama de valentão. Os irmãos vigiavam de longe, mas não se metiam a confrontar o tal rapaz, conhecido na região pelas famosas surras que dispensava aos que se atreviam a enfrentá-lo, chegando a dar sozinho em três, quatro e até cinco sujeitos de uma vez. Apesar da falta de coragem, os meninos não desgrudavam de Jozélia. Tanto fizeram, que o pretendente resolveu ir pessoalmente pedir a Glicério a sua filha em namoro. Como condição, teve que prometer ao pai da menina que ingressaria na faculdade, arrumaria um emprego e pararia de brigar. Voltou algum tempo depois, apresentando a carteira de trabalho e matriculado no curso de Economia. Quanto à parte de abandonar as brigas, achou melhor não tocar no assunto. A partir de então, ficou oficializado o namoro entre Jozélia e Antônio Testagrossa, o famoso Toinho. Não demorou muito e Toinho logo se tornou parte da família. Passou a ser muito querido por todos, além de bastante requisitado pelos cunhados, sempre que um deles se envolvia em alguma confusão. Coitados dos desavisados que resolvessem se meter com algum dos Campos de Abreu.

O tempo foi passando e Glicério finalmente conseguiu quitar o empréstimo com o amigo Jones. Agora só restavam as prestações do imóvel. Com o orçamento aos poucos se ajustando, resolveu mais uma vez surpreender a família e partir para a realização do próximo sonho. Decidiu se inscrever no consórcio de um fusca, e já estava até começando a juntar um dinheirinho com a intenção de dar um lance futuramente. Mas, daquela vez, Glicério não seria o único a fazer surpresas. Passados oito anos desde o nascimento de Coiô, quando todos menos esperavam, Tidinha anunciou uma nova gravidez. A notícia foi recebida por todos com alegria, principalmente pelo casal de amigos Jeremias e Pureza que, por não terem filhos, foram logo convidados por Tidinha para batizar o rebento que estava por vir.

Apesar da felicidade que sentira com o anúncio da chegada de mais um filho, Glicério passou a se mostrar mais preocupado e ansioso do que o de costume. Também, não era por menos. Não esperava que Tidinha fosse engravidar novamente, depois de tantos anos sem dar a luz. Ainda mais naquele momento, em que decidira se inscrever no consórcio do fusca antes mesmo de quitar as prestações do apartamento. Mesmo com a situação financeira relativamente equilibrada, não estava contando com as despesas extras que acompanham o nascimento de uma nova criança. Foi nessa época que as dores de cabeça começaram a surgir com mais frequência. Por ter sempre sido um sujeito muito calado e ansioso, ao passo em que ia ficando mais velho, os aborrecimentos e as preocupações passaram a vir acompanhados por fortes enxaquecas, geralmente amenizadas com o uso de

“Melhoral”. Tinha se cobria de preocupação a cada ataque de enxaqueca sofrido pelo marido, de modo que nunca deixava faltar o medicamento em casa. Mas, para Glicério, com Melhoral ou sem Melhoral, a vida tinha que continuar. Decidiu se manter firme nos seus planos e fiel aos seus sonhos. Com os filhos mais velhos já trabalhando, reorganizou o orçamento e a família começou a se preparar para a chegada do seu mais novo membro. No entanto, uma surpresa ainda maior estava por se revelar. Não haveria preparação que desse conta dos acontecimentos que precederiam o nascimento do novo filho do casal. O destino reservara um episódio que fugia a qualquer previsão e que mudaria para sempre o futuro da família Campos de Abreu.



Um Marco Doloroso

Eram meados de 1969. A gravidez de Tidinha já beirava o oitavo mês. A barriga, cada vez mais saliente, indicava que não faltava muito para a chegada da criança. Quanto mais a barriga da mulher aumentava de tamanho, mais aumentavam as enxaquecas de Glicério. Quem dera, no entanto, que a sua única fonte de preocupação fosse o nascimento de mais um filho. Já haviam se passado 5 meses desde que emprestara a um primo o dinheiro que havia poupado para dar o lance no consórcio do fusca. O rapaz passava por dificuldades financeiras e precisava de ajuda. Garantiu saldar a dívida com uma promissória e a promessa de juros mensais até que fosse resgatada. Argumentou que, com os lucros gerados pelos juros do empréstimo, Glicério poderia oferecer um lance maior para o consórcio do fusca, adquirindo o carro antes mesmo do que havia previsto. Glicério se animou. Além disso, considerando a relação de parentesco entre ambos, não teve como negar o pedido.

Depois de quase seis meses sem notícias, Glicério resolveu procurar o primo. Quando soube que ele havia deixado Salvador e voltado para Euclides da Cunha, a preocupação aumentou. No final da semana, entrou no primeiro ônibus rumo ao velho Cumbe, com o intuito pegar de volta o dinheiro do empréstimo, além dos juros prometidos. Ao invés disso, foi recebido de forma hostil pelo primo. Sem dinheiro para saldar a dívida, recomendou a Glicério que voltasse para casa e que desse o jeito que quisesse, pois, se dependesse dele, não ia receber um tostão.

Glicério voltou atordoado para a rodoviária e esperou o próximo ônibus com destino a Salvador. O corpo tremia de ansiedade diante da possibilidade concreta de perder todas as suas economias, feitas com sacrifício para arrematar o fusca no consórcio. A cabeça doía, a ponto de explodir. Chegou em casa à noite, nervoso e agitado, acometido por uma forte enxaqueca. Tidinha percebeu de imediato a inquietação do marido, tratando de providenciar alguns comprimidos de Melhoral e um copo de água com açúcar:

- O que foi que aconteceu, Glicério, que você me aparece de volta no mesmo dia e assim nesse estado, home?

Glicério sentou com a mulher e explicou o ocorrido. A proporção que narrava os acontecimentos, o nervosismo e a inquietação aumentavam. Preocupada com a agitação do marido, Tidinha tentou amenizar a situação, pedindo a Glicério que se acalmasse e que procurasse esquecer o assunto, pelo menos por enquanto:

- Por hoje chega dessa conversa, home! Deixa isso pra lá, pois só está te fazendo mal. Vamos pra cama dormir que amanhã é outro dia. Com a cabeça fria, a gente pensa melhor e arrumamos um jeito de resolver tudo isso. Essa hora da noite não há nada que se possa fazer. Agora, o melhor mesmo é esquecer e entregar nas mãos de Deus que tudo se resolve.

Glicério acompanhou a mulher até o quarto, sentou-se na cama e tomou o copo de água com açúcar, engolindo dois comprimidos de Melhoral. Deitou-se de barriga para cima, olhando para o teto e sentindo a cabeça latejar com mais intensidade. O suor escorria da testa, molhando os cabelos e encharcando o travesseiro. O coração batia cada vez mais rápido. Quando a dor de cabeça já se tornava quase insuportável, ouviu uma espécie de estalo, seguido de um silêncio profundo. Sentiu o corpo relaxar de repente. A visão escureceu, a respiração se acalmou e a dor foi se esvaindo, até desaparecer por completo. A raiva e os pensamentos se dissiparam, restando apenas uma sensação de paz e tranquilidade. Fechou os olhos, entrando num sono profundo, do qual não mais acordou.

Os dias seguintes foram passados no Hospital Português. Os filhos se alternavam nas visitas, junto com Periquita, Lourinho, Jeremias, Pureza e outros amigos da família. Apenas Tidinha não saía do hospital, sentada ao lado da cama, rezando e chorando, na esperança de que, em algum momento, o marido recobrasse a consciência. Glicério ficou duas semanas em coma, vítima de um derrame cerebral. Faleceu no dia 29 de maio de 1969, três meses antes de completar 50 anos.

Arquimedes Pereira Franco, presidente da Associação dos Funcionários Públicos, cuidou de todo o funeral, encabeçando uma lista junto aos colegas e arrecadando uma quantia de dinheiro para ajudar a família do companheiro falecido. Jeremias tomou todas as providências para o recebimento do pecúlio ao qual a família tinha

direito. Providenciou também o requerimento da pensão para Tíndia e a liberação das prestações que restavam para quitar o apartamento, coberto pelo seguro do financiamento.

Por ironia do destino, o nome de Glicério foi sorteado no consórcio do fusca no mês seguinte à sua morte. Ciente de que o dinheiro da pensão que a família passaria a receber não seria suficiente para manter o carro e continuar pagando as prestações, o filho mais velho procurou o administrador do consórcio. Recebeu a proposta de transferir o bem e o débito para um terceiro, o qual pudesse reembolsar à família o valor já pago até então. Tíndia logo se prontificou para ajudar a resolver a situação. Conseguiu juntar um dinheiro com a ajuda dos irmãos, Yolanda e Humberto, e ficou com o carro, assumindo as prestações que ainda faltavam ser pagas e reembolsando à família da namorada as que já haviam sido quitadas. Em meio ao trauma e ao desespero, os Campos de Abreu encontraram na família e nos amigos a ajuda e o suporte para seguir em frente.

Glicério foi embora cedo. Cedo demais para os que aqui ficaram. O rapaz alto, de faces rosadas e olhos azuis, saiu ainda moço da Fazenda Limoeiro, deixando para trás a vida de lavrador. Dedicou-se à leitura e aos estudos. Foi balconista e tropeiro, até virar escrivão de coletoria. Passou em concurso e se tornou funcionário público, sem mais correr o risco de lhe tirarem o emprego. Rodou pelo sertão baiano e a Chapada Diamantina, até chegar à cidade grande, em busca de um único objetivo: oferecer para os filhos a oportunidade de um futuro melhor. Deixou este mundo sem realizar o sonho de ver os filhos formados, mas não sem completar sua missão. Para os filhos, ficou como herança a consciência da importância dos estudos. Ao contrário da terra seca do sertão, os herdeiros de Glicério seriam o terreno fértil de onde brotaria a semente plantada pelo pai. Para Tíndia, além do apartamento, uma pequena pensão e mais um filho por vir, ficava a difícil tarefa de manter a coesão da família e dar continuidade ao projeto de vida do marido.

No dia do enterro, após a cerimônia, deixaram o cemitério caminhando lado a lado. Nenhum dos filhos pronunciou uma palavra. Caminhavam com as cabeças erguidas, como se, numa espécie de pacto silencioso, cada um jurasse honrar toda uma vida de sacrifícios vivida por Glicério.

No dia 24 de junho de 1969, Tíndia foi internada no Hospital Espanhol. Foi um parto complicado. Talvez o mais complicado de todos. Pela primeira vez em sua vida, deu à luz fora de casa. Em meio a uma cesariana e uma forte hemorragia, por pouco ela mesma não acompanhou o marido para onde quer que vão os espíritos quando deixam os corpos e a vida na terra.

Glicério Lívio de Abreu Jr. veio ao mundo no dia de São João, um mês depois da morte daquele de quem herdara o nome. Nasceu sem conhecer o pai.



Seguindo em Frente

Desde os tempos da Carnaíba, quando ainda era uma menina, Tidinha aprendera com a mãe a trabalhar. Para a grande maioria das mulheres do sertão, principalmente as solteiras ou viúvas, o trabalho na lavoura e outras formas alternativas de ganhar a vida faziam parte do cotidiano, sempre intercaladas entre os afazeres domésticos. A partir do casamento com Glicério e do nascimento dos primeiros filhos, a coisa foi mudando. À proporção em que o marido melhorava de vida e a prole aumentava, passou a se dedicar exclusivamente à administração do lar e à criação dos filhos. Tornou-se dona de casa.

De fato, Tidinha nunca se envolveu com as questões financeiras da família. O orçamento e as despesas da casa e da educação dos meninos sempre foram administrados por Glicério. O marido não gostava de compartilhar tais assuntos com a esposa. Acreditava que mexer com dinheiro era coisa de homem, deixando para si o encargo de gerir os recursos destinados a garantir o bem-estar de todos. Após a sua morte, tal responsabilidade teve que ser assumida pelos filhos mais velhos, principalmente Zé e João.

No ano anterior ao falecimento de Glicério, Zé havia passado no teste de admissão para escriturários do Banco Econômico, onde começou a trabalhar. No novo emprego, passou a ser chamado pelo sobrenome que herdara do pai. Deixou de ser o “Zé da Tidinha” para se tornar “Abreu”, como até hoje é conhecido por

todos. João, por sua vez, foi trabalhar como gerente da Enceradora Rocha Burgos, empresa de raspagem de tacos, aplicação de sinteco, limpeza e pintura. Com a perda do pai, na busca de superar as dificuldades e encontrar soluções para as questões financeiras da família, os dois irmãos tiveram a ideia de usar o dinheiro do pecúlio, juntamente com a quantia obtida com a transferência do consórcio, para abrir o próprio negócio. Aproveitando a experiência adquirida por João como gerente da enceradora, resolveram fundar a Sertecol (Serviços Técnicos de Conservação Ltda), prestadora de serviços de raspagens e aplicação de verniz em pisos de madeira. A Sertecol passou a ser concorrente da própria Rocha Burgos, da qual João pediu demissão e obteve todo apoio e incentivo do antigo patrão.

Foram tempos duros para os dois rapazes. A rotina de João passou a ser dividida entre o trabalho na Sertecol e os estudos para o vestibular, enquanto Abreu fazia malabarismos para conciliar o novo negócio com o curso de Administração de Empresas na Universidade Católica e o trabalho no Banco Econômico. Em plena ditadura militar no país, os dois jovens não tinham tempo para acompanhar os amigos nos movimentos estudantis e manifestações públicas contra a repressão. Se, nas ruas, a luta acontecia contra a polícia em favor da liberdade de expressão, para Abreu e João suas batalhas diárias eram em nome da sobrevivência e do futuro da família. Suas armas: trabalho e estudo. Atravessavam o dia e entravam pela noite trabalhando e estudando, sem distinção de sábados ou domingos. Pesavam-lhe sobre os ombros a responsabilidade de garantir o sustento dos irmãos menores e dar continuidade ao legado de Glicério.

Para Jozélia, a coisa também não foi fácil. Com o curso médio de Pedagogia concluído e já noiva de Toinho, passou a trabalhar numa financeira, sonhando em ingressar na universidade. Junto com Zé e João, procurava policial Tobias, Ismael, Dorinha, Chico e Coiô, de modo que os irmãos mais novos não tivessem folga nos estudos. Com a ausência de Glicério, os mais velhos passaram a internalizar ainda mais a convicção de que somente uma boa educação poderia lhes garantir um futuro melhor, buscando reforçar para os mais novos os valores aprendidos com o pai. Durante esse período, a família contou com o apoio incondicional de Toinho, que passou a ser considerado por todos como uma nova figura paterna. Em casa, Pureza unia forças com Periquita para dar conta dos meninos e das tarefas diárias, enquanto Tidinha ainda se recuperava do choque da perda do marido e de um parto que quase lhe custara a própria vida.

Tidinha passava os dias entre momentos de pranto e outros em que exibia um olhar perdido, como se esperasse um milagre que lhe trouxesse de volta o marido e a alegria de viver. Mas, apesar da tristeza, a partir do nascimento do pequeno Junior passou a sentir que algo começava a mudar dentro de si. Glicério podia ter partido para sempre. No entanto, antes de ir, deixara no seu ventre uma última semente. Aos oito já existentes, somava-se mais um motivo para Tidinha continuar

lutando. A vida lhe presenteara com nove filhos. Era mãe por vocação. Em meio à tribulação causada pela morte do marido, não bastava que os filhos mais velhos tomassem as rédeas do sustento da família e que os amigos ajudassem com as atividades domésticas. Chegara a hora de Tidinha aceitar o papel que o destino lhe reservara e assumir a sua função de matriarca. Quem mais, senão ela, poderia ser o pilar de sustentação que manteria a coesão da família? Assim acontecera no passado, com sua mãe e com sua própria sogra, e assim seria também com ela. Lembrou-se de um dos ditados da Periquita: “Deus dá o frio conforme o cobertor”. Levantou a cabeça e decidiu ir adiante. O esforço dos filhos e o apoio dos amigos foram fundamentais para sua recuperação. Mas foi no olhar e no sorriso da nova criança que encontrou o caminho para buscar dentro de si mesma a força para seguir em frente.

A chegada de Juninho, como o menino passou a ser chamado, foi como um bálsamo que veio para aliviar o sofrimento de todos. Os irmãos começaram a tratá-lo como um brinquedo predileto e muito disputado. Periquita se enchia de alegria, agradecendo a Deus pelo prazer de ganhar um novo neto àquela altura da vida. Jeremias e Pureza se deliciavam em mimos dispensados ao afilhado, que mais tarde teve o privilégio de estudar numa escola particular, paga pelos próprios padrinhos.

Tidinha percebia que o ânimo renovado com a chegada do menino se estendia por toda a família. Aos poucos, ela mesma voltou a ser a Tidinha que todos conheciam: enérgica e bem humorada, sem pudor em expressar sua franqueza e sem rodeios para exercer o rigor com o qual educava os filhos. Ainda assim, por vezes se pegava contemplando o vazio, lembrando da vida que levava junto a Glicério e dos caminhos percorridos por ambos. Foram estradas difíceis e íngremes, mas não sem os seus momentos de alegrias e conquistas. Rodaram o sertão, enfrentaram a cidade grande, fizeram grandes amizades, trabalharam duro e criaram os filhos da melhor maneira que conheciam, do jeito que a vida lhes havia ensinado. Para Tidinha, olhar e perceber aonde os filhos mais velhos já haviam chegado, e como os mais novos os respeitavam, procurando escutá-los e seguir seus exemplos, era prova concreta de que ela e Glicério tinham acertado na educação das crianças. No entanto, nos momentos em que a vida se mostrava mais dura e em que o desespero parecia bater à porta, sabia que era na sua figura de mãe que os filhos vinham buscar forças para superar as dificuldades. Como esposa, Tidinha havia cumprido sua tarefa. Fora uma fiel companheira, apoiando o marido em suas decisões e o amparando nos momentos de fraqueza e nas horas de incertezas. Como mãe, a sua missão ainda estava por se completar. Com a ausência de Glicério, uma nova etapa de sua vida lhe era apresentada.



E a Vida Continua

Passados alguns anos desde o falecimento de Glicério, o apartamento do edifício Flora começou a aumentar de tamanho. Alguns dos filhos já não mais viviam sob o mesmo teto com o resto da família. O primeiro a sair foi Abreu. Casou-se com Carmosa, moça um ano mais velha e formada em Enfermagem. Pouco tempo depois, como era de se esperar, Jozélia casou-se com Toinho, que àquela altura já era parte da família. Em seguida, foi a vez de João, que desposou a prima Sônia, a qual já conhecia desde os tempos do Cumbe. Tidinha percebia que, aos poucos, os filhos começavam a tomar seus rumos. Alguns ainda estavam muito novos para sair de casa, era verdade. Mas os anos passam rápido e Tidinha sabia que, uma hora ou outra, os filhotes precisam deixar o ninho e alçar seus próprios voos. Era a passagem do tempo que se impunha de forma inevitável, girando sua engrenagem e gerando o movimento que conhecemos como o ciclo da vida.

Não demorou muito e Tidinha ganhou seus primeiros netos. Em 1974, nasceu o primeiro filho de Abreu e Carmosa e, no ano seguinte, fizeram mais um. Logo após o nascimento do segundo filho, Abreu foi convidado para assumir o cargo de Gerente Regional do Banco Econômico em Recife, onde passaria os próximos cinco anos. Nesse interim, Jozélia e Toinho também presentearam Tidinha com um netinho, seguido de mais duas meninas, que vieram poucos anos mais tarde. João e Sônia continuaram sem filhos por algum tempo.

Com a chegada dos netos, Tíndha fazia questão de ser a primeira enfermeira dos recém-nascidos. Mudava-se para casa dos filhos e só ia embora quando o umbigo do bebê caía e ela tinha certeza de que as respectivas mães já sabiam dar banho e cuidar bem da criança. Ficava feliz em poder ensinar às “marinheiras de primeira viagem” alguma coisa do que aprendera com a experiência de criar nove filhos. Naturalmente, com a atenção que dedicava aos netos, começou a passar menos tempo em casa, deixando quase todo o trabalho doméstico nas mãos de Periquita.

Certo dia, quando chegava da casa de Jozélia, parou por um instante e ficou a observar Periquita que, num movimento cadenciado, passava a vassoura pelo chão da sala. As costas curvadas e o corpo emborcado sobre a vassoura acentuavam ainda mais a estatura baixa pela qual sempre fora conhecida. Tíndha percebia que o peso da idade começava a se impor sobre a mãe. Sentiu também que ela mesma já não tinha a mesma energia de outrora. Nesse dia, resolveu que talvez fosse a hora de arrumar alguém que pudesse ajudá-la a cuidar da casa, de modo que a própria Periquita pudesse desfrutar do descanso merecido e dedicar mais tempo à costura, um dos seus passatempos prediletos. Ligou para Zé Lelis, um dos filhos dos antigos companheiros dos tempos do Cumbe, Dedé de Justino e Dinha. Pediu ao amigo que procurasse ver a possibilidade de encontrar alguma menina no Cumbe que tivesse interesse em se mudar para a cidade grande e trabalhar como ajudante numa casa de família.

Em Euclides da Cunha, uma mãe se preocupava com a filha adolescente que insistia em manter um namoro com um senhor que tinha idade de ser seu avô. A menina se chamava Maria e tinha apenas 17 anos. Quando Lenir, irmã de Zé Lelis, contou para a mãe da menina a respeito de uma amiga que morava em Salvador e que estava procurando alguém para trabalhar em sua casa como ajudante, a oportunidade soou como a solução ideal:

- Bendito seja Deus, Lenir! Essa notícia chegou na hora certa! Você sabe que Maria resolveu se enrabichar com um velho que de tempos vem se engraçando com minha criança. Não tem surra que dê jeito de curar a teimosia dessa menina em se encontrar com esse sujeito!

- Pois então, minha amiga! Se estiver disposta, podemos ajeitar da Maria passar um tempo trabalhando na casa da Tíndha em Salvador. Quem sabe na volta ela já esqueceu o tal do velho? Só preciso saber se a menina é trabalhadeira mesmo. Vou te dizer que a Tíndha nunca gostou de gente preguiçosa.

- Mas Lenir! Assim eu fico até ofendida! Corpo mole é coisa que não admito lá em casa. Desde pequenos que meus filhos já pegam no cabo da enxada. Quanto a isso não se preocupe que Maria não vai decepcionar nem você e nem sua amiga Tíndha.

- Pois então estamos acertadas. Prepare a Maria que vou pedir a Zé Lelis que ligue hoje mesmo para Tíndia avisando que já encontramos a pessoa certa.

Dias depois, Maria se encontrava de malas prontas, dentro de um dos velhos ônibus da Real Nordeste, rumo à cidade grande.

Ao chegar a Salvador, Maria levou um susto com o tamanho da cidade. Nunca tinha saído dos arredores de Euclides da Cunha e não tinha a menor ideia do que era uma grande capital como Salvador. Também estranhou as primeiras semanas no velho edifício Flora. Nascida e criada na roça, não tinha ideia do que era viver com luz elétrica e água encanada. Demorou um tempo para se acostumar. Apesar de não saber ler nem escrever, tinha a atenção aguçada e um empirismo admirável, característicos do povo do sertão. Nunca aceitou ser alfabetizada, mas assimilava com gosto e rapidez tudo o mais que Tíndia lhe ensinava, além daquilo que aprendia só de observar os outros fazerem.

Tíndia simpaticizou logo de cara com a menina humilde e de jeito acanhado, típica tabaroa, como ela mesma fora um dia. Mas o acanhamento de Maria era apenas superficial. Tão logo se sentia à vontade e já se mostrava ser uma pessoa brincalhona e bem humorada. Como Tíndia, tinha dificuldade em segurar na boca a língua. Era sincera e gostava de falar o que pensava, principalmente quando provocada. Tíndia ria-se do jeito da menina que, por vezes, lhe lembrava a si mesma.

Pouco antes da chegada de Maria, a família havia feito uma pequena reforma no apartamento. A dependência de empregada, onde Glicério e Tíndia dormiam, passou a ter um acesso para o corredor, integrando-se à casa. Lá passaram a dormir Dorinha, Maria e Periquita. Maria dividia uma beliche com Dorinha, enquanto Periquita dormia em uma cama de solteiro. Tíndia e Coiô ficaram em um dos quartos, junto com o pequeno Juninho. No outro quarto, ficaram os rapazes, Tobias, Ismael e Chico.

Além de Maria, um novo morador passou a conviver com os Campos de Abreu. Era um papagaio que Tíndia havia ganhado de presente e que passou a ser o novo bicho de estimação da família. O louro, como era chamado, ficava numa gaiola na área de serviço. Por vezes, o bicho conseguia escapar e subir para o varal de roupas, onde gostava de se distrair arrancando o botões das camisas que eram penduradas para secar. Não era raro que os donos das camisas, irritados ao perceber a falta dos botões, prometessem dar fim no tal do louro. Nessas horas, Tíndia respondia com um tom ameaçador:

- Eu só quero ver quem vai ter essa coragem toda de mexer com o meu louro. Quem tiver incomodado que dê seu jeito! Vão pregar botão e lamber sabão, que é melhor!

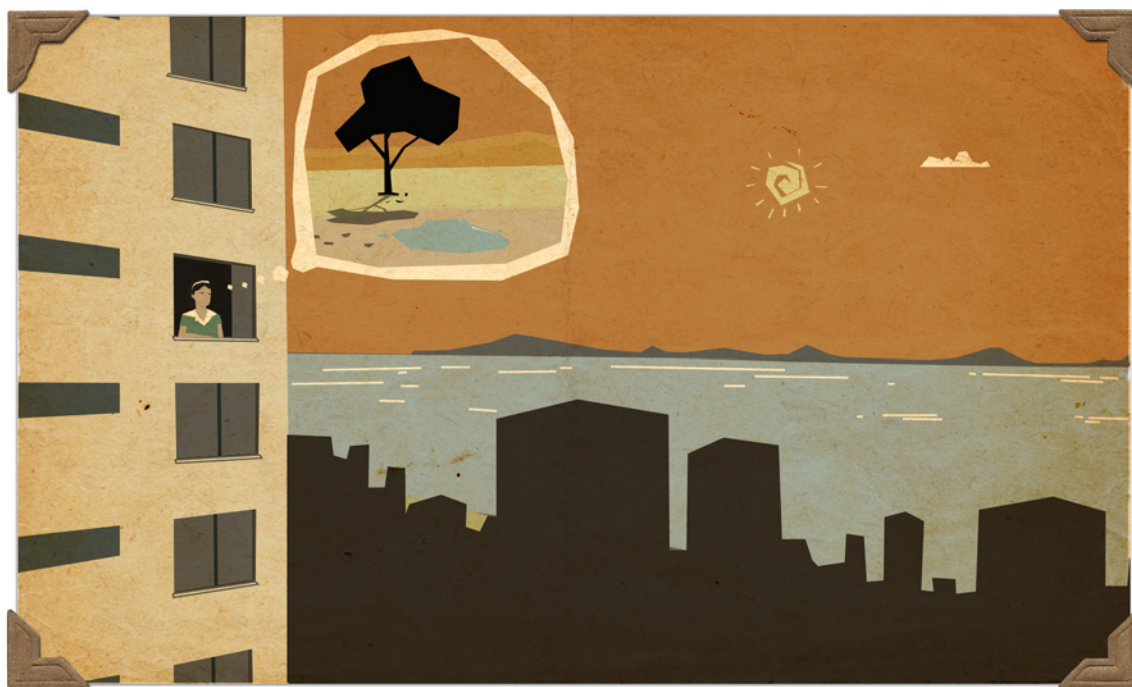
Mas quem acabava pregando os botões era Maria, quando dava falta deles, ao passar ferro nas roupas. Nas horas vagas, gostava de brincar com o pequeno pássaro de cor verde. Ficava ensinando o louro a chamá-la pelo nome e a dar bom-dia, além de trechos de algumas músicas que o bicho acabava repetindo de tanto a ouvir cantar.

Rapidamente, Maria conquistou o apreço de todos na casa, que passaram a chamá-la, carinhosamente, de Mariazinha. Os anos foram passando e o que deveria ser uma coisa temporária acabou se tornando definitiva. Mariazinha não mais voltou para Euclides da Cunha. Decidiu ficar em Salvador com Tidinha. As duas desenvolveram um apego mútuo, como numa relação de mãe e filha.

Um certo dia, sentada no sofá da sala, durante os seus momentos de devaneio, quando costumava lembrar dos tempos com Glicério, viu pela porta da cozinha Mariazinha brincando com o louro. A menina, sem perceber que era observada, tentava ensinar o bicho a falar “Tidinha”:

- Fala, seu louro assanhado: “Tidinha”! Diga logo, louro safado: “Tidinha”!

Tidinha riu-se da menina que, ao perceber sua presença, correu envergonhada para o quarto. Tão logo Mariazinha entrou no quarto e o louro respondeu: “Tidinha”! As duas riram juntas, cada uma de um cômodo da casa. Tidinha então pensou, sorrindo, a morte podia ter lhe levado o marido, mas a vida lhe presenteara com uma nova companheira. Daquele momento em diante, Tidinha teria Mariazinha sempre ao seu lado, pelo resto de sua vida.



Novos Tempos

Tidinha passou boa parte da noite acordada. Andava de um lado para o outro do quarto, separando e conferindo tudo o que deveria colocar na mala. Precisava ter certeza de que não estava esquecendo de nada. Além disso, queria ficar elegante para a viagem. Escolhia um conjunto de roupa no armário, vestia-se, ia para a frente do espelho e logo já achava um defeito. Voltava para o armário e escolhia um novo conjunto. Estava inquieta e ansiosa. Quando chegasse a hora do embarque, não podia deixar transparecer o nervosismo e fazer com que os outros passageiros percebessem que era a primeira vez que iria viajar de avião.

Coiô, que dividia o quarto com a mãe e o irmão mais novo, não conseguia dormir com todo aquele movimento:

- Vai dormir, Mamãe! O voo só sai amanhã à tarde. A senhora vai ter tempo suficiente pra terminar de arrumar tudo.

- E o que é que você entende de viagem de avião, menina? Tá pensando que é igual a essas viagens de ônibus que a gente faz daqui pra o Cumbe? O Zé já ligou de Recife dizendo que tem que chegar no aeroporto pelo menos uma hora antes do avião sair. E também o aeroporto é longe e Toinho ficou de vir me pegar logo depois do almoço. Se você tá incomodada, pega o travesseiro e o lençol e vai se ajeitar lá no sofá da sala. Ou então cala a boca e trata de dormir, antes que você acorde o Juninho com esse converseiro besta. Aí cê vai ver o que é bom...

Sem mais palavras, Coiô virou para o lado e tratou de obedecer a mãe.

No dia seguinte, Tinha partiu para Recife. Foi visitar Abreu, Carmosa e os meninos, que agora eram três. Ficou impressionada com a nova condição de vida do filho. Abreu morava com a família em uma bela casa com piscina. A casa era bastante espaçosa e ficava em um bairro de classe média da cidade. Estava ganhado bem como gerente regional do Banco Econômico e tinha melhorado de vida consideravelmente.

O ingresso de Abreu no Banco Econômico foi fundamental, não apenas para o seu sucesso financeiro, mas para direcionar alguns dos seus irmãos. Durante o tempo em que trabalhou no setor de treinamento, teve a oportunidade de atuar sob a chefia do Prof. Benedito Brito, com o qual aprendeu o valor da informação. Tão logo começava o expediente e o chefe exigia que todos os funcionários lessem os jornais do dia. “Informação é a base de tudo e informação é a nossa matéria-prima”, dizia o professor. Os ensinamentos do Prof. Benedito davam um sentido mais elaborado e prático a tudo o que Abreu aprendera com o próprio pai sobre o valor dos estudos e do gosto pela leitura. Foi durante as leituras dos jornais, sugeridas pelo professor, que tomou conhecimento da criação da primeira escola superior de Pedagogia, onde seria aberta uma turma matutina. Lembrou imediatamente de Jozélia, que trabalhava na financeira apenas no turno da tarde. Seguindo o conselho do irmão, Jozélia prestou vestibular. Poucos anos depois, já casada com Toinho, conseguiu se formar e seguir carreira como pedagoga.

Abreu também usou sua influência no banco para encaminhar Tobias e Ismael, após sugerir que ambos prestassem exame para escriturários. No primeiro dia de trabalho, aconselhou os irmãos a aproveitarem a oportunidade e trabalharem duro:

- Não se preocupem se precisarem bancar os “otários”. Se tiver gente esperta por perto querendo se encostar, absorva o trabalho deles. O chefe está observando tudo e na hora da promoção vocês entram no páreo.

Apesar de mais novos, Tobias e Ismael testemunharam os esforços e as dificuldades pelas quais o pai passara para garantir que eles e os irmãos tivessem a chance de conquistar um futuro melhor, de modo que Abreu não precisou repetir o conselho. Em pouco tempo, os dois foram promovidos a Auxiliares de Chefia. Mais tarde, por meio das informações a que tinha acesso durante a leitura dos jornais, Abreu se inteirou acerca dos cursos superiores que estavam sendo abertos. Decidiu que os dois irmãos deveriam prestar logo vestibular, definindo que Tobias cursaria Economia e que Ismael faria Ciências Contábeis. Durante esse tempo, João já havia ingressado na faculdade de Economia e estava insatisfeito com o trabalho na Sertecol, que estava sendo conduzido junto com um novo sócio desde a saída de Abreu. Foi quando o Banco Econômico trouxe um diretor de São Paulo para

reestruturar o Departamento de Economia. Abreu arriscou uma conversa com o Prof. Benedito que, por sua vez, falou com o novo Diretor, o qual resolveu autorizar a contratação imediata de João. A partir de então, cada um seguiu o seu rumo. Foi assim que, no momento da partida para Recife, o filho mais velho de Tíndia e Glicério pôde viajar com a consciência mais tranquila. Pelo menos uma parte dos irmãos já estava encaminhada.

Tíndia se orgulhava em ver o sucesso de Abreu e o seu empenho em preencher o vazio deixado por Glicério. Na verdade, sentia orgulho de todos os filhos, dos seus esforços para não deixar morrer o sonho do pai e de como a família se manteve unida frente às dificuldades. É possível que, diante de tantas conquistas por parte dos filhos, ela mesma não tenha se dado conta da importância do seu próprio papel para a continuidade do legado deixado pelo marido. O certo é que, não fosse por Tíndia e pela força depositada em sua figura de mãe, é bem possível que a família tivesse se desestruturado após a morte de Glicério.

Em 1980, Abreu retornou de Recife, com a mulher e os três filhos, para assumir a Gerência Geral da agência Centro do Banco Econômico. Com uma situação financeira bastante confortável, conseguiu comprar para a mãe um apartamento no bairro dos Barris, com uma bela vista do 16º andar. Nessa época, Ismael já estava saindo de casa para arrumar a vida com a esposa, uma simpática morena chamada Vitória, com a qual daria a Tíndia mais três netos. Aproveitando a mudança da família para os Barris, Ismael e Vitória decidiram se instalar no apartamento do edifício Flora, até que se estruturassem melhor e pudessem se mudar para um lugar mais adequado.

O apartamento dos Barris era um luxo, se comparado com as moradias anteriores da família. Além dos três quartos que ficavam no final de um corredor que começava na sala de estar, o imóvel tinha uma dependência de empregada com banheiro próprio, cozinha, área de serviço e uma vista de quase 360 graus dos arredores. Das diferentes janelas do apartamento, podia-se ver a Praça da Piedade, o Dique do Tororó e até mesmo a Baía de Todos os Santos, com a Igreja do Bonfim sobre a sagrada colina despontando ao fundo. Tobias, Chico e o pequeno Junior ficaram em um dos quartos, enquanto Dorinha e Coiô passaram a dividir o outro. No terceiro quarto, ficaram Tíndia, Periquita e a velha máquina de costura, companheira inseparável da Periquita. Mariazinha ficou com a dependência de empregada, próxima à cozinha.

Apesar do conforto, o apartamento dos Barris tinha suas estranhezas. Os filhos de Tíndia reclamavam de que o imóvel era mal-assombrado. Não eram raras as noites em que diziam ter ouvido barulhos vindos do andar superior. Era como se alguém estivesse arrastando móveis pelo chão, o que seria até normal no caso de

vizinhos barulhentos, não fosse pelo fato do apartamento de cima ter estado vazio durante tais acontecimentos. Vez por outra, no meio da noite, Mariazinha também costumava escutar o som do manuseio de pratos e talheres na cozinha. Incomodada com o barulho, levantava na certeza de que encontraria um dos rapazes preparando um lanche após chegar de alguma farrá, apenas para encontrar a cozinha vazia e com tudo no seu devido lugar. Certa feita, ela mesma levantou-se para atender o telefone que ficava na sala. Mal tirou o fone do gancho e desmaiou diante da incrível visão de um jegue de caçuá, que atravessou a porta de entrada como um fantasma, parando bem à sua frente. A família ficou assustada com o acontecido, principalmente ao encontrarem Mariazinha caída no chão da sala. Ao ouvir a história, Periquita anunciou logo que aquilo só podia ser arte do cão, aproveitando a situação para reclamar do fato de terem se mudado para os Barris e de que já não tinha mais idade para ficar trocando de moradia, como costumavam fazer na época em que Glicério ainda era vivo:

- Valha-me Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo! Isso, com certeza, foi obra do capeta. Bem que eu disse que a gente devia ter ficado mesmo na Pitangueiras. Agora fico eu, nessa idade, mudando pra lá e pra cá, que nem a gente fazia na época do Cumbe. Eu, já estou boa mesmo é de morar no cemitério.

Nessas horas, Dorinha entrevistava:

- Oxente, voinha! Tá falando bobagem?! Com essa saúde, a senhora chega até os 100 anos.

- Misericórdia! Deus me livre e guarde, minha filha! Ficar esse tempo todo aqui, dando trabalho aos outros. Daqui pra lá eu já estarei longe...

Tidinha dava de ombros às reclamações da mãe. No fundo, sabia que aquilo não passava de birra. Desde que mudaram para o novo endereço, as duas podiam ir andando juntas à igreja, passear na Rua Chile e fazer compras na Avenida Sete e na Baixa dos Sapateiros. Em termos de conforto, localização e conveniência, o apartamento dos Barris era incomparável ao do edifício Flora, de modo que os protestos da Periquita só podiam ser pura implicância. Para Tidinha, o apartamento era perfeito. Em toda a sua vida, nunca tinha morado num lugar como aquele e experimentado aquela qualidade de vida. Era uma pena que Glicério não estivesse mais com ela para poder compartilhar daquilo tudo, pensava consigo mesma. Quanto aos tais fenômenos paranormais, Tidinha ligava pouca importância. Ela mesma nunca tinha presenciado nada daquilo. Se existia alguma coisa de sobrenatural em que ela realmente acreditava era no poder de Deus, de Jesus Cristo e de todos os santos, além do sentimento de que Glicério continuava a zelar por todos de algum lugar lá no céu, sentindo orgulho dos filhos e guiando a família em suas andanças.

Passado algum tempo desde a mudança para os Barris, os filhos mais novos foram também buscando seus próprios caminhos. Dorinha terminou o Bacharelado em Química e seguia forte no namoro com Cláudio, rapaz quieto e um pouco tímido, formado em Engenharia Química e com o qual acabaria tendo um casal de filhos. Depois de um longo período de namoro, os dois resolveram se casar. Compraram uma casa num condomínio fechado no novo bairro de Piatã, onde já moravam Jozélia, João, Ismael e seus respectivos cônjuges. O condomínio havia sido construído para os funcionários da Embasa, empresa para qual Toinho trabalhava. Em função da grande distância entre o novo bairro e o centro da cidade, muitos dos proprietários resolveram transferir seus financiamentos para terceiros. Toinho viu aquilo como uma grande oportunidade, convencendo os cunhados a garantir seus imóveis o quanto antes.

É verdade que, por ser tão longe do centro e tão perto da praia, Piatã era considerado um bairro de veraneio. No entanto, as casas estavam sendo passadas a preços baixos e Toinho acreditava que a cidade acabaria crescendo para aquele lado de qualquer jeito, o que traria mais infraestrutura para o bairro e ajudaria a valorizar os imóveis no futuro. Dito e feito. Anos mais tarde, aqueles que tiveram a sorte de adquirir uma casa por aquelas bandas não se arrependiam do investimento. Até Abreu e Carmosa, que na época moravam na Barra, resolveram comprar uma casa no condomínio bem em frente ao que havia sido construído pela Embasa. Se, por um lado, boa parte dos filhos de Toidinha havia se casado e saído de casa, por outro, graças a Toinho, as novas famílias acabaram por viver bem perto umas das outras.

O próximo a deixar o apartamento dos Barris foi Tobias. Com um bom emprego na Fundação Banco Econômico e fama de namorador, resolveu que era a hora de sair de casa para ir morar sozinho. Alugou um apartamento no Acupe de Brotas, onde finalmente ficaria à vontade para levar as namoradas. Mas a vida de Dom Juan acabou chegando ao fim quando resolveu começar um namoro com Dida, uma ex-colega de faculdade de Coiô, com a qual já cultivava laços de amizade. Não demorou muito e já estavam os dois dividindo o apartamento do Acupe.

Em seguida foi a vez de Chico. Já formado em Engenharia Civil, casou-se com uma dentista chamada Lucy Mary. Viveram um tempo na Boca do Rio, tiveram duas meninas e depois mudaram-se para Stella Mares, bairro ainda mais distante do que Piatã, que nessa época já não era mais considerado tão longe assim. Quanto a Coiô, depois de ter rompido um longo namoro com um simpático rapaz chamado Ângelo, começou a se relacionar com Fernando, um bem-sucedido executivo da Promédica. Tempos depois, já formada em Secretariado Executivo, resolveu sair de casa e morar com o novo namorado. No apartamento dos Barris, restaram apenas Toidinha, Periquita, Mariazinha e Junior, que já chegava ao final da adolescência e passava a maior parte do tempo no cursinho pré-vestibular.

Embora fosse tentada a sucumbir à tristeza sempre que via um dos filhos sair de casa, Tíndia percebia que a vida acabava por dar um jeito de ir completando o vazio deixado pelas partidas daqueles que lhe eram caros. A ausência dos filhos acabou sendo suprida pelas constantes visitas dos netos e dos parentes e amigos do interior, que continuavam a vir para Salvador quando precisavam realizar algum tratamento de saúde. Em especial, pela presença da sua meia-irmã, Adelina, que, desde a morte de Glicério, nunca deixou de visitar, dar apoio e zelar por Tíndia e Periquita. Mas, a novidade que de fato trouxe um sopro de renovação para o apartamento dos Barris foi o anúncio da chegada de uma nova criança. Essa, no entanto, não seria concebida por um dos filhos de Tíndia. Pelo menos, não pelos de sangue.

Desde algum tempo que Tíndia se acostumara a ouvir as queixas e as desconfianças da Periquita em relação a Mariazinha. Já beirando os 80 anos, a memória da mãe se tornava cada vez mais fraca. Não conseguia lembrar onde colocava as coisas, passando boa parte do dia a procurá-las. Quando não as encontrava, resolvia acusar Mariazinha de as ter escondido. Punha-se a reclamar que Mariazinha mudava as suas coisas de lugar deliberadamente, com o propósito de deixá-la louca. Quando não era isso, inventava alguma outra razão para implicar. Tíndia, sabendo dos ataques de birra da mãe, que só pioravam com o avançar da idade, resolvia fazer pouco caso. Foi assim que acabou por ignorar os avisos da Periquita quanto às saídas de Mariazinha durante a noite:

- Eu estou lhe dizendo, Tíndia. Essa menina anda enrabichada com algum malandro. Todo dia é a mesma coisa. Mal acaba o serviço e já ganha a porta da rua. Só volta pra casa tarde. Eu sei porque fico acordada e vejo a hora que essa menina chega. Um dia desses vai aparecer com o bucho inchado. Mas ninguém quer ouvir essa velha. Já estou ficando com fama é de rabugenta. Estou boa mesmo é de ir-me embora deste mundo.

Tíndia já estava ciente do namoro de Mariazinha com o porteiro do prédio, mas não se sentia no direito de proibir a menina. Além disso, não queria se deixar influenciar pelas implicâncias da mãe, quase sempre sem fundamentos. Mas, daquela vez, não teve jeito, teve que baixar a cabeça para a Periquita. Não demorou muito e Mariazinha apareceu grávida. Tíndia não teve coragem de repreender a menina, afinal, aquela história não era muito diferente da ocasião do seu primeiro filho com Glicério. O jeito era ver de que maneira resolveriam a situação. Foram conversar com o rapaz, que aceitou se casar com Mariazinha, ficando acordado que ela se mudaria para sua casa tão logo a criança nascesse. Durante o dia, continuaria trabalhando na casa de Tíndia. Traria a criança todos os dias para o trabalho, o que deixou Tíndia animada. Para ela, era como se fosse ganhar um novo neto. Decidiram se casar apenas no civil. Na cerimônia, além de Tíndia, estavam os pais de Mariazinha e alguns dos seus irmãos. Poucos meses depois, o

menino nasceu. Durante as primeiras semanas, Mariazinha e a criança ficaram nos Barris, junto com Tidinha, que se apegou ao menino logo de cara. Feitos todos os exames e passada a fase mais crítica do pós-parto, veio o dia da mudança. Foi aí que a coisa degingolou. O rapaz morava num casebre muito humilde, num bairro pobre da periferia de Salvador. Quando Mariazinha chegou com o menino no colo e deu de cara com a suposta nova morada, só faltou matar o rapaz de vergonha e humilhação:

- Ôxe! É aqui que cê pensa que vou morar com o meu filho? Só se eu estivesse doida! Pode me levar de volta para a casa de Dona Tidinha, que aqui eu não moro de jeito nenhum! Isso aqui mais parece um chiqueiro! Prefiro voltar pra roça com meu filho do que viver nesse barraco.

A confusão estava armada. Foram dias de estresse para Tidinha, que se viu à beira de enlouquecer tentando resolver o problema. Depois de muitas discussões e ameaças de briga na justiça pela guarda do filho, o rapaz acabou por desistir da criança. Deixou o menino com a mãe e sumiu no mundo. Mariazinha continuou a viver com Tidinha, Periquita e Junior. Foi assim que o apartamento dos Barris ganhou um novo morador. A chegada do menino trouxe vida nova para o apartamento. Tidinha se apegou à criança como se fosse seu próprio filho. O menino cresceu sem pai, mas ganhara duas mães e uma tropa de tios, tias, primos e primas que o acolheriam como parte da família.

Foi mais ou menos nessa época que João e Sônia resolveram presentear Tidinha com uma netinha. O coração de Tidinha parecia que ia explodir de felicidade com a chegada de tantos netos. O apartamento dos Barris podia estar mais vazio com a saída dos filhos, mas a família não parava de crescer. Como se não bastasse de novidade, foi a vez de Junior fazer uma surpresa. Aos 24 anos de idade, anunciou que seria pai. Como todos os outros irmãos, saiu de casa e foi morar com a namorada, Mônica, uma bela morena natural de Ribeira do Pombal. Mudaram-se para um apartamento no famoso edifício Minhocão, no Politeama, bairro vizinho aos Barris. O imóvel pertencia ao velho tio Raimundo, que continuava a viver em Manaus e a visitar a família nas férias, junto com a esposa Gracinha e os três filhos.

Os meses passaram rápido desde a saída de Junior. Chegando o dia do parto, Mônica deu a luz a um menino. Tobias e Dida aproveitaram o embalo e, dois anos depois, fizeram uma menina. De todos os filhos, apenas Coiô ainda relutava em constituir uma família. Mas como dizia a Periquita: “a fruta só dá no tempo”. No fundo, Tidinha sabia que um dia chegaria a hora da filha também ser mãe.

Certa tarde, enquanto se distraía bordando o nome de todos os netos em uma toalhinha de mesa, Tidinha se levantou para apreciar a vista da Baía de Todos os Santos de uma das janelas do apartamento. Ficou um tempo com os olhos vidrados

do oceano. Desde que chegara à cidade grande, nunca perdera o fascínio que sentiu pelo mar na primeira vez que colocou os olhos naquela imensidão azul. Tentou imaginar de onde vinha tanta água, que parecia não acabar nunca. Lembrou então da terra natal, a Carnaíba, e do olho d'água junto ao antigo pé de gameleira. Mesmo em meio a toda aquela terra seca, Deus era capaz de fazer a vida brotar do chão. Quem sabe, há muito tempo atrás, ali no litoral, onde hoje se vê tanta abundância, não era também uma terra seca com um pequeno olho d'água que foi crescendo e crescendo, até virar o mar? Refletiu por um tempo e chegou à conclusão de que ela própria era como aquele olho d'água. Nascido em meio à seca e a pobreza do sertão, o olho d'água cresceu e se espalhou, alcançando lugares aos quais nunca havia imaginado chegar. Assim era a sua história e da família Campos de Abreu. Os filhos estavam criados e já lhe davam netos. Não corriam mais o risco de acabar como os pobres lavradores do sertão baiano, sem muitas chances ou oportunidades de conquistarem uma vida melhor. Continuou a apreciar o azul do mar por mais um tempo. Lembrou dos olhos de Glicério e sentiu saudades do marido. Haviam cumprido a sua missão. Agora era a vez dos filhos. O olho d'água deveria continuar crescendo e alcançando lugares ainda mais distantes até, quem sabe um dia, ficar tão grande quanto o próprio mar. A noite começou a cair aos poucos. Fechou a janela e foi ajudar Mariazinha a preparar o jantar.



Cada qual no seu canto, sofre o seu tanto

Tidinha andou lentamente por entre as centenas de pessoas, até parar em frente à enorme muralha. Da mesma forma que todos faziam, enfiou uma folha de papel dobrada entre os blocos de pedra, encostou as mãos na grande parede branca e começou a rezar. No papel, não havia pedidos e nem lamentos. As linhas, escritas à mão, agradeciam por tudo que vivera até aquele dia. A infância difícil na Carnaíba, a mudança para o Cumbe, as viagens pelo sertão, as pessoas que conhecera e as amizades que cultivara. O casamento com Glicério, os filhos que criara com sacrifício e os netos que eles lhe deram. As derrotas e as vitórias, as tristezas e as alegrias. Depois de tantos anos de vida, passou a entender que tudo era parte da existência e que não havia mesmo razões para lamentar. Com as mãos ainda encostadas no muro, orou pelos que já haviam partido: Glorinha, Jozildete, Mãe Loló, Dedé de Justino, Zé Lélis, Glicério, Donana, Jeremias, Pureza, Lourinho e tantos outros que fizeram parte de sua história. Por fim, agradeceu a Deus pela oportunidade de realizar o sonho de visitar Jerusalém e ver de perto os lugares dos quais tanto ouvira falar e que conhecia apenas na imaginação ou nos sonhos. A viagem fora organizada por Carmosa, mulher do seu filho mais velho. O Muro das Lamentações foi o último lugar a ser visitado. No dia seguinte, pegaram o avião de volta ao Brasil.

A concretização do sonho de conhecer a cidade santa agora dava espaço para a ansiedade do retorno. Não via a hora de chegar em casa. Sentia falta de Mariazinha e do menino. Até as implicâncias da Periquita lhe davam saudades. Queria encontrar os filhos e os netos, e poder contar a todos sobre a viagem. Como era bom sentir vontade de voltar para casa e reencontrar a família, pensou consigo mesma. Para ela, a saudade era uma sinal de que realmente gostava da vida que levava.

Aqueles foram tempos de alegria para Tidinha. Os filhos, já estabilizados financeiramente, viviam criando ocasiões para reunir toda a família. Os encontros iam desde os churrascos na casa de Joza e Toinho até as festas e os fins de semana no sítio de Abreu, em Mata de São João. Certa feita, reuniram-se todos e decidiram alugar, por um verão inteiro, uma casa de praia pelos lados da Estrada do Coco, próxima à pequena vila de Jauá. A casa era enorme, cheia de quartos e banheiros, piscina, churrasqueira e até campo de futebol. Cada fim de semana era a vez de um dos filhos e seus respectivos cônjuges fazerem o papel de anfitriões e cuidarem de todos os preparativos para receber o resto da família. Para Tidinha, sua maior alegria não estava somente no fato dos filhos terem suas vidas arrumadas. A verdadeira felicidade era perceber como se mantiveram unidos, mesmo depois de casados e de irem em busca dos seus próprios caminhos.

Em 1995, a família se organizou para celebrar duas ocasiões especiais. Com os filhos todos casados e vivendo suas próprias vidas, Tidinha passou a viajar regularmente para Euclides da Cunha. Passava semanas na casa da rua da igreja, junto com Periquita e Mariazinha, recebendo visitas dos velhos amigos e lembrando os tempos de mocinha na vila do Cumbe. Ainda que a Carnaíba fosse sua terra natal, Tidinha sempre considerou o Cumbe como seu verdadeiro lar. Além disso, sentia uma apreço especial pela velha casa, já bastante deteriorada pela passagem do tempo. Foi então que teve a idéia de pedir aos filhos que reformassem a casa da rua da igreja.

No início, os filhos fizeram pouco caso do pedido de Tidinha. Não entendiam o apego que a mãe sentia pela casa, ainda mais depois de todo o conforto que passaram a lhe proporcionar com o apartamento em Salvador. Para eles, a casa da rua da igreja representava a lembrança de um passado pobre e difícil, e do qual, por um bom tempo, procuraram esquecer. Mas Tidinha insistiu. Via as coisas de forma diferente. Para ela, a casa da rua da igreja representava as raízes da família, o lugar onde tudo começou. Coisa que, algum tempo mais tarde, os filhos ainda viriam a entender.

A reforma teve início em 1994, sendo concluída no ano seguinte, na data em que a Periquita completou nove décadas de vida. Tidinha estava com 67 anos.

No dia da reinauguração da casa, os filhos colocaram uma placa em uma das paredes, com os seguintes dizeres:

“Com as bênçãos e ajuda de Deus, esta casa foi totalmente reconstruída em 1994 pelos filhos de GLICÉRIO E TIDINHA, a saber, JOSÉ, JOÃO, TOBIAS, ISMAEL, FRANCISCO (aqui nascidos), JUNIOR, JOSÉLIA, AUXILIADORA E SOCORRO, que num testemunho de gratidão a inauguraram na data em que MARIA MAGDALENA CAMPOS (VOINHA) completou 90 anos de idade”.

O aniversário da Periquita foi comemorado em Salvador, com uma bela missa na igreja da Nossa Senhora da Assunção. Os velhos amigos do Cumbe, da Carnaíba, e de outros cantos do sertão e da cidade grande, fizeram questão de comparecer para prestigiar a anciã. Periquita atravessou a igreja entre as palmas dos convidados, acenando para todos os presentes. Acompanhada pelo filho Raimundo, chegou até o altar, onde foi abençoada pelo padre. A Periquita, que outrora fora uma pessoa ríspida e rigorosa, se transformara numa velhinha sorridente e simpática, apesar de, vez por outra, ainda expressar certas rabugices. Os filhos dos seus netos a chamavam carinhosamente de “Bisa”.

O tempo continuou a passar, como passam os dias de chuva, as dores de barriga, as águas de um rio e tudo o mais que parece não ter fim. Dois anos mais tarde, Tidinha recebeu a notícia de que seria avó novamente. Ficou radiante. Finalmente, depois de tanto tempo de namoro, sua filha mais nova resolveu colocar uma criança no mundo. Já num relacionamento estável com Fernando, Coiô deu a luz a um menino. Aos 69 anos de idade Tidinha ganhou o seu último neto. Agora eram dezoito ao todo. Foi nesse período que começaram a surgir os primeiros problemas de saúde.

Primeiro foi a pressão alta que, para o desassossego dos filhos, era agravada pelo excesso de peso adquirido com o passar dos anos. Depois foram as dores no joelho, resultado de uma antiga cirurgia de menisco, o que acabava por dificultar sua locomoção. Mas a preocupação maior ainda estava por vir. Certa manhã, acordou sentindo uma dor persistente na perna. Passou a maior parte do dia sentada, com grandes dificuldades para se mover e sem disposição para se alimentar. Preocupada, ligou para Jozélia, que resolveu levá-la a um atendimento de emergência. Os exames médicos acusaram um quadro de trombose, causada por uma estagnação do fluxo de sangue em uma das veias da perna, em decorrência de problemas de coagulação sanguínea e deficiência de proteína S no organismo. Precisou ficar internada, só recebendo alta depois de alguns dias.

Antes de sair do hospital, Tidinha recebeu a desagradável notícia de que passaria a tomar uma medicação à base de heparina, com a função de evitar a coagulação do sangue. A administração do remédio deveria ser diligentemente monitorada, de

modo a evitar que dosagens equivocadas pudessem deixar o sangue muito fluido, aumentando o risco de hemorragias. Quando soube que teria que tomar o remédio e ser acompanhada por médicos pelo resto da vida, além de ter que fazer uma dieta restritiva para diminuir o peso e controlar a pressão, ficou pensativa por um tempo. Olhou para Jozélia e falou com um tom de indignação, tentando esconder o medo e a tristeza:

- Quer dizer que agora vou ter que passar a ser escrava de médico e de remédio!
Era só o que me faltava!

O medo e a tristeza de Tidinha não eram infundados. Daquele dia em diante, seu estado de saúde passou a apresentar constantes variações, exigindo que as visitas aos médicos fossem cada vez mais frequentes. Acostumada a se locomover pela cidade, sem precisar da ajuda de ninguém para resolver seus problemas, sentiu-se deprimida quando o médico a proibiu de sair sozinha. Consolava-se com a ideia de que, ao menos, tinha Mariazinha por perto para lhe ajudar e lhe fazer companhia. Além disso, a família não deixava de lhe dedicar atenção, principalmente as filhas, as noras e a irmã Adelina, que vinha de São Paulo sempre que podia para passar alguns dias com Tidinha.

Em 2001, aos 73 anos de idade, Tidinha precisou ser mais uma vez internada. Dessa vez, havia sofrido um AVC. Ficou com perda parcial da mobilidade do braço e perna esquerdos, além de não conseguir mais lembrar algumas palavras, o que lhe deixava frustrada em função da incapacidade em formular frases completas.

O episódio do AVC foi a gota d'água para que os filhos tomassem a decisão de tirá-la do apartamento dos Barris. Naquela época, todos já haviam se mudado para o outro extremo da cidade, espalhados entre os bairros de Piatã, Stella Mares e Praia do Flamengo. A distância da mãe lhes causavam preocupação, além de dificultar as visitas. Foi então que Ismael, já gozando de uma ótima situação financeira, resolveu comprar uma casa no mesmo condomínio onde moravam Joza, João, Dorinha e ele próprio. Agora era só uma questão de convencerem as duas senhoras a deixarem o apartamento dos Barris e mudarem-se para a nova casa. Ao saber da notícia, Periquita retrucou:

- Daqui só saio para o cemitério.

Só aceitou ir conhecer a casa depois de muita adulação do filho Raimundo, durante uma de suas visitas a Salvador.

Era uma bela casa, com varandas na frente e nos fundos e um grande quintal com flores, um pé de acerola, um pequeno coqueiro e uma fonte de água artificial. Mas o que agradou mesmo a Periquita foi ver o quarto que haviam preparado para

ela, com imagens de santos nas paredes, um crucifixo acima da cama e sua própria televisão, onde poderia acompanhar a missa todos os dias. Tudo isso, somado aos pedidos do filho querido, foi suficiente para convencê-la a deixar os Barris.

Quanto a Tidinha, o que mais lhe incomodava era perceber que, gradativamente, perdia as rédeas da sua própria vida. Não podia mais fazer as coisas sozinha. Até decisões importantes, como onde passaria a morar daquele momento em diante, já não dependiam tanto do seu consentimento. Para piorar as coisas, a dificuldade em se expressar com clareza, em função das sequelas deixadas pelo AVC, a incapacitavam de formular qualquer argumento em favor do que realmente queria. Não é que não gostasse da ideia de se mudar para Piatã, onde ficaria mais perto dos filhos. Apenas preferia que tal escolha fosse feita por vontade própria, e não por imposição de circunstâncias que fugiam ao seu controle. Lembrou de uma das frases que costumava ouvir da Periquita: “cada qual no seu canto, sofre o seu tanto”. Sabia que não tinha mesmo o que fazer, além de se conformar.



O voo da Periquita

Com o avançar da idade, Periquita começou a adotar alguns hábitos curiosos. Desde que se mudaram para a casa em Piatã, passou a dormir com um pano branco, feito de algodão fino, amarrado na cabeça. Dizia que, sem ele, não conseguia pegar no sono. Ao lado da cama, em cima de uma mesinha de cabeceira onde ficavam algumas imagens de santos, colocava um copo cheio d'água que usava para lavar os olhos pela manhã. Apesar de nunca ter tido problemas de visão, encucou que a idade estava deixando seus olhos secos e ardidados, e que, em breve, estaria cega. Para Periquita, a única maneira de curar a iminente cegueira era lavando os olhos com aquela água que, segundo ela, nunca devia ser trocada, pois era abençoada pelos santos que compunham o pequeno altar. Depois de alguns dias, a água começava a ficar com um aspecto leitoso de tanto acumular as remelas da Periquita. Ficava fura da vida quando Mariazinha resolvia trocar a água do copo. Andava até o quarto da filha para registrar suas reclamações:

- Eu sempre te disse, Tidinha, que essa menina faz tudo pra me deixar doida. Onde já se viu, mexer na minha água benta!

Tidinha escutava sem dizer uma palavra, sentada em uma poltrona reclinável, de onde costumava assistir televisão e passar a maior parte do dia. Não via sentido em tentar responder coisa alguma, principalmente quando se tratava de queixas da Periquita quanto a Mariazinha. Além do mais, tinha que lidar com a frustração

de não mais conseguir elaborar frases corretamente. As palavras viviam a lhe fugir da memória. Com o passar do tempo, foi ficando cada vez mais calada, cada vez mais quieta. Mariazinha era a única pessoa com quem se sentia à vontade para se comunicar. A convivência diária acabou lhe capacitando a entender as frases formuladas com dificuldade e antecipar as palavras que Tidinha não conseguia mais lembrar. Quanto aos outros, Tidinha limitava-se a responder suas perguntas com um simples “sim” ou “não”.

Apesar dos mais de noventa anos, Periquita continuava com uma ótima saúde e uma capacidade de locomoção incomum para as pessoas da sua idade. Andava por toda a casa mudando pequenas coisas de lugar, como se estivesse colocando tudo em ordem. As vezes, passava o dia no quarto, arrumando os seus pertences, abrindo e fechando inúmeros sacos plásticos onde mantinha seus objetos pessoais. Quando não conseguia encontrar algo que procurava, já sabia a quem culpar. E assim Tidinha tinha que escutar mais uma nova reclamação acerca das supostas tentativas de Mariazinha de enlouquecer a Periquita.

Certa feita, sem mais nem porquê, Periquita se engajou no projeto de costurar uma mortalha fúnebre. Bordava com cuidado todos os detalhes do roupão. Quando perguntada o que pretendia fazer com o lutuoso artefato, dizia estar preparando a vestimenta que usaria no dia do seu enterro:

- Preciso estar bem vestida para me encontrar com Nosso Senhor.

Depois de pronta, a mortalha foi cuidadosamente dobrada e guardada na gaveta do armário. Vez por outra, Periquita resolvia lavar a tal vestimenta. Depois de seca, era passada e dobrada com os mesmos cuidados de sempre, para mais uma vez ser colocada na gaveta. Toda vez que a depositava de volta no armário, Periquita soltava um suspiro, como se estivesse impaciente para que chegasse logo a hora de usá-la. Apesar da frustração, sabia que cabia somente a Deus decidir o dia em que poderia vestir a mortalha, de modo que o tempo ainda lhe concedeu a alegria de pegar nos braços a sua primeira trineta, filha do seu bisneto, o filho mais velho de Jozélia.

Era uma alegria para a família ver a Bisa alcançar cinco gerações ainda gozando de uma boa saúde. Ninguém tinha dúvidas de que chegaria pelo menos aos cem anos. Mas, a partir de 2002, para a surpresa de todos, a saúde da Periquita começou a ficar rapidamente comprometida. Em pouco tempo, já não conseguia mais andar e perdeu o controle das próprias funções fisiológicas. Os netos compraram uma cama hospitalar, que foi colocada em seu quarto, e contrataram uma enfermeira para cuidar dela durante o dia. Periquita, ainda lúcida, passava os dias deitada. Sorria com os lábios e com os pequenos olhinhos toda vez que recebia a visita dos netos e bisnetos. Puxava-os para perto de si até encostarem cabeça com cabeça,

apertando-lhes fortemente as mãos e rezando a oração do Santo Espírito. Depois, tocava-os levemente na testa, no peito e no ombros, reproduzindo o sinal da cruz, com se os estivesse abençoando. E, de fato, estava mesmo. Para todos, passar por aquele ritual a cada visita que faziam à Periquita os deixava com uma sensação de paz e de leveza, como se tivessem passado por uma espécie de limpeza espiritual.

Certa manhã, Mariazinha entrou no quarto para acordar a Periquita, anunciando que estava na hora da sua higiene matinal. Não obteve resposta. Mantinha os olhos fechados, deitada de barriga para cima, com o rosto voltado para o teto. Sua pele apresentava uma palidez diferente. Tocou nas mãos da anciã e as sentiu frias. O peito estava imóvel, indicando que não mais respirava. Mariazinha andou até o armário, tirou a mortalha de dentro da gaveta e a colocou em cima da mesinha de cabeceira, ao lado das imagens dos santos e do copo de água benta. Depois foi até a sala, puxou o telefone do gancho e começou a discar. Precisava avisar a todos que a Periquita havia voado para perto de Deus.



Oitenta anos de vida

Os dias seguintes à morte da Periquita foram de bastante movimento. Raimundo, Gracinha e Adelina vieram de Manaus e São Paulo, ficando hospedados com Tidinha na casa de Piatã. Além da presença dos hóspedes, o fluxo de gente na casa acabou aumentando. O enterro da Periquita foi marcado pelo comparecimento de parentes e amigos do interior, que vinham dar o seu último adeus a Maria Magdalena Campos, a Periquitinha da Carnaíba. Aqueles que vieram de longe para prestar suas homenagens, aproveitaram a oportunidade para ficar mais alguns dias na cidade e, assim, ter a chance de matar as saudades de Tidinha.

A casa cheia, como nos tempos do Engenho Velho e do Edifício Flora, ajudou Tidinha a atravessar os primeiros dias de luto. Desde que os seus problemas de saúde se agravaram, as condições físicas não mais lhe permitiam visitar o Cumbe. A saúde, agora frágil, e a capacidade de locomoção limitada, preocupavam os filhos, que preferiam que ela evitasse se afastar muito de casa e da família. Começara a ter dificuldades até para fazer as caminhadas matinais e os exercícios de hidroginástica na piscina da casa de Dorinha, ambos recomendações médicas para ajudar com os problemas de pressão e circulação. Com o tempo, foi ficando angustiada e ansiosa. Temia que, a qualquer momento, a morte batesse à sua porta. Não que tivesse medo de morrer. Apenas não queria sair deste mundo sem se despedir dos velhos amigos e parentes ainda vivos. Visto dessa forma, o falecimento da Periquita pelo menos lhe proporcionou a oportunidade de rever alguns daqueles que agora pareciam estar tão longe e inacessíveis.

Foi depois que tudo se acalmou e que a rotina da casa voltou à normalidade que Tíndia se deu conta da falta que lhe fazia a Periquita. Viveram juntas por toda uma vida. Tiveram uma relação complicada, é verdade. Mas nem as surras durante a infância, nem a morte de Glorinha, nem as pouquíssimas demonstrações de afeto, nem mesmo a mágoa que guardava da mãe em relação a sua predileção pelo filho Raimundo, foram suficientes para endurecer o coração de Tíndia. Maria Magdalena fora sua mãe e, como mãe, foi a primeira pessoa no mundo a amá-la, ainda que de forma rude, da maneira que aprendera com a vida. Em troca, Tíndia a amara como ama a terra o sertanejo. Aquela terra árida, que o castiga, que o aprisiona na pobreza e testa os limites da sua resistência e da sua lealdade, é a mesma terra que não lhe sai do pensamento e nem do coração. Afinal, todo sertanejo sabe que não é a terra que o maltrata, e sim a seca, a falta de chuva. Por isso o sertanejo segue amando a sua terra, da mesma forma que seguiu Tíndia amando a Periquita, ainda que na falta de afeto.

Quando decidiram o que fazer com os pertences da Periquita, Tíndia fez questão de ficar com o pano de algodão branco que ela usava para dormir. Como fazia a anciã, passou a colocar o velho pano sobre a cabeça ao se deitar à noite. De olhos fechados, sentia o pano tocar suavemente sua cabeça, até pegar no sono. Às vezes, imaginava que era a mão da Periquita acariciando-lhe os cabelos, fazendo em sonho os carinhos que não soube dar-lhe em vida.

Também passou a segurar forte nas mãos dos filhos e dos netos durante as visitas, puxando-os para perto de si, assim como fazia a Periquita com os netos e os bisnetos. Mas, ao contrário da mãe, olhava-os com um olhar de súplica, como se não quisesse deixá-los partir, implorando com os olhos que ficassem por um pouco mais de tempo. Principalmente para as filhas, aquele gesto era de apertar o coração. Por mais que precisassem cuidar de suas vidas, não queriam se afastar da mãe.

Os anos passados em Piatã teriam sido os mais tranquilos da vida de Tíndia, não fosse pelas oscilações no seu estado de saúde e pelas constantes idas e vindas ao hospital. Passava por cirurgias e exames invasivos, os quais, não raro, resultavam em complicações, infecções e internamentos na UTI. Por mais de uma vez, quase fora desenganada pelos médicos. A cada procedimento a que Tíndia era submetida, os filhos eram alertados:

- O caso dela é muito grave. É possível que não venha a resistir.

A família esperava pelo pior. Os netos eram avisados para que fossem visitar a avó assim que pudessem, pois poderia ser que não tivessem outra oportunidade. Mas, como num milagre, o quadro sempre se revertia. Tíndia recobrava a consciência e, mais uma vez, podia voltar para casa. Era como se insistisse em não desistir da

vida. Ou talvez fosse a vida que insistisse em não desistir de Tíndia. Fosse como fosse, para a alegria da família, alguma coisa ainda lhe mantinha presa a este plano.

Em casa, Tíndia relatava para Mariazinha as visões que tivera durante os períodos em que passara desacordada. Dizia ver pessoas ao redor da sua cama. Eram pessoas simples, como o povo do sertão. Faziam orações pela sua cura e agradeciam por favores que ela, um dia, os havia prestado. No entanto, nunca conseguia lembrar quem eram tais pessoas ou que favores teriam sido estes. Quando os filhos ficavam sabendo de tais visões, vinham conversar com a mãe, em busca de detalhes. Tíndia se limitava a responder com as frases curtas de sempre, como se acostumou a fazer após o episódio do AVC, de modo a frustrar a curiosidade dos filhos. Mariazinha continuava a ser a única pessoa com quem realmente sentia-se a vontade para conversar. Era como se as duas fossem unidas por alguma ligação especial.

Numa certa ocasião, uma infecção urinária deixou Tíndia fortemente debilitada, tendo que ser rapidamente internada. Na mesma época, Mariazinha precisou fazer uma série de exames, em função de fortes dores de cabeça que vinha sentindo há algum tempo. Para o desespero de todos, foi diagnosticada com um tumor no cérebro. As duas foram internadas no mesmo dia, em hospitais diferentes.

A infecção de Tíndia se generalizou. A situação se agravou e Tíndia precisou ser transferida para a UTI, onde permaneceu desacordada, sob o efeito de fortes sedativos. Mais uma vez, alertada pelos médicos, a família imaginou que talvez tivesse chegado a hora do adeus. Enquanto isso, Mariazinha passava por um tratamento intensivo à base de corticoide, na esperança de reduzir o tumor. O tratamento funcionou e o tumor regrediu de forma significativa. Curiosamente, poucos dias antes de Mariazinha receber alta, Tíndia recobrou a consciência. No momento em que abriu os olhos, Dorinha segurava a sua mão, rezando ao lado da cama. Sem demonstrar a dificuldade usual em elaborar as frases, Tíndia olhou para a filha e falou:

- Oh, minha filha! Já é tão tarde e você ainda está aqui! Vá descansar em sua casa, que eu estou bem! Tem notícia da Maria?

Dorinha caiu em prantos. Quando começara a achar que a despedida seria inevitável, mais uma vez a mãe era arrancada das mãos da morte. Coincidentemente, Tíndia e Mariazinha receberam alta no mesmo dia. Chegaram na casa em Piatã quase que ao mesmo tempo. A família podia, finalmente, respirar aliviada. Foi dessa forma que, entre doenças e curas, Tíndia seguiu vivendo. Viveu ainda tempo suficiente para comemorar o seu aniversário de oitenta anos.

Nunca antes Tíndha havia tido a oportunidade de reunir tanta gente querida, num mesmo dia e num mesmo lugar, como em sua festa de oitenta anos. Vieram os velhos amigos e antigos vizinhos dos muitos lugares por onde passou durante a vida. Além dos irmãos, filhos, genros, noras, sobrinhos, netos, bisnetos, afilhados, compadres e comadres, compareceram toda sorte de parentes distantes e agregados, que vinham do Cumbe, da Carnáiba, Feira de Santana e tantos outros lugares para celebrar os oitenta anos de vida de Tíndha.

Tudo foi organizado pelos filhos, que não mediram despesas para dar à mãe a melhor festa de aniversário que já tivera. Joza, Dorinha e Coiô se encarregaram da produção. Comida e bebida à vontade, música ao vivo, projeção de fotos e apresentação de teatro. O centro social do condomínio quase não coube de tanta gente. Num mural colocado no salão de festas, foram deixadas mensagens escritas pelos convidados. Ao final, filhos, netos, bisnetos, genros e noras fizeram fila ao lado de Tíndha, cada um com um ramalhete de flores para entregar à aniversariante. As lágrimas desciam pelo rosto da octogenária.

Para muitos dos convidados, aquele encontro foi mais do que uma simples festa de aniversário. A oportunidade de rever Tíndha, àquela altura da vida e nas condições de saúde em que se encontrava, era a chance de se despedir de uma pessoa querida. Alguém que, por alguma razão, havia tocado suas vidas de maneira especial. Os mais velhos, principalmente, deixaram a festa com a certeza de ser aquela a última vez que veriam a amiga, ao menos até o dia em que voltassem a se encontrar num outro nível de vínculo.

A festa chegou ao fim com a partida dos últimos convidados. Tíndha foi para casa acompanhada das filhas e de Mariazinha. Passaria os próximos dias abrindo os presentes e lendo as mensagens escritas no mural. Vivera uma noite de princesa. Sentia-se como uma adolescente de quinze anos. Era 7 de março de 2008, dia em que Tíndha completou oito décadas de vida.



O umbuzeiro

Em meio ao cenário inóspito do sertão nordestino, onde reina soberana a caatinga, existe uma árvore que se diferencia de todas as outras. É uma árvore de pouca altura, porém de copa larga e frondosa, capaz de proporcionar sombra e aconchego aos que sob ela procuram abrigo. Dos seus longos galhos, nasce uma pequena fruta, suculenta e agridoce, cujo gosto distinto nem sempre agrada aos que com ela não estão acostumados. Suas raízes são capazes de armazenar água e produzem um tubérculo que é utilizado como alimento nas épocas de grande estiagem. Os indígenas, primeiros habitantes da região, a chamavam de “ymbu”, que significa “árvore-que-dá-de-beber”, hoje conhecida como umbuzeiro. Símbolo de força e resistência, o umbuzeiro foi batizado pelo escritor Euclides da Cunha como a “árvore sagrada do sertão”.

Escutar a história de Hilda Campos de Abreu é como ouvir Euclides da Cunha dissertar sobre tal árvore sagrada. Para aqueles que fizeram parte de sua convivência, lembrar de Tidinha é como ser transportado ao universo simbólico do que representa o umbuzeiro para o sertanejo. Tal viagem, no entanto, exige um preço. Preço pago com lágrimas. Lágrimas de tristeza, de saudade e de alegria. Alegria pela fortuna de a terem tido em suas vidas. Hoje, apenas em suas lembranças. Tristeza e saudade pela partida de uma amiga, de uma irmã, de uma mãe.

Tidinha nasceu e cresceu em meio à pobreza do sertão baiano, desafiando e sobrevivendo às penúrias de uma terra seca e árida. Em vida, mitigou a sede

de muitos, abrindo os braços acolhedores como os galhos de um umbuzeiro, a oferecer sombra e descanso aos que chegam ao seu encontro. Por trás da forma rude e assertiva de se expressar, sequelas do determinismo de um meio hostil e de uma vida árdua, escondia-se a doçura de mulher, de esposa e de mãe, como se esconde a doçura do umbu por trás do seu gosto azedo. Ainda que o destino a tenha arrancado do lugar onde nasceu, viveu fiel às suas raízes. Nunca deixou de ser sertaneja, filha da Carnaíba.

Tidinha partiu deste mundo no dia 9 de novembro de 2011, aos 83 anos de idade, vítima de um infarto. Sua trajetória ecoa a história das tantas mulheres do sertão nordestino, pedras angulares das famílias de retirantes que partem para as cidades grandes em busca de uma vida melhor. São elas as verdadeiras árvores sagradas do sertão, exemplos de força e resistência.

Um dia, o rapaz magro, de olhos azuis e faces rosadas, filho de lavradores, resolveu que não se deixaria escravizar pelas circunstâncias. Colocou o pé na estrada e partiu em busca de um sonho. Fez da sua vida a missão de prover para os filhos as oportunidades que lhe faltaram. A missão foi cumprida, ainda que o rapaz tenha partido cedo demais para ver crescerem os frutos das sementes que plantou. Até o momento da sua despedida, Glicério teve Tidinha sempre ao seu lado. Sua esposa e companheira. Seu umbuzeiro. Sua árvore sagrada.



Tidinha



Francisco, José, João, Tobias, Ismael, Glicério Júnior,
Auxiliadora, Tidinha, Socorro e Jozélia



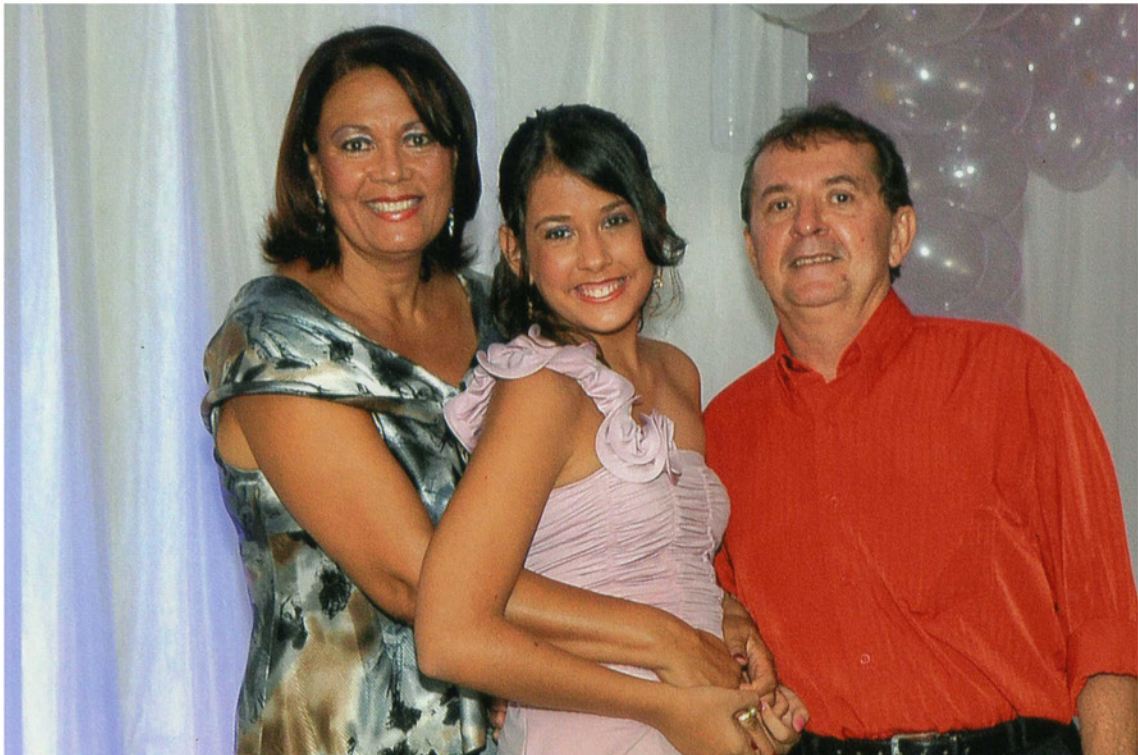
Marcelo, Márcio, Carmosa, Maurício e JOSÉ



JOÃO, Milena e Sônia



Mariana, Leonardo, Toinho, Carla e JOZÉLIA



Dida, Fernanda e TOBIAS



Rafael, Vitória, ISMAEL, Daniela e Fábio



Cláudio, Joana, Guilherme e AUXILIADORA



FRANCISCO, Camila, Thais e Lucy Mary



SOCORRO, Bruno e Fernando



Mônica, Vinícius e GLICÉRIO JÚNIOR



Rodrigo, TIDINHA e Mariazinha





sertaneja



sertaneja